REVISTA DA SEMANA

Nº 45 — 5-11-49

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

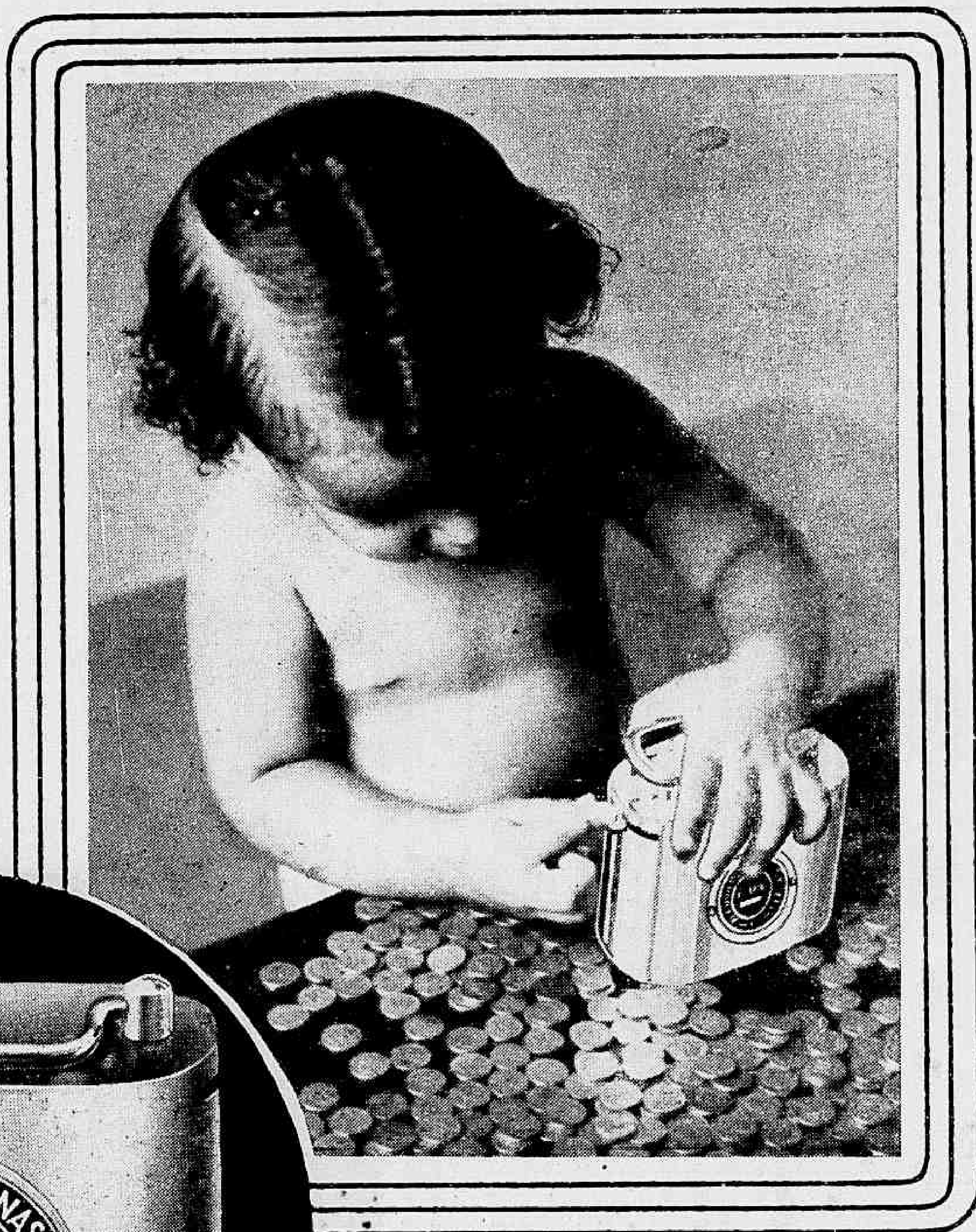




NO TEXTO

MUITO TRABALHO E POUCO DINHEIRO

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL Cr$ 60.000.000,00

FILIAL: Av. Presidente Vargas, 509

AGÊNCIAS NO RIO: Bandeira, Castelo, Madureira e Ramos

QUEM NÃO TEM COMPETÊNCIA...

COM a recente disposição da Prefeitura do Distrito Federal disciplinando a colocação de faixas, cartazes e outras inscrições de fins eleitorais nas principais ruas, praças e avenidas do Rio, os interessados em alistamentos para as próximas eleições precisam dispor de bons escritórios para arregimentação de seus futuros eleitos.

Se com o uso e abuso de propaganda nas ruas, nas árvores, nos postes, nos tapumes, ésses escritórios eram necessários, imagine o leitor o que não sera agora com a proibição da Prefeitura!

Nosso fotógrafo, aproveitando uma hora de folga saiu por aí fora a apanhar désses flagrantes.

De tudo isso resultóu que os cabos eleitorais preferem as fachadas dos edifícios da avenida Presidente Vargas para ali exibirem as vistosas tabuletas de seus candidatos.

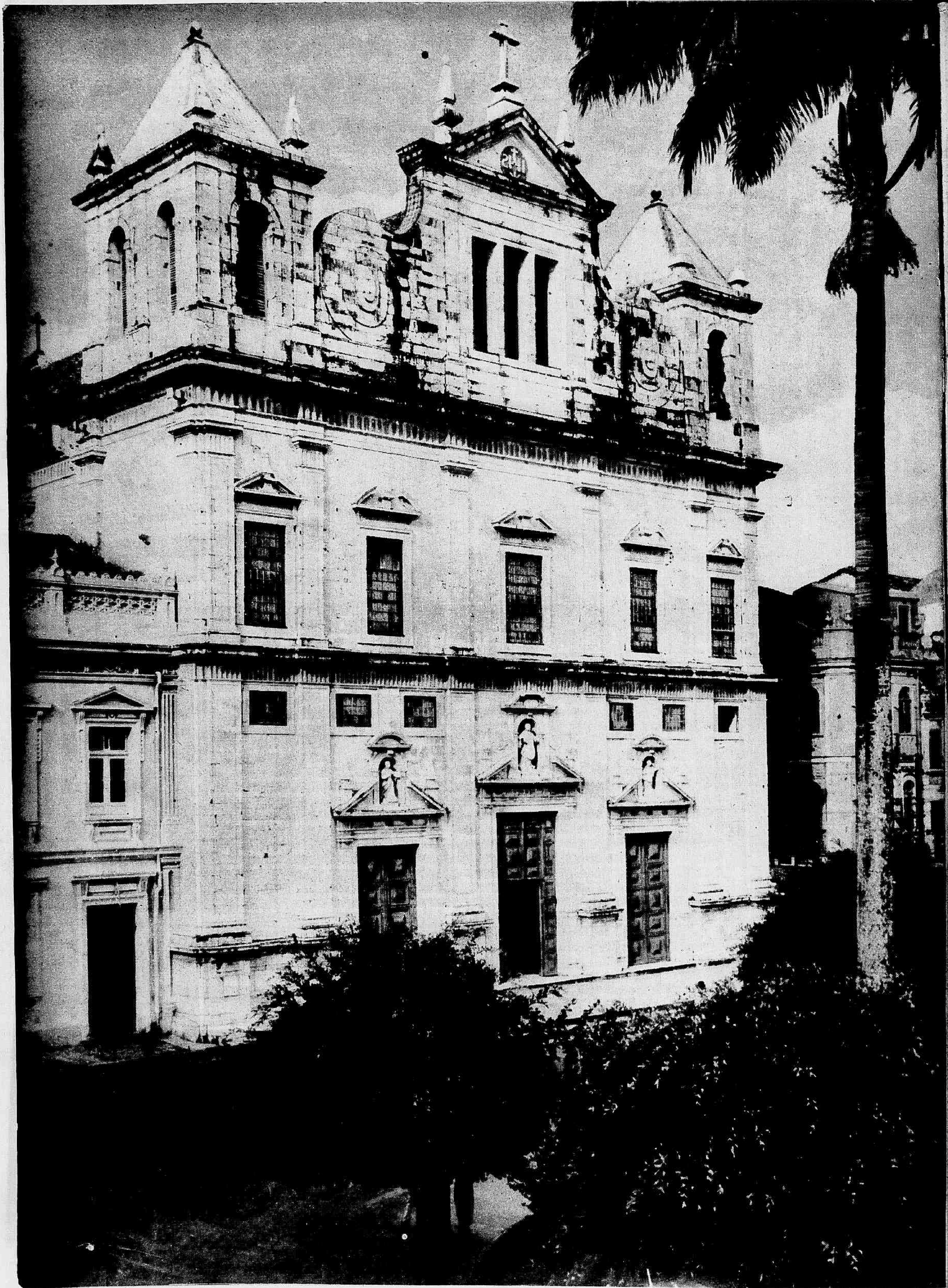
Um escritório eleitoral tem a vida curta das rosas de Malherbe. Passada a agitação, as portas do novo estabelecimento fecha e fica de ferias ate novas ordens constitucionais.

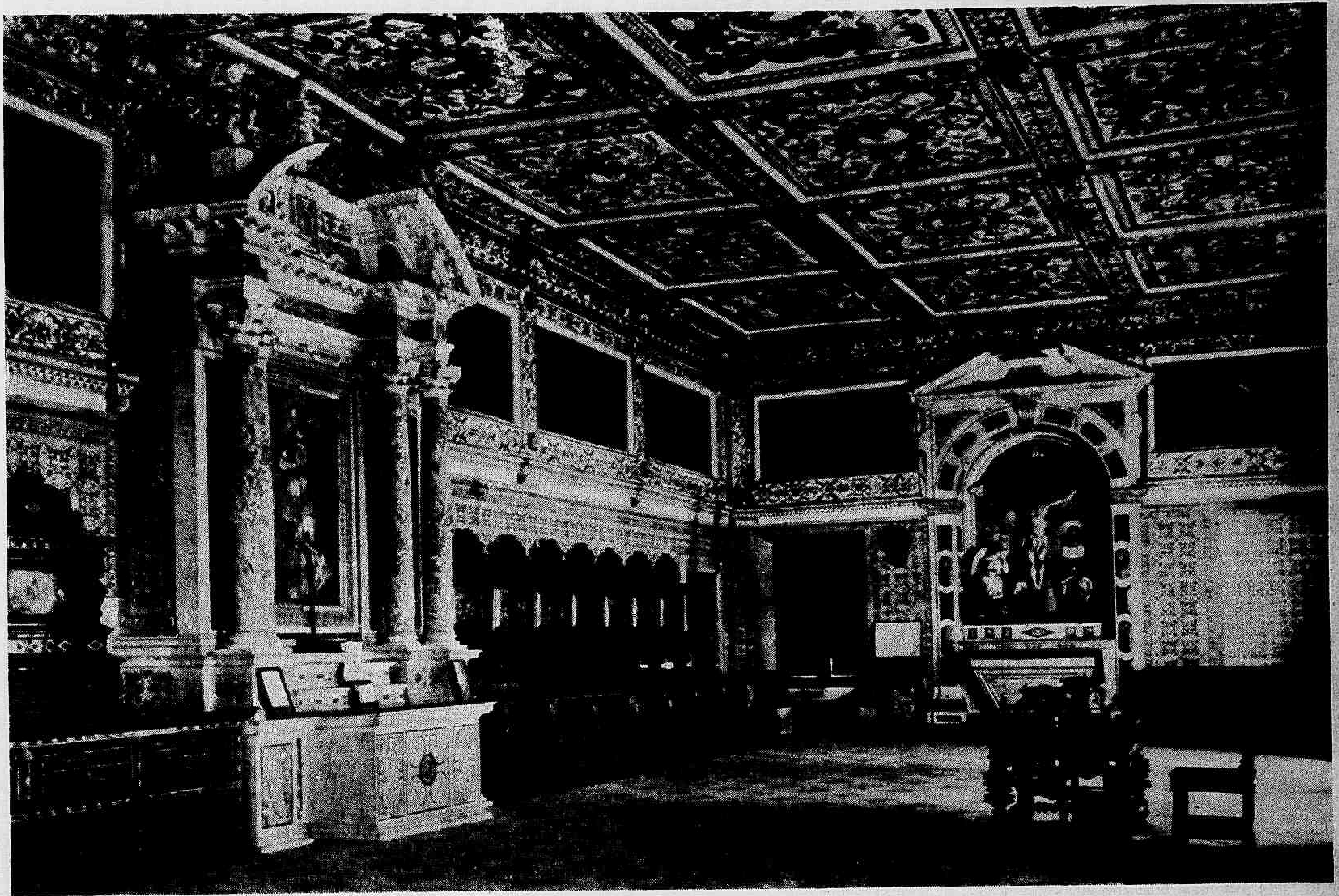
Pelas nossas leis, todo individuo em pleno gôzo de sua cidadania é obrigado a votar, sob pena de responder penaimente pela desidia. Somente as mulheres não funcionárias públicas estão isentas dêsse dever cívico, e somente votarão se assim o desejarem.

Dos homens, somente os anallabetos, os miseraveis, os cegos, os praças de pre e outros militares de menor categoria hierarquica. O mais e obrigado a ir à bôca das urnas depositar suas cédulas eleitorais, sem o que incorrem nas penalidades previstas em lei.

Agitam-se agora os meios politicos e comecam a surgir à fachada de vários edifícios os letreiros com as iniciais dos partidos que se alinham na frente de batalha para disputar os vários cargos a preencher no próximo ano.

"Quem não tem competência não se estabelece" diz o provérbio lusitano, e dentro de poucos meses vamos ver "quem tem garrafas vazias para vender".





ESTA é a suntuosa Catedral-Basílica da Cidade do Salvador, cuja construção data de 1570 e nos seus princípios pertenceu ao antigo Colégio dos Jesuítas. Foi em seu interior, diante da imagem de N. S. das Maravilhas, que Vieira sentiu o famoso "estalo". Em cima, a sacristia, vendo-se a cadeira do Padre Vieira. Obra de talha, cobre e mármore branco.

MARCOS DE NOSSA FÉ E MONUMENTOS DE NOSSA HISTÓRIA

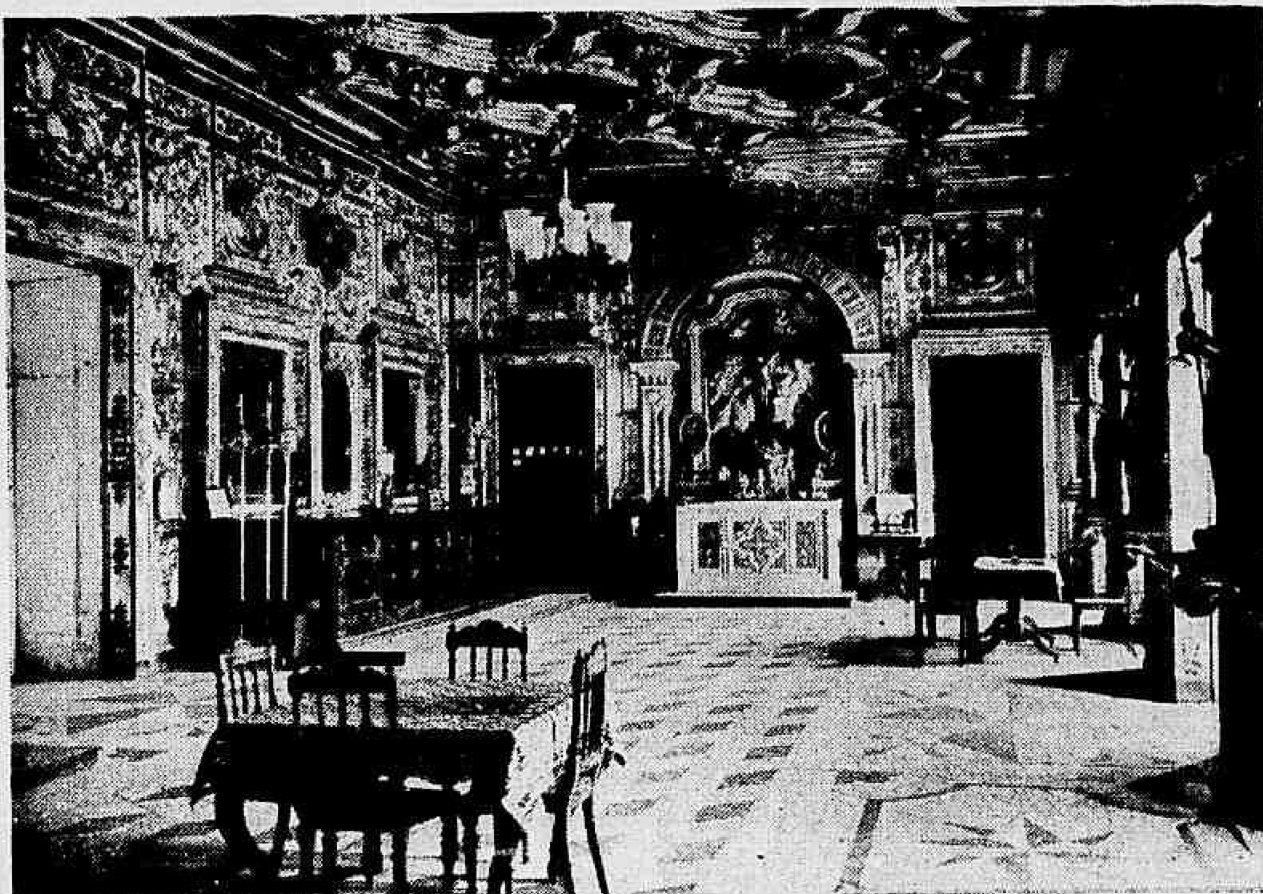
Preciosas relíquias do nosso passado ★ Os principais templos da Cidade do Salvador ★ A Catedral Basílica ★ O Convento do Carmo ★ Igreja da Vitória ★ Conceição da Praia ★ V. O. 3.ª de S. Francisco

De Antônio Loureiro de Sousa

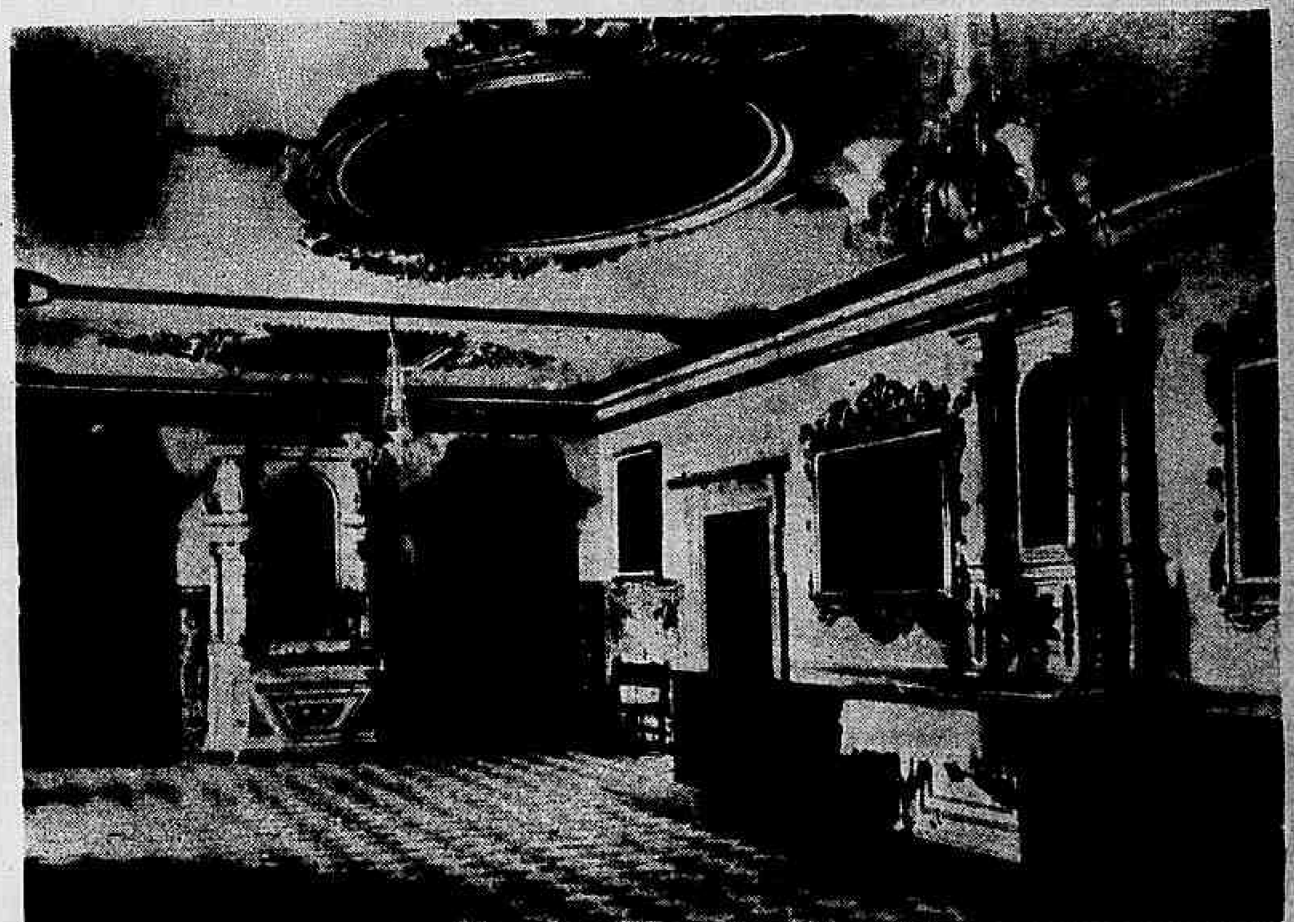
NESTE ano dos centenários, em que a Bahia festeja os quatro séculos de sua fundação e instituição do primeiro Govêrno Geral no Brasil e, também, o primeiro centenário de nascimento de Rui Barbosa, é justo se divulgue, mais ainda, as preciosidades do seu patrimônio histórico e artístico, que relembram uma época brilhante do nosso passado e falam, bem de perto, sôbre os primórdios da nossa formação. Com êsse escôpo é que estamos divulgando, em rápidos traços, à guisa, mesmo, de reportagem, o que de mais precioso possuímos. Iniciaremos estas nossas notas escrevendo algo sôbre as principais igrejas da velha Cidade de Tomé de Souza, que ainda há pouco comemorou, jubilosa, o transcurso dos seus quatro séculos de fundação, ensejando que o govêrno e o povo promovessem as mais expressivas festividades, culminando com o desfile do "Cortêjo dos quatro séculos", em que se procurou reconstituir aquêle passado glorioso e reviver os feitos dos nossos ancestrais.

Os motivos históricos e antigos da nossa cidade sempre constituíram atração para pessoas de fora, principalmente estrangeiras. Antes da guerra, atraídos pelo que preciosamente possuímos, relíquias magníficas do nosso passado, especialmente os templos, era grande o movimento de visitantes. A par da beleza natural que possui a cidade, aquêles monumentos eram o imã que atraía os alienígenas, ansiosos por conhecerem o que nos ficou das épocas primevas, cujo fausto é o nosso encantamento e cuja tradição é o nosso orgulho.

(Cont. na pág. 49)



A SACRISTIA do Convento do Carmo, onde se pode apreciar os lavores do teto, notável mostra d arte religiosa. Data o convento de 1585 e aí se registraram fatos históricos



SACRISTIA da Ordem 3.ª de S. Francisco, cujo templo foi iniciado em 1702. E' a igreja em estilo barroco, com a fachada de pedra trabalhada a cinzel, obra prima da época

A PERSONAGEM DA SEMANA



General Alcio Souto, que, a 29 de outubro de 1945, comandou as tropas motorizadas

Comemorou-se no sábado que passou, o dia 29 de outubro, data que marcou o fim do período ditatorial que infelicitou a nação e o início de uma nova era democrática em nosso país.

Êsse dia significa uma nova etapa em nossos destinos políticos e, embora nossa democracia ainda se mostre vacilante, insegura, em certos aspectos da vida republicana nesse novo regime a que se convencionou chamar de "Terceira República", não se pode esconder que nos escaminhamos para uma situação de firmeza e compreensão geral no sentido da democracia sem penumbras e falhas lamentáveis.

Dentre as figuras mais destacadas do dia 24 de Outubro de 1945, é da maior justiça salientar o general Alcio Souto, que, àquele tempo, era o chefe das fôrças motorizadas e foi um dos fautores do movimento para a derrubada do govêrno ditatorial, sem derramamento de sangue.

Sentimo-nos satisfeitos em registrar nesta coluna o seu nome como o da personagem da semana que passou, sobretudo porque está êle desaparecido do rol dos vivos, o que não sucede com os outros companheiros do movimento armado, os quais ainda estão vivos.

Foi Alcio Souto uma das principais figuras do movimento que ora comemoramos. E, se estivesse vivo haveria de ver que não foram baldados os seus esforços cívicos e sua coragem militar naquele dia memorável bastando para isso olharmos o presente panorama brasileiro em tôrno da próxima sucessão presidencial.

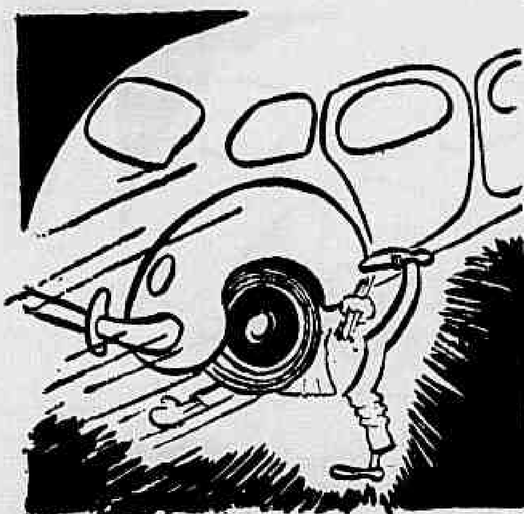
Antigamente bastava que meia dúzia de figurões apontasse o candidato para já estar o nome indicado praticamente eleito. Hoje, com o voto secreto, com a fôrça partidária das organizações políticas, os líderes dos maiores e mais poderosos partidos, mesmo que contem com o apôio do dinheiro ou das simpatias do poder, não se julgam firmes para uma campanha eleitoral, o que vem provar que, pelo menos nesse ponto, o movimento de 29 de outubro foi salutar e caminha para o aperfeiçoamento.

Realmente, conquistas que a Revolução de 1930 havia feito para o Brasil, foram, de um momento para outro, sepultadas pela Ditadura; mas, agora, surgem fortalecidas em face dos acontecimentos de 29 de Outubro. E há pelo menos uma esperança de que o exercício da Democracia entre nós termine ensinando ao povo como viver no regime democrático. Uma coisa é certa: o voto é realmente secreto, somos realmente governados por uma Constituição diante da qual todos têm direitos e obrigações.

A felicidade da Nação está, em verdade, nas mãos do povo. Que êste, antes de tudo, aprenda a votar. De qualquer maneira, o dia 29 de Outubro foi uma grande dádiva ao Brasil.

A SEMANA EM Revista

VÍTIMAS DE AUTOMÓVEL



É o Rio de Janeiro a cidade em que se verifica maior número de acidentes de trânsito. Esta capital apresenta índices muito mais elevados do que Nova York e São Paulo, dentro das relatividades correspondentes às massas de população.

No dia 15 dêste mês de outubro morreram, vítimas de pneus, nada menos de cinco pessoas, o recorde de acidentes fatais até aquela data, tomando-se por base o dia.

Qual o motivo por que tanto se mata e tanto se morre aqui, de desastres com automóveis e similares?

Ao que tudo indica o principal motivo é a mania da corrida, o mau hábito de passar-se pelas esquinas em disparada, e, especialmente, pelo costume muito nosso de ninguém prestar atenção aos sinais luminosos, tanto em relação a pedestres, como em relação aos veículos.

Poste-se uma pessoa em qualquer das esquinas da Avenida Rio Branco que tenha postes de sinalização para veículos e pedestres, e vá anotando os casos de indisciplina quanto a tais prescrições municipais.

Como não há inspetores de tráfego, os senhores motoristas não têm mãos a medir e vão atravessando faixas e cruzamentos de ruas, desrespeitando os sinais mais visíveis.

A Semana do Trânsito que voltou a ser adotada e que já se prolonga por outro tanto, é da maior utilidade; mas, não sendo geral, seus benefícios se limitam a uma parte mínima da cidade. E os desastres continuam...

AS PULGAS NO MUNDO



O flagelo não é apenas no Rio. Segundo lemos num telegrama da Reuter, expedido de Genebra para nossa imprensa, a praga de pulgas é fenômeno mundial.

Uma guerra intensiva contra os ratos e as pulgas, num esfôrço para livrar a Índia, a China e outros países afetados pela praga, será iniciada no próximo ano, em conseqüência das recomendações feitas pelo Comité de Peritos da Organização Mundial de Saúde.

Cinco ou seis peritos de um grupo técnico internacional orientarão a guerra aos insetos e roedores. Suas armas principais consistirão de inseticidas tais como DDT e o novo Iodo, o grande exterminador dos ratos, arganazes e camondongos, à base de fluor acetato de sódio.

Êsses elementos de aniquilamento de pragas já foram empregados com êxito na América do Sul, onde, em Timbes, no Peru, uma praga foi extinta em quatro dias.

Por essa notícia verificamos, caro leitor, que o mal não é um caso carioca, e sim, mundial. Já não fala um ou outro higienista, e sim uma organização internacional reconhecida por todos os governos.

Matar pulgas e ratos vai constituir um esporte daqui para diante. As pulgas no mundo já estão dando dor de cabeça aos higienistas, aos administradores, aos responsáveis pela saúde dos povos, pela tranquilidade das nações.

E é bom que tudo se faça com a maior brevidade, para que evitemos o mundo das pulgas...

OPORTUNA PROFISSÃO



Lemos num jornal desta capital um anúncio que dizia, mais ou menos isto: "Intelectual de idoneidade encarrega-se de escrever discursos, conferências, artigos, teses, relatórios etc., para as pessoas muito ocupadas e que precisam apresentar tais trabalhos intelectuais".

Como não podia deixar de ser, o anunciante se prontifica a encarregar-se de tudo aquilo e guardar o maior sigilo quanto aos seus clientes.

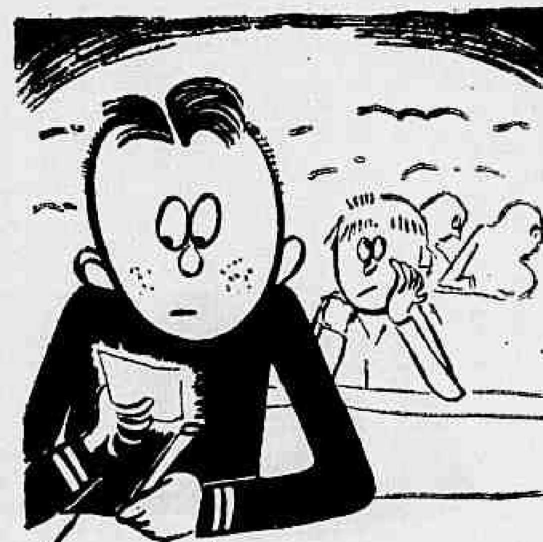
Aí está uma profissão ainda pouco explorada entre nós. O que temos visto até agora é o favor prestado por intelectuais a pessoas que não têm muito tempo para escrever suas peças literárias, e que, no final das contas, são elogiados pelos ouvintes, enquanto o verdadeiro autor da falação não recebe um sinal de agradecimento por parte do glorioso orador.

E essa nova modalidade profissional chega mesmo na hora H.

A campanha presidencial está aí, e, com ela, renovações de mandatos legislativos em geral.

Muita gente tem idéias, sabe pensar, mas não tem jeito para a oratória. Como não é possível ser deputado, vereador, senador ou Presidente da República sem falar ao povo, chegou o momento de confiar ao "intelectual idôneo" belas peças de erudição. Mas, cuidado com certas palavras! Não vão trocar "quiçá" por "cuíca"...

A COLA ESTUDANTIL



Conforme divulgou a imprensa desta capital, não é somente entre nós que os estudantes recorrem ao auxílio da "cola" para passar nos exames.

Também nos Estados Unidos a instituição salvadora é largamente usada, conforme estatística organizada por um mestre.

Entre os alunos das Universidades americanas o professor Howard Wilson fêz circular a seguinte pergunta, com resposta facultativa e não obrigatória: "Por que motivo faz uso da cola nos exames?"

Duzentos e vinte e quatro estudantes declararam: "Colo porque a Universidade me poria para fora se eu não passasse nos exames".

Cento e noventa e três outros, deram esta razão: "Colo por causa de minha família, para evitar que digam que não faço nada".

Cento e oitenta e cinco universitários disseram: "Colo para conservar minha bolsa de estudos".

Cento e sessenta esclareceram da seguinte maneira: "Colo para defender um diploma que me garanta um emprêgo".

Mas, oitenta e quatro rapazes e moças assim se saíram da dificuldade: "Colo porque é fácil colar".

Outros cinquenta e oito estudantes revelaram o segrêdo: "Colo porque tôda gente cola".

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ N.º 45 — 5 DE NOVEMBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR

Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1018; Portaria: 22-5602

Puxe pelo Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3 ...	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10 ...	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15 ...	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19 ...	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte ...		O gênio em pessoa

1 O FAMOSO ADUBO "GUANO", É OBTIDO DE:
— Plantas?
— Sais minerais?
— Dejeções de aves marinhas?

2 QUAL A ESTRÊLA MAIS PRÓXIMA DA TERRA:
— Vênus?
— O sol?
— Marte?

3 QUAL DENTRE ÊSTES PLANETAS O QUE TEM DEZ SATÉLITES:
— Saturno?
— Netuno?
— Júpiter?

4 DE QUE PAIS SE ORIGINOU O LIMOEIRO:
— Do Peru?
— Da Grécia?
— Da Polônia?

5 É O OXIGÊNIO UM:
— Corpo composto sólido?
— Um produto mineral?
— Um metalóide gasoso simples?

6 QUAL DENTRE ÊSTES METAIS PRECISA DE 1.500 GRAUS DE CALOR PARA FUNDIR:
— O ferro?
— A platina?
— O cobre?

7 O NOME CIENTÍFICO DA ÁGUA É:
— Hidrato de carbono?
— Óxido de hidrogênio?
— Hidrato de potássio?

8 O TEMPO ATUAL SE CONTA:
— Do nascimento de Cristo?
— Da morte de Cristo?
— Da fundação de Roma?

9 UM LUSTRO CORRESPONDE A:
— Dez anos?
— Quatro anos e meio?
— Cinco anos?

10 A QUARTA-FEIRA DE CINZAS CAI SEMPRE:
— 38 dias antes da Páscoa?
— 45 " " " "
— 30 " " " "

11 QUAL O NOME DA MATÉRIA CORANTE DO SANGUE:
— Hematosina?
— Hemoglobina?
— Baton Rouge?

12 DE QUANTOS OSSOS É FORMADO O CRÂNIO DE UMA PESSOA ADULTA:
— Cinco?
— Seis?
— Oito?

13 QUANDO COMEÇOU A ERA REPUBLICANA DA CONVENÇÃO FRANCESA:
— A 22 de dezembro de 1791?
— A 22 de setembro de 1792?
— A 14 de julho de 1789?

14 DE QUAL DESTAS GUERRAS FOI JOANA D'ARC HEROÍNA E MÁRTIR:
— Guerra dos Cem Anos?
— Guerra das Duas Rosas?
— Guerra dos Trinta Anos?

15 NAPOLEÃO BONAPARTE ESTEVE NA ILHA DE ELBA COMO:
— Exilado político?
— Prisioneiro dos inglêses?
— Como soberano da ilha?

16 QUEM DESCOBRIU O ALUMÍNIO:
— Thales de Mileto?
— Humphrey Davis?
— Saint-Clair Daville?

17 QUAL A CIDADE QUE APRESENTOU AO POVO O PRIMEIRO RELÓGIO DE TORRE:
— Constantinopla?
— Londres?
— Madri?

18 A FÔRÇA DE ATRAÇÃO DO IMÃ É:
— Magnética?
— Muscular?
— Elétrica?

19 DOS 500 MILHÕES DE QUILÔMETROS QUADRADOS DA SUPERFÍCIE DO MUNDO, QUEM OCUPA MAIS ESPAÇO:
— A terra firme?
— Os mares?
— Os rios e lagos?

20 QUAL A MAIOR ILHA DO MUNDO:
— Bornéo?
— Inglaterra?
— Nova Guiné?

(Respostas na página 58)

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa alguns vidros de **Ventre-Livre**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

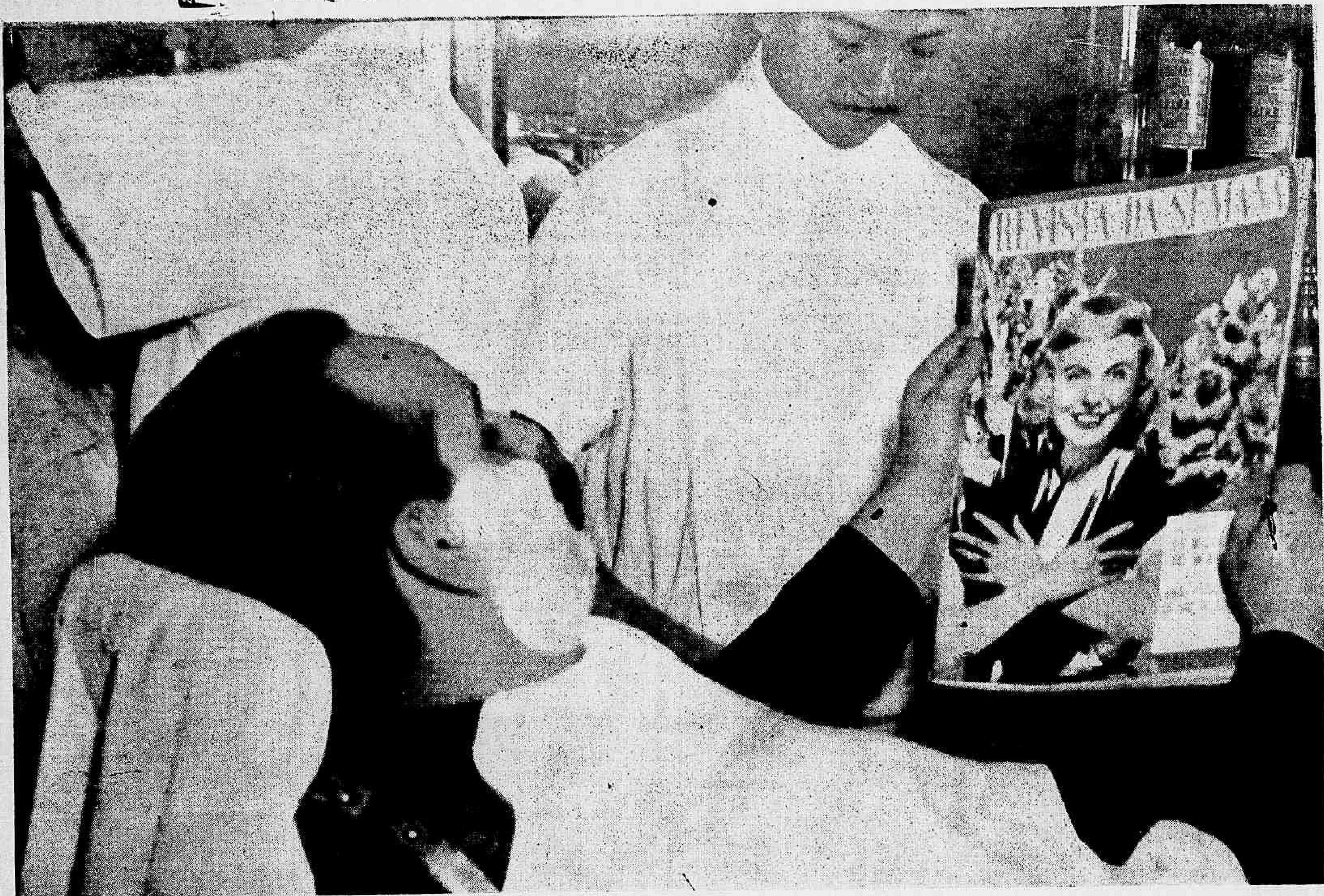
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha



O SABÃO já está amolecendo a barba na face do fregoês, que aproveita o tempo, enquanto o barbeiro afia a navalha para passar uma vista d'olhos na **REVISTA DA SEMANA**

CONVERSA DE BARBEIROS

CURIOSIDADES E ASPECTOS DA VIDA DIÁRIA NAS BARBEARIAS ★ BATE-PAPOS A RESPEITO DE QUALQUER ASSUNTO ★ POLÍTICA, FUTEBOL, CORRIDAS, TEATRO, JÔGO DO BICHO, CRÔNICA POLICIAL E MULHERES ★ VERDADEIRA AGÊNCIA DE INFORMAÇÕES

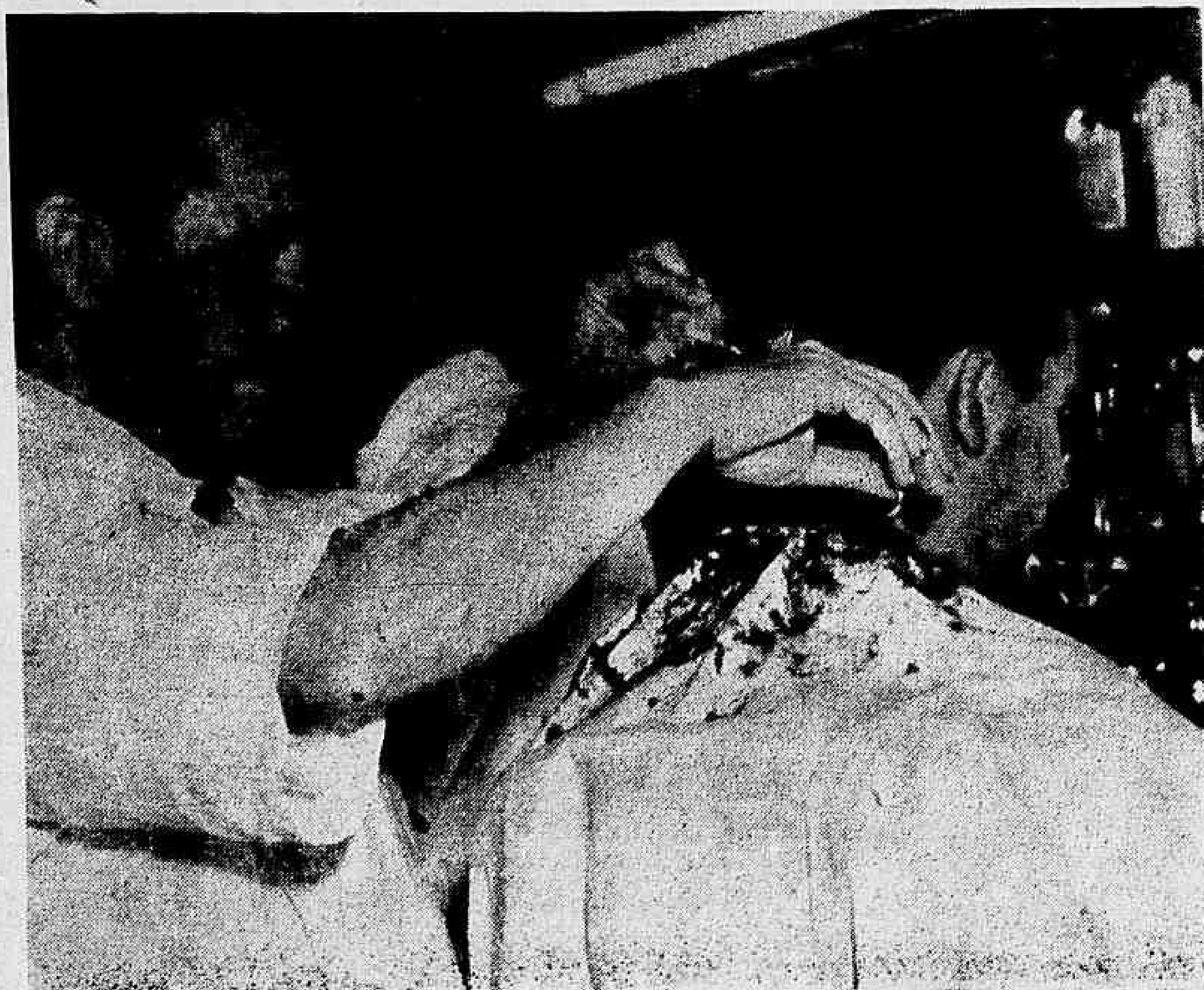
Por SABINO CANALINI

BARBA ou cabelo? — esta é a indefectivel pergunta que o freguês escuta ao tomar assento na cadeira de barbeiro. Pode êle ter se barbeado pela manhã, em casa, e apresentar um rosto bem escanhoado e lustroso. Pode ostentar uma cabeleira bastante crescida, que já está cobrindo as orelhas e descendo pelo colarinho a dentro. Nada disso modificará a clássica pergunta:

— Barba ou cabelo?

Mundo estranho e curioso o das barbearias! A presença o grande desdouro do chamado sexo ponderado, como se em vários salões do centro, as manicures. Todavia, e isso é quase exclusivamente composta de homens, excetuadas, fala nas barbearias!...

No tempo do Brasil colônia o homem que fôsse se barbear devia por fôrça ficar calado, pois usava-se, então, introduzir uma bola de marfim na bôca do cliente para esticar a bochecha e facilitar o trabalho da navalha. Hoje isso caiu em desuso, aumentando, por conseguinte, o número de pessoas que podem externar livremente suas opiniões.



"E' COMO ESTOU lhe dizendo: o Flamengo, para reviver a sua tradicional fibra rubro-negra foi preciso ir à Guatemala". — "Ora, diz o outro, veremos êle frente ao Vasco".



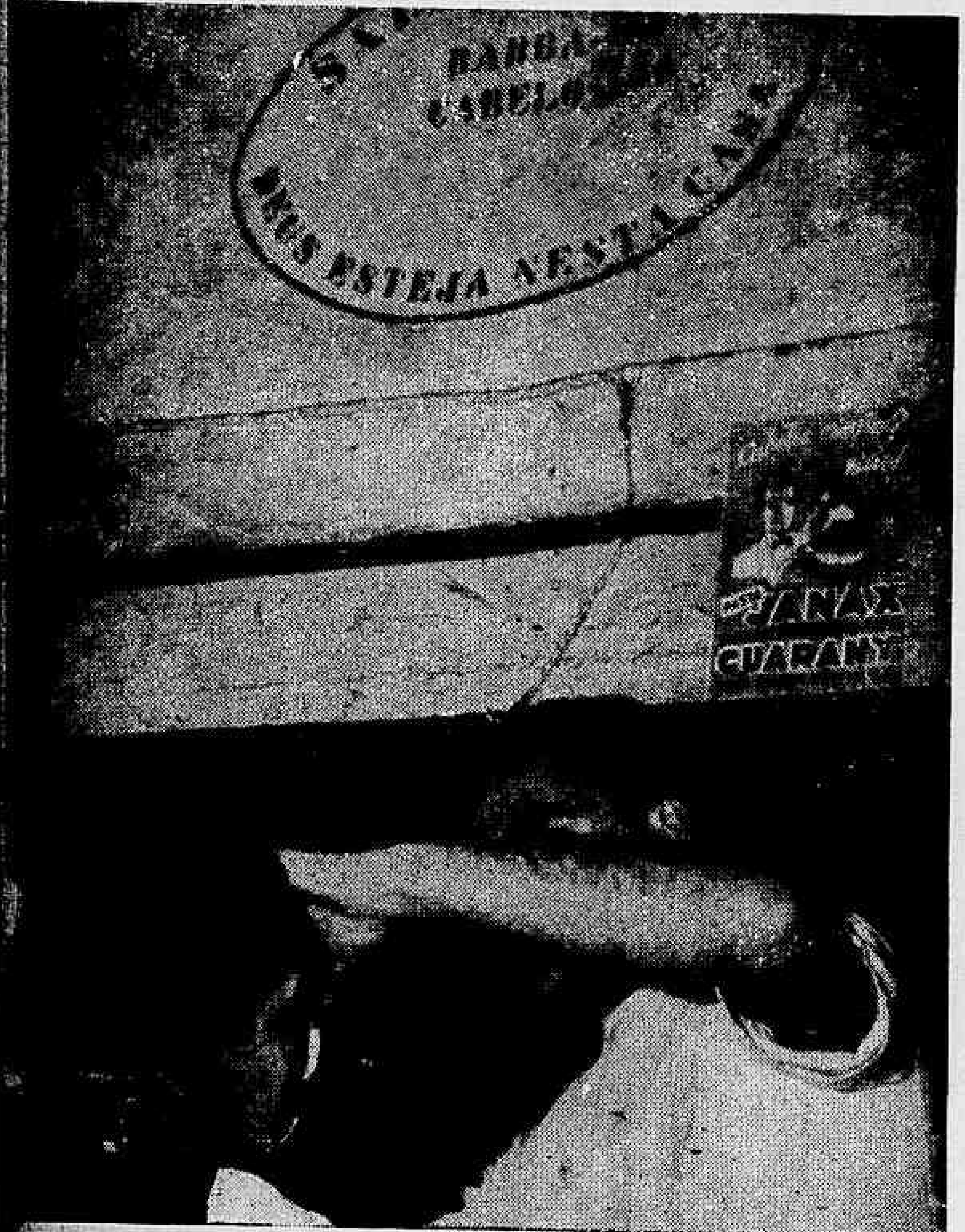
NO CASO DÊSSE crime, devido ao grande número de pessoas envolvidas, chega-se à conclusão de que está falhando, entre nós, o sistema de educação da mocidade"



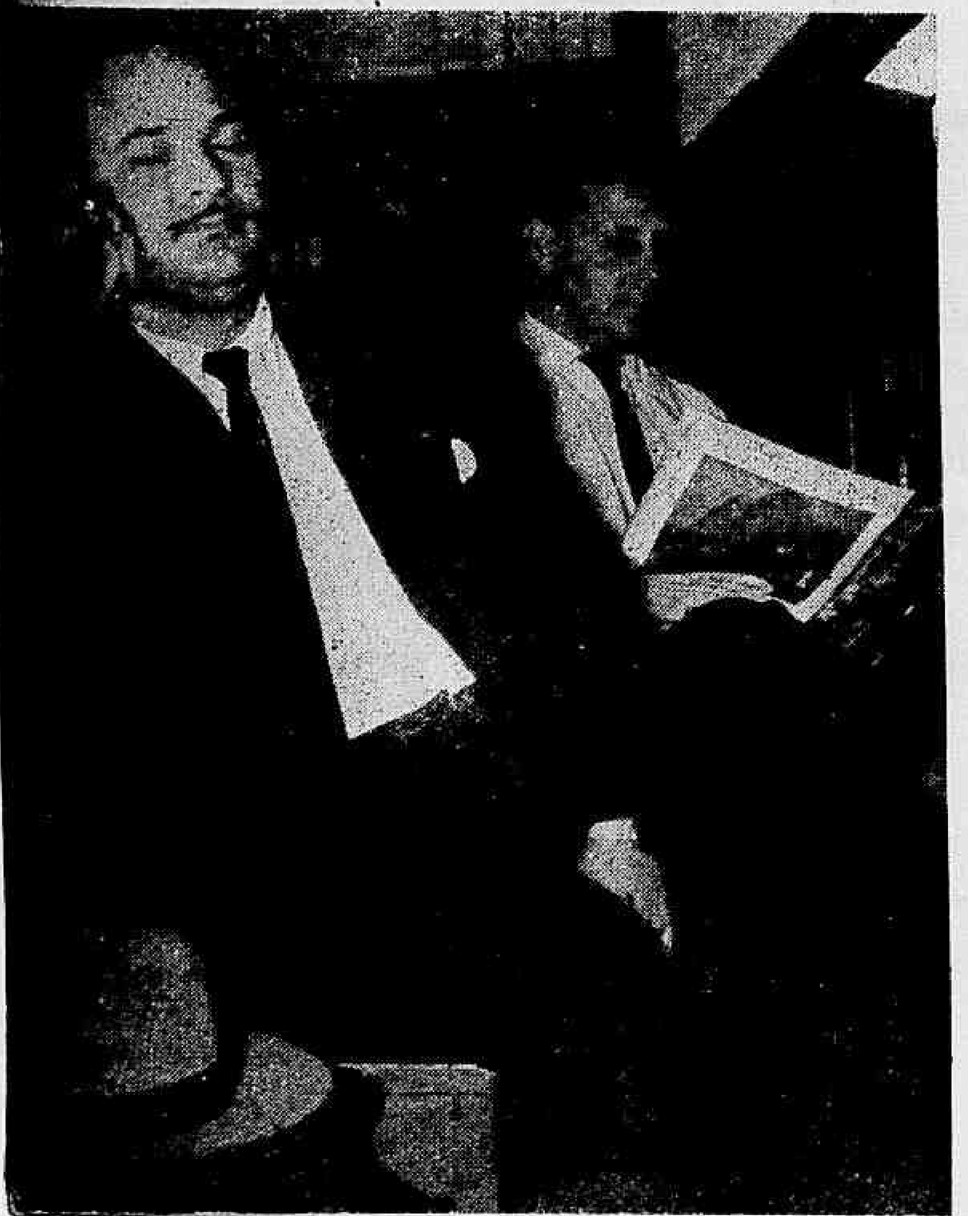
Os salões de luxo têm, em frente a cada cadeira, uma pia com chuveiro para lavar a cabeca. Nada melhor para os dias de canicula. O cliente sai com boa disposição para o resto do dia

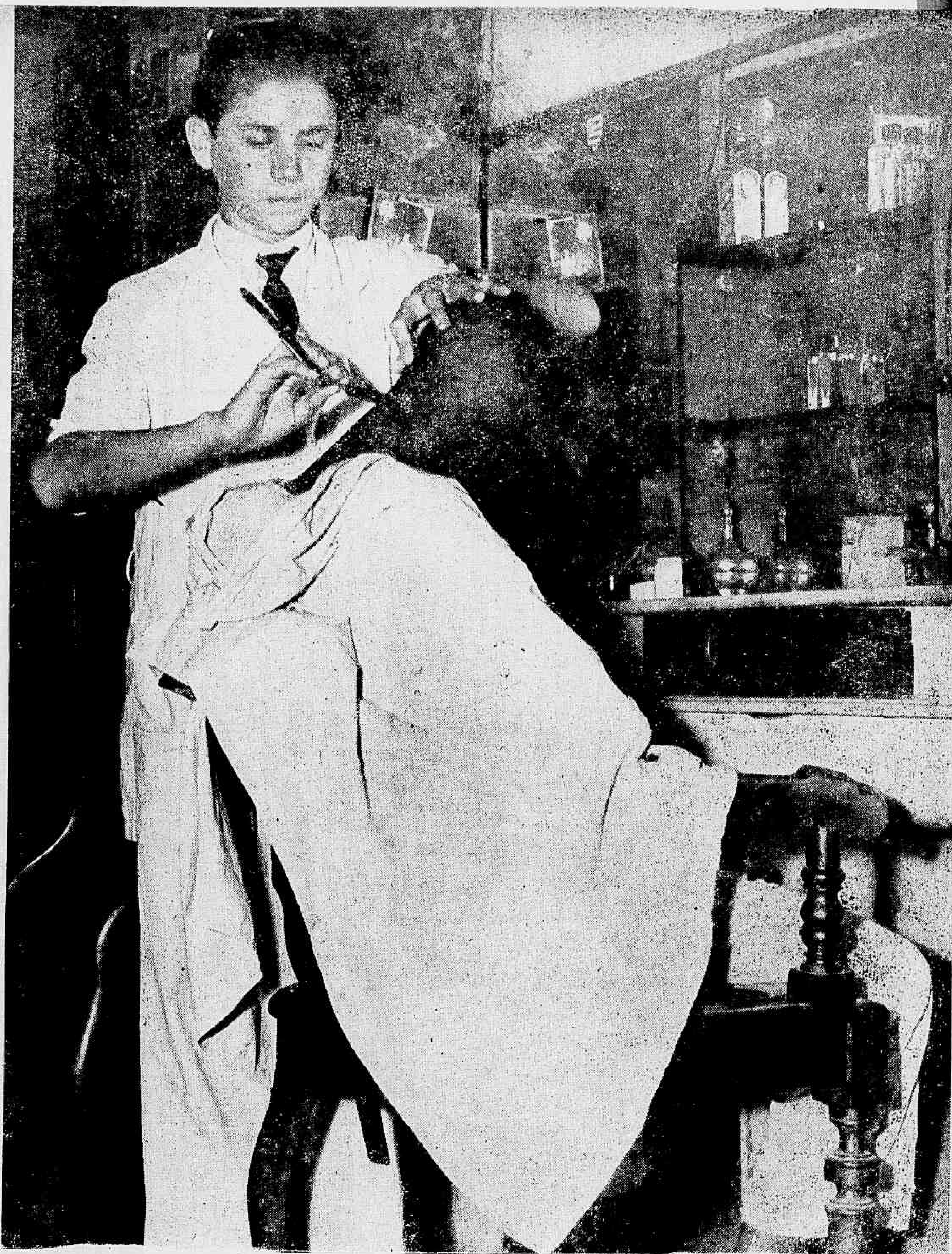


A FREQUÊNCIA das barbearias é composta exclusivamente de homens, excetuadas as manicures nos salões do centro. Aqui vemos uma em pleno trabalho, enquanto a conversa, entre os homens, está animada



"DEUS ESTEJA NESTA CASA". E deve estar mesmo, porque barba a Cr$ 1,50 e cabelo Cr$ 3,50 é um milagre nestes tempos de preços altos e salários mínimos





O BARBEIRO ATENDE granfinos e operários. Num salão"humilde de bairro, entra o pretinho, de tamancos, para sentar na cadeira tosca de madeira, e gastar os seus níqueis suados. A' esquerda: Depois do almôço. A hora é entorpecente. A casa está cheia. Precisa esperar. Uns matam o tempo folheando a "Revista", outros, adormecem

A frequência é a mais heterogênea possivel. O crescimento dos cabelos e da barba (viri deeus..., será mesmo?) é uma das coisas mais justas da natureza, pois atinge todos mais ou menos por igual, assim como o tempo, não respeitando classes sociais, instrução, côr ou credo político. Única exceção é a dos carecas, os quais, na maioria, porém, possuem barbas comuns para cuidar.

Figurões e figurinhas; medalhões das galerias acadêmicas, artisticas, politicas, militares, cientificas, educacionais, do funcionalismo, da indústria, do comércio ou simplesmente das galerias policiais, todos frequentam periòdicamente os salões de barbeiro. Para alguns é motivo de aborrecimento, para outros é passatempo.

— E' só aparado?

Mais uma pergunta infalivel do repertório dos figaros. O freguês se pudesse, mandava cortar à escovinha, para se ver livre dessa caceteação, e o barbeiro, pelo contrário, fica insinuando um corte rápido e ineficiente, obrigando-o a voltar na semana seguinte. E como há dois tipos de fregueses, os faladores e os casmurros, se fôr dos primeiros, não teme a sugestão, recusa-a e explica qual o corte desejado.

— Quero que passe a máquina número um na nuca e por cima das orelhas.

Mas se é dos calados, arrisca-se a dar um palpite, de mansinho:

— Eu queria um pouquinho mais curto, por favor.

Verificando que o seu pedido é desprezado e que a máquina é logo abandonada pela tesoura, coitado, passa o resto do tempo como se estivesse amarrado na cadeira elétrica, à espera da execução. Tudo começa a incomodá-lo. E' a toalha que lhe aperta o pescoço. E' o raio de um cabelo a lhe fazer cócegas no ouvido. E' o calor. E' o barulho da tesoura. A propósito, já repararam que poder hipnótico tem êsse famigerado barulhinho das tesouras, abrindo e fechando nas mãos indóceis do "oficial de barbeiro" ou batendo de encontro ao pente para fazer cair os cabelos a êle grudados pela fôrça magnética que possuem? E se fôr num dia quente do verão carioca, lá pelas duas horas da tarde? Não há quem aguente. Dorme no duro, embalado pelas tesouradas, seja das próprias tesouras como da lingua incansável do figaro. Fala de tudo e de todos.

— Qual é o bicho que deu hoje?

— Cavalo, com 44 — responde. E graciosamente dá o palpite para a noite. Futebol? Isso êle conhece a fundo!

— Como é, o teu Flamengo só mesmo na Guatemala dá no couro!

— Mas logo você, pó de arroz!

E todo mundo já sabe, é a eterna rivalidade dos Fla-Flu. Descrevem minuciosamente os lances principais dos jogos da última rodada, as parcialidades escandalosas dos juizes, "uns ladrões", sejam êles simples "tijolos" ou aristocráticos "misters", as falhas dos bandeirinhas, cujas familias são desrespeitosamente invocadas, o apronto dos técnicos, o estado dos gramados, etc. A C.B.D., a Federação e o Tribunal de Desportos também são atingidos, e, invariàvelmente, chega-se a falar do campeonato de 50, com mais sugestões e conselhos à disposição dos organizadores.

Enquanto isso, numa das cadeiras passa-se coisa diferente. Quem atende ali é o próprio dono do estabelecimento, de modo que de vez em quando abandona o freguês para ir até a registradora, receber a quantia dada a um seu empregado. Faz o trôco, olha para o cliente atendido como para adivinhar se dará ou não boa gorgeta, e infalivelmente devolve cinco cruzeiros em miúdos. Volta para a sua cadeira e continua o trabalho. Irrequieto, vira-se continuamente para fiscalizar o movimento geral. Através do espêlho consegue ver tudo o que se passa dentro da barbearia e mesmo na rua. Chega um conhecido. Cumprimentam-se:

— Como vai essa fôrça?.

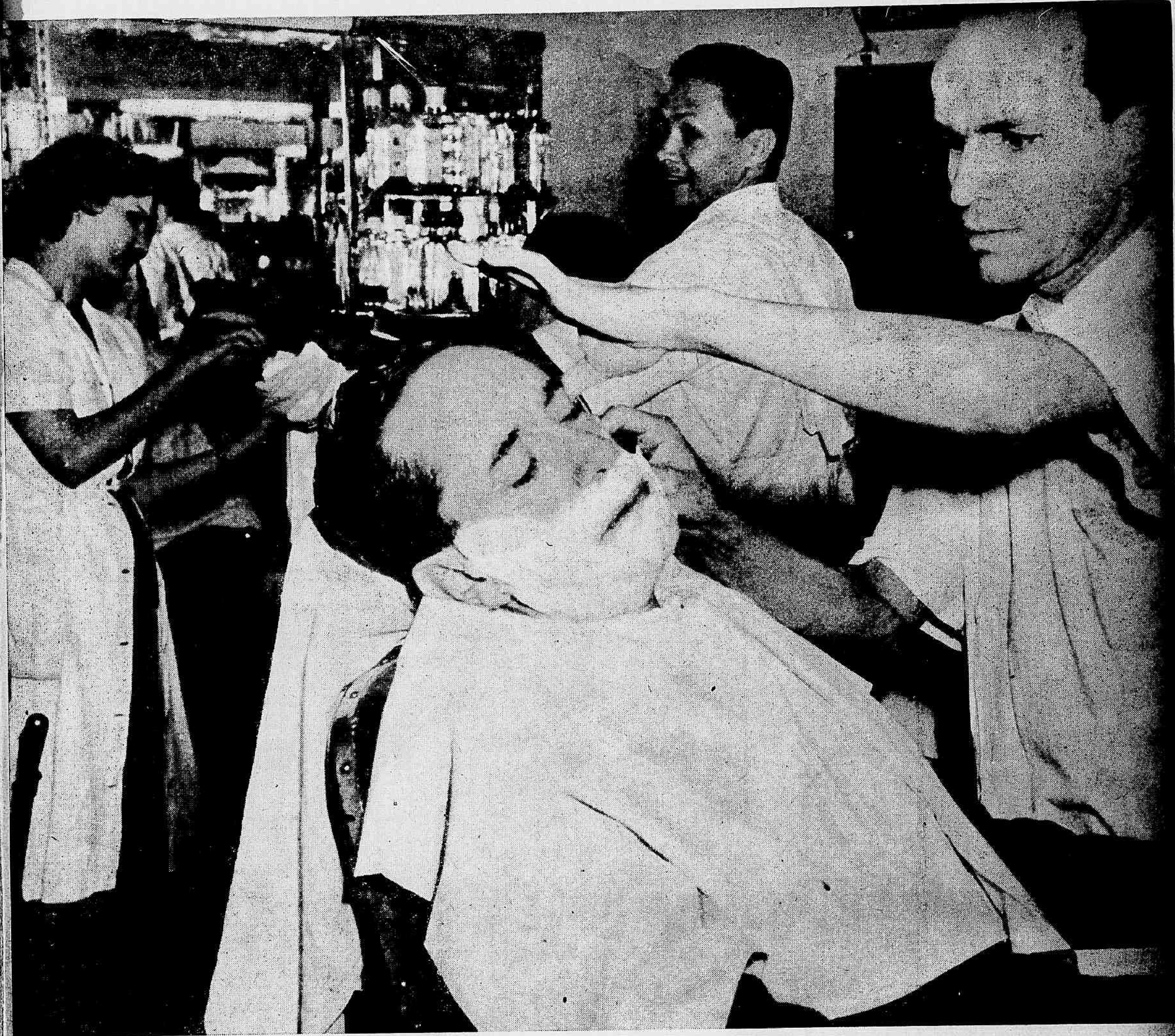
Ou outra expressão análoga. Pergunta o recém-chegado:

— Vai demorar?

E a resposta, que deve constar no livro da "Ética dos barbeiros", é a seguinte:

— Não, é só um instantinho.

E, cheio de vontade, baixa a cabeça no trabalho. Pois sim, quem foi que disse que é p'ra já? Outros fregueses



HOMENS DE TÔDAS as classes sociais precisam dos serviços do barbeiro: políticos, médicos, funcionários, industriais, comerciantes, militares e civis. Na foto, o artista Cazarré deixa-se escanhoar para entrar em cena logo mais. Para alguns é aborrecimento, para outros, passatempo. Para todos, uma necessidade. Em baixo, o progresso industrial alcança as barbearias. Após a passagem irritante da navalha, nada como uma boa massagem restauradora, efetuada não com as mãos, mas com um moderníssimo aparelho elétrico

pagam e êle vai sempre até a registradora. O novo cliente é do tipo dos comunicativos. Antes de mais nada, não senta. Pega num jornal, folheia, e lá vem a conversa:

— Você viu aquêle crime?

O outro, apesar de saber de que se trata, instintivamente responde perguntando:

— Que crime?

— Aquêle do Edifício Aclamação.

Aí o barbeiro pára, tesoura e pente no ar, volta-se e inicia um animado bate-papo com o amigo. E o freguês esperando. As tendências para detectives manifestam-se. A polícia recebe lições lógicas e perfeitas de investigações. Depois vêm as considerações sôbre a moral do assassinado, dos assassinos, dos cúmplices, dos amigos, das amiguinhas e das famílias de todos. Termina-se com uma vasta preleção de sociologia pelo proprietário da loja, com certeza o mais instruído, que disserta sôbre as causas, as consequências e as medidas que a polícia, a justiça e o govêrno deveriam tomar.

Vagando a cadeira, o cliente amigo tira o paletó, aboleta-se no lugar ainda quente e, com muita intimidade, apoia o pé na parede ladrilhada, por baixo do espêlho. O barbeiro nessa altura já mudou de conversa. Agora é o rádio. Fala-se de programas de auditórios. Conta êle que ouviu uma interessante série de perguntas, que, com a maior naturalidade, passa a fazer ao paciente.

— Como se chama o habitante da cidade de São Paulo?

— Paulista.

— Errou. Chama-se paulistano. E o do Estado do Espírito Santo?

— Capixaba.

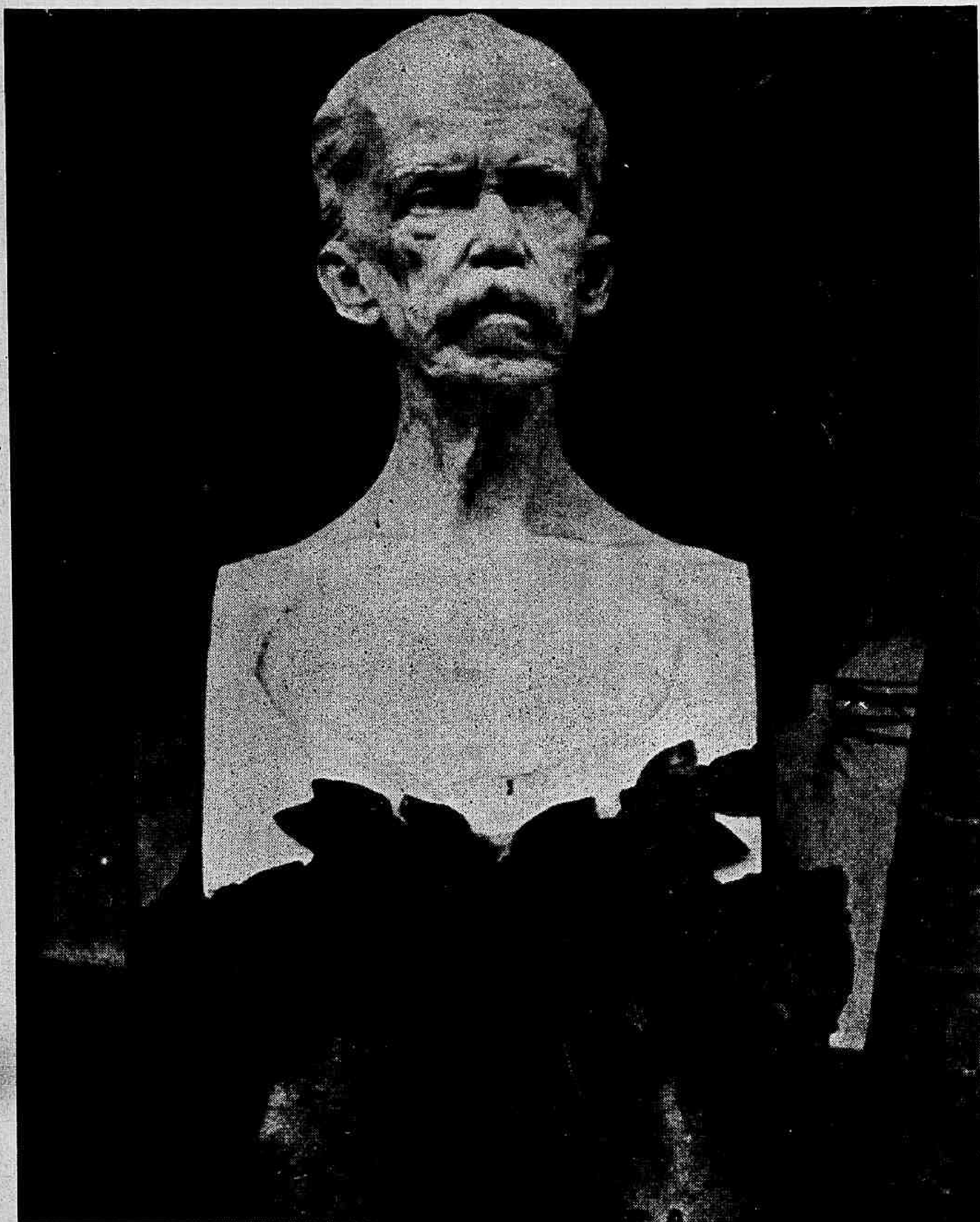
— Certo. E o da cidade de Três Corações?



A CASA ONDE MOROU RUY BARBOSA

Um monumento de cultura que muita gente desconhece ★ Apenas quatro mil pessoas frequentam, anualmente, o Museu-Biblioteca Ruy Barbosa ★ Melhor, porém, do que no tempo em que era proibido falar nas escolas sôbre a "águia de Haia" ★ Trinta e cinco mil livros depõem sôbre uma vida ★ Objetos de uso pessoal transformados em peças históricas ★ Não é, porém, uma casa popular, o que realmente é uma pena

De MILTON PEDROSA



NENHUM NOME no Brasil se vincula tanto ao culto do Direito como o de Ruy. Esta herma foi colocada na Casa de Ruy Barbosa, em nome da Bahia, por Juraci Magalhães, a 11-8-1933, data da fundação dos cursos jurídicos do Brasil

NÃO é pròpriamente sôbre a personalidade de Rui Barbosa, quem êle foi e o que fêz, esta reportagem. Disso já se ocuparam, continuam se ocupando e ainda de futuro se ocuparão centenas de escritores, ensaistas, bigrafos, memorialistas e nem sei quê mais. Nem mesmo cuidaremos aqui das portarias do tempo do Estado Novo retirando, dos programas dos estabelecimentos de ensino oficiais quaisquer referências ao brasileiro ilustre.

Mas trataremos da casa onde durante anos e anos êle residiu, casa hoje transformada em museu-biblioteca e considerada algo assim como a melhor amostra de nossa cultura e como tal, digna de ser vista por estrangeiros que nos visitam.

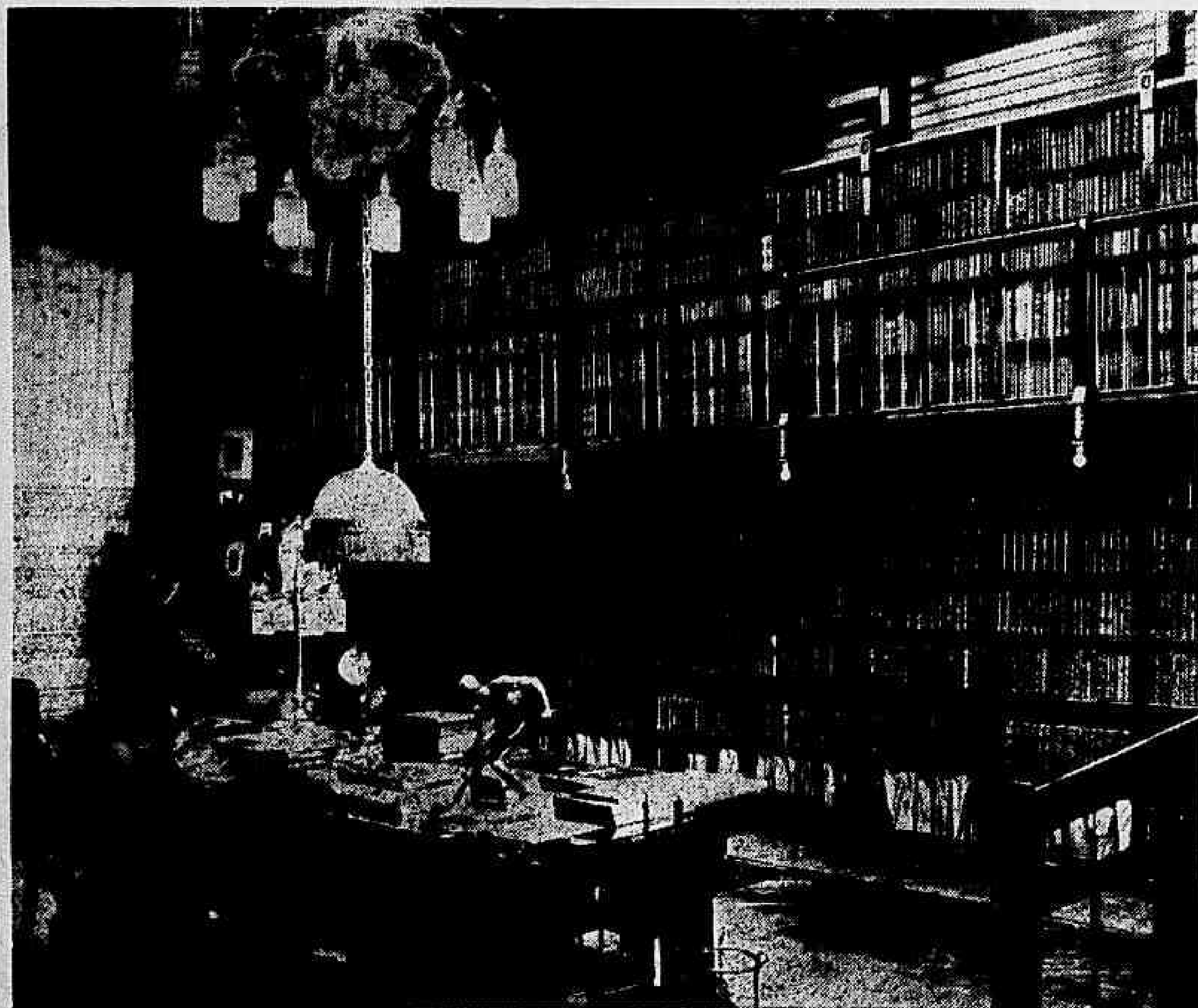
Frequentada principalmente por estudantes, professôres, poetas, escritores, intelectuais em geral, a Casa de Rui Barbosa é, entretanto, uma casa desconhecida de muita gente. Se fizermos alguns cálculos, veremos que é bem pequena a percentagem de brasileiros que a procuram, pois que os dados que ali nos são fornecidos assinalam apenas quatro mil pessoas por ano, realmente muito pouco, tratando-se de um importante monumento cultural localizado na capital do país.

Não é muito, como diziamos, não se afasta muito êste número dos que indicam a frequência de outras bibliotecas e museus, como a Biblioteca Nacional, o Museu Histórico Nacional ou o Jardim Botânico. Fica longe, é verdade, da frequência dos campos de futebol, dos cinemas e mesmo do Jardim Zoológico, mas é preciso ter presente que no Zôo, além de tudo, há girafas, rinocerontes e cangurús.

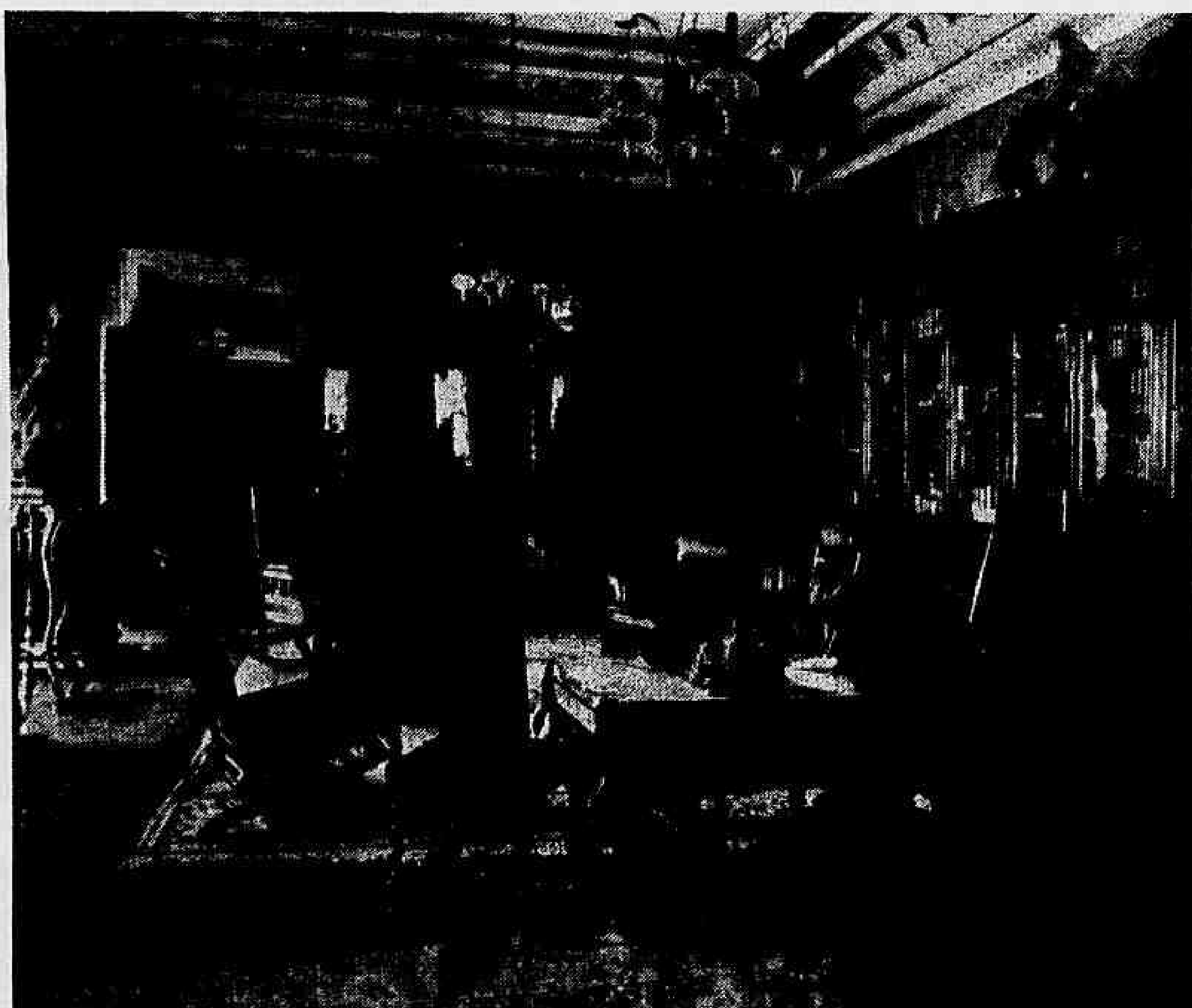
UMA CASA FAMOSA QUE POUCOS CONHECEM

A Casa de Rui Barbosa fica em Botafogo, na rua S. Clemente, 134; mas, de cem pessoas que interrogarmos sôbre êste endereço, menos de dez responderão. Esta afirmativa não resulta de mera suposição, pois fiz a experiência e isso constatei. No entanto, em frente àquele prédio, passa bonde, passa ônibus e êste ano se comemora com grande barulho o centenário de nascimento do homem que tanto nome deu ao Brasil.

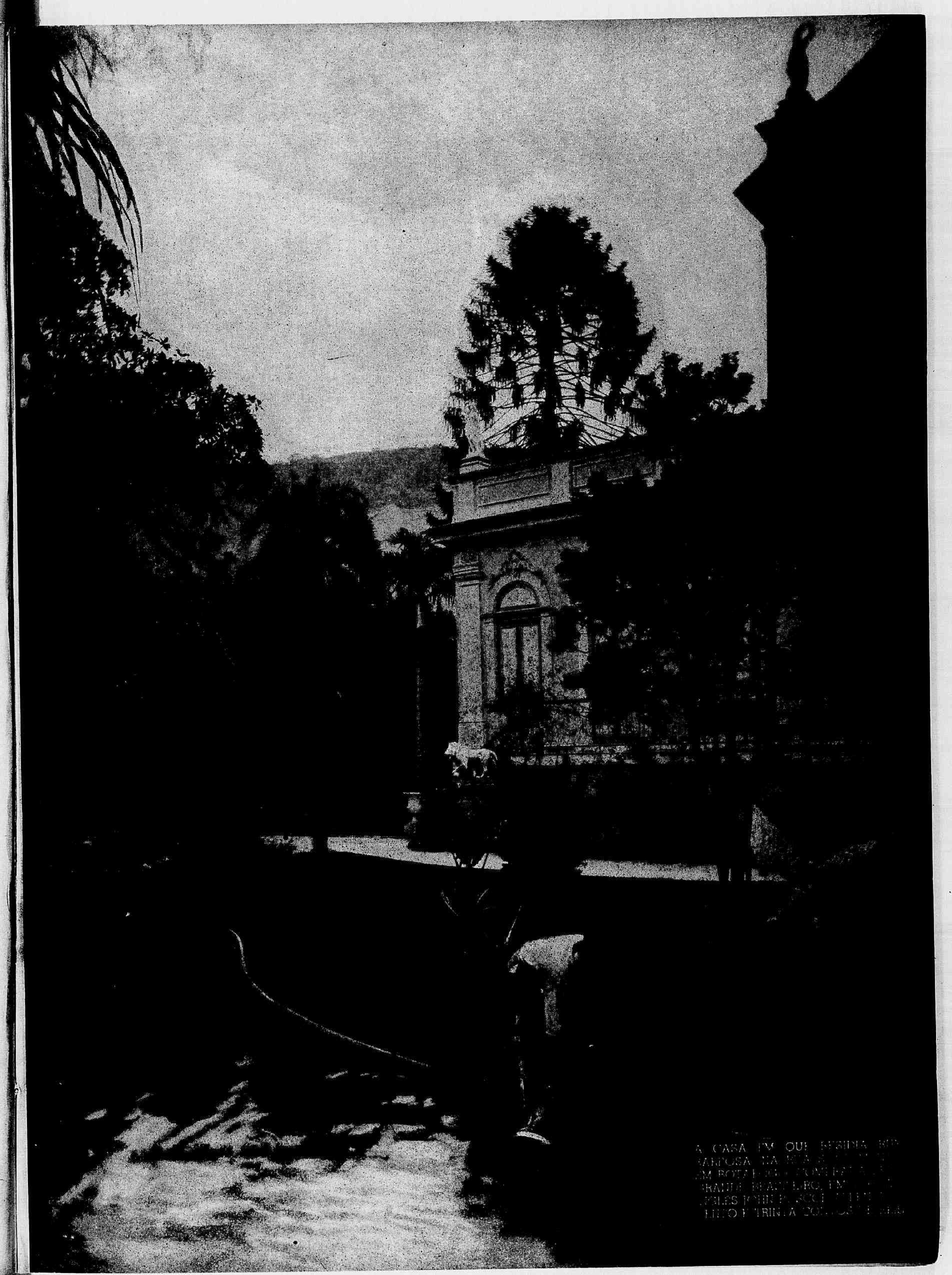
Diz o decreto que transformou o antigo museu na atual Casa de Rui Barbosa, que ela tem por objetivo velar pela conservação de sua biblioteca, de seu arquivo e de todos os objetos que lhe pertenceram, no ambiente em que lhe decorreram os últimos anos de vida; organizar e publicar os catálogos do museu-biblioteca; classificar as obras publicadas e inéditas de Rui Barbosa, para organização da Ruiana; a realização de cursos e conferências em tôrno



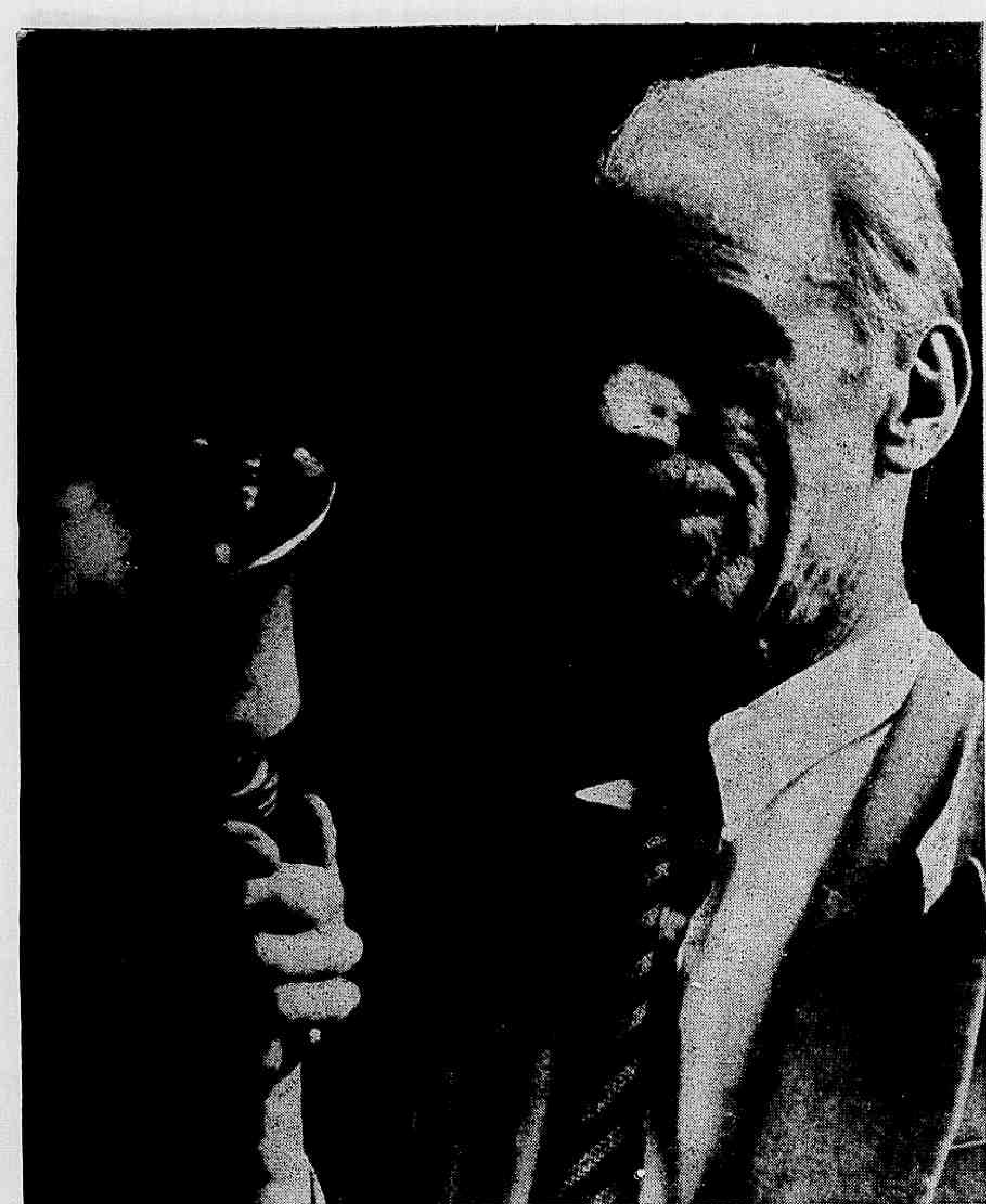
UM DOS ANGULOS da grande e valiosíssima biblioteca *de* Ruy Barbosa com seus 35.000 volumes sôbre todos os assuntos, imperando, entre êles, os de cultura jurídica



OUTRO ASPECTO *de* sua biblioteca, com um gabinete de estudos mobiliado para receber os amigos que o vinham consultar e palestrar *sôbre* os mais variados assuntos



A CASA EM QUE RESIDIA [illegible] BARPOSA NA [illegible] EM BOTAFOGO [illegible] GRANDE BRASILEIRO, EM [illegible] [illegible] TRINTA [illegible]





O ZELADOR Antônio Joaquim da Costa, um dos dezenove funcionários da "Casa de Ruy Barbosa", e que o serviu durante quatorze anos. A êle devemos muitos esclarecimentos

VELHOS SAPATOS e botinas que Ruy Barbosa usava e que hoje, junto com outros objetos de uso pessoal estão expostos à visitação no Museu-Biblioteca de São Clemente

de assuntos que se relacionem com a vida e a obra do grande brasileiro, etc.

Atualmente prosseguem ali os trabalhos de organização dos catálogos e da Ruiana, e numerosas conferências têm sido realizadas, várias a cargo de figuras estrangeiras de renome.

A inauguração da Casa de Rui Barbosa deu-se a 13 de agôsto de 1930 e, embora ainda seja reduzida sua frequência, de qualquer forma cresce o interêsse a seu respeito, pois de 1.189 pessoas que a visitaram no ano de sua fundação o número subiu a mais de quatro mil, conforme dissemos.

E' preciso notar, por outro lado, que há certos visitantes especiais, como os catedráticos da Faculdade Nacional de Direito e dos Cursos de Filosofia e Letras da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, que ali vão, a fim de utilizarem a Casa para suas aulas práticas de bibliografia das cadeiras que regem.

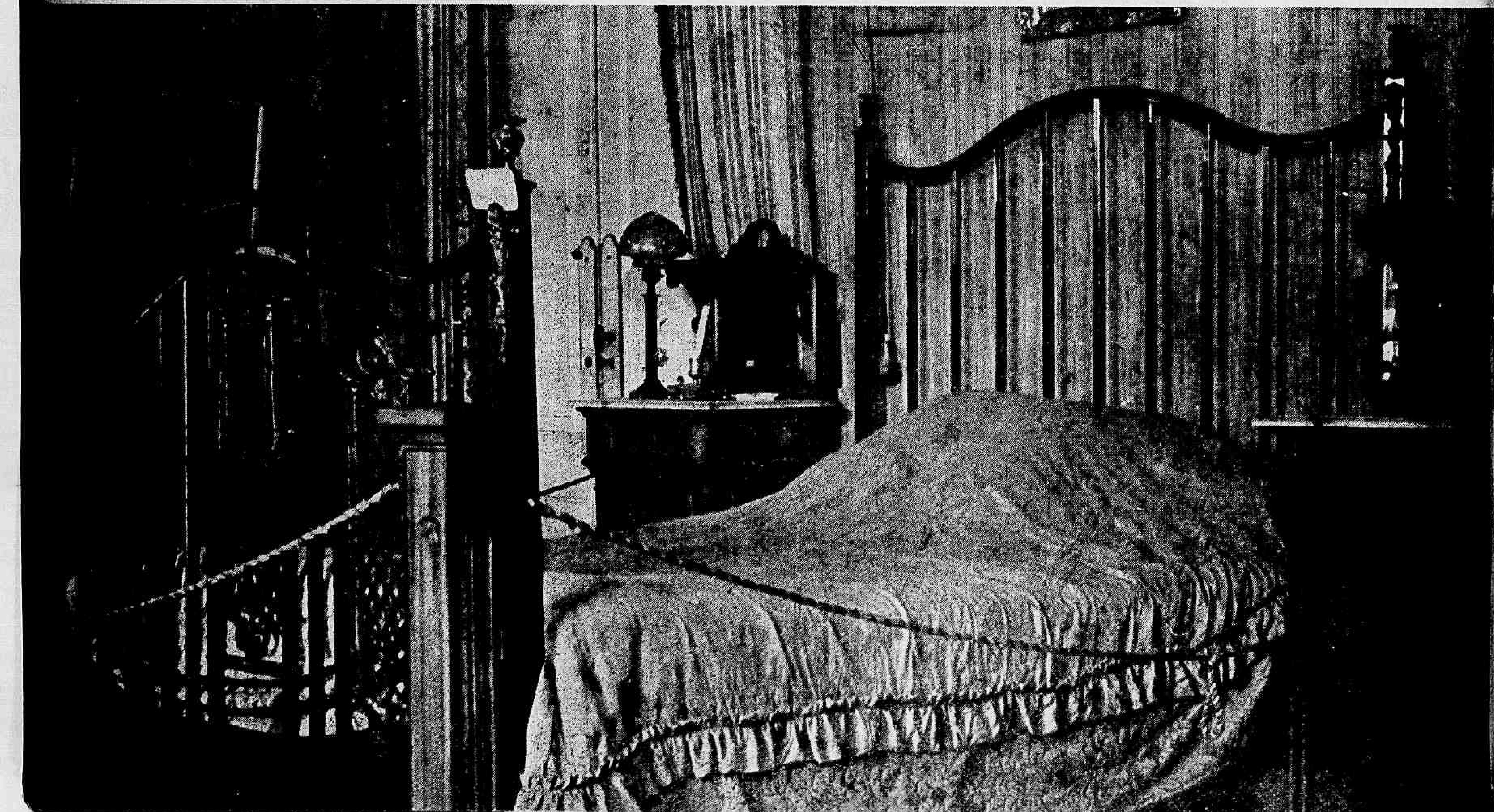
HISTÓRIA DE UMA CASA

O prédio, que hoje constitui patrimônio nacional, foi adquirido dos herdeiros de Rui Barbosa, dos quais foi também comprado o mobiliário.

Muito se fala sôbre a fortuna ou a pobreza de Rui Barbosa, e falam principalmente as pessoas menos informadas. Trata-se de assunto na realidade de pouco interêsse. O fato é que Rui adquirira a sua casa, em 1893, do inglês John Roscoe Allen, por 130 contos, como se dizia então, sendo feita da mesma uma hipoteca.

Transformada em museu, procurou-se, entretanto, na antiga residência, reproduzir, tanto quanto possível, o ambiente que cercava Rui nos últimos anos de vida. Hoje, quem visita aquelas instalações não pode fugir à sensação de estar percorrendo os mesmos lugares que percorria o seu antigo dono. As salas, os corredores, os quartos são os mesmos por onde êle tantas vêzes andou.

CAMA EM QUE morreu a "Águia de Haya" a 1.º de março de 1923. À proporção que percorríamos as várias dependências do Museu-Biblioteca do imortal patrício, nossa imaginação ia revivendo a existência, a luta e a morte de Ruy Barbosa e parecia-nos vê-lo a andar por aquêle pavimento, a consultar livros, a dar lições, a receber amigos



Lá estão as cadeiras em que êle se sentava, as almofadas em que se recostava, a janela junto a qual êle madrugava no estudo e no exame dos complexos problemas que vinham à sua mesa de trabalho. Nos armários estão objetos de uso pessoal, sapatos, chinelas, chapéus, ternos de roupas, gravatas, abotoaduras, canetas. Lá está a cama onde êle morreu. Num canto, a cadeira que se transformava em escada, sôbre a qual êle alcançava o livro que procurava, e o aparêlho de gêsso que usou, quando, certa vez, caindo da cadeira, fraturou uma perna. São objetos que podem ser vistos, examinados por olhares curiosos. E há cartas, rascunhos, originais, uma campainha na sala de jantar, onde também um relógio parado marca 8 horas e 25 minutos, a hora do 5 de março, dia em que êle morreu.

Hoje, cada dependência do museu tem um nome que lembra esta ou aquela atuação de Rui. As salas se denominam Buenos Aires, Civilista, da Federação, Pró-aliados, Constituição, Haia, Questão religiosa, Estado de sítio, da Abolição, da Instrução Pública, Habeas-corpus, Casamento civil, Código civil, Bahia, Maria Augusta, João Barbosa.

MONUMENTO À NOSSA CULTURA

Parte importante ali é a biblioteca que pertenceu a Rui Barbosa. São trinta e cinco mil volumes, reunidos, lenta e laboriosamente, durante tôda a sua vida, desde os tempos de estudante em Recife e em São Paulo até à velhice.

Ela ocupa hoje nove salas do museu e revela a mentalidade e a cultura do homem que a formou. Falam de sua cultura geral, daquilo que constituia especializações ou dizem do instrumento de trabalho diário do homem de estado, do politico, do jurisconsulto e do advogado.

A vista passeia pelas estantes e descobre a riqueza dessa coleção: enciclopédias, le Lamirault, de Appleton, de Ripley e Dana, de Chambers, britânica, americana; revistas de cultura — Revue des Deux Mondes, Revue Encyclopédique, La Science e la vie, Magazine of Internacional Progress, e tantas outras; dicionários — Du Cange, Forcellini, Freund, Comeleran y Gomez, Saraiva, Littré, Hartzfeld, numa quantidade e variedade de que êsses dão apenas uma amostra; os livros humanistas, entre êles o raríssimo Dante de Landino, precioso incunábulo, edição de 1481, da Divina Comédia, com desenhos originais de Boticceli e gravuras de Baldini, que encabeça numerosa e importante dantesca e mais a sua cervantina e a sua camoniana, além das raras e autorizadas edições de clássicos portuguêses. Acrescente-se que, dentro dessa grande biblioteca, destaca-se a biblioteca jurídica, a que, por ocasião do falecimento de Rui, nada de essencial faltava, quer quanto a cultura dos povos civilizados, quer quanto às enciclopédias, dicionários, revistas especializadas e monografias de jurisconsultos de todos os tempos e de tôda parte do mundo.

O visitante descobre ainda as encadernações cuidadosas, quase sempre feitas em Paris e a enorme quantidade de observações, de anotações marginais — ementas, glosas, advertências, opiniões — feitas do próprio punho de Rui, marcando assim tôda a biblioteca dos vestígios de sua vida e da riqueza de sua imaginação e de sua cultura.

Também o arquivo da Casa contém uma quantidade tremenda de originais ou cópias de originais, alguns inéditos, documentos históricos que refletem momentos da vida nacional, correspondência particular, politica e literária, jornais antigos ou recortes de jornais com anotações de Rui. E' um acêrvo em que se encontra a correspondência politica com o Conselheiro Dantas, com Floriano Peixoto, com Pinheiro Machado, com o senador Azeredo, com Eduardo Prado, documentos históricos tais como a mensagem de despedida do Imperador ou os originais da Constituição da República com emendas de Rui, originais da Oração aos Moços, da Esfola da Calúnia, dos discursos pronunciados em Haia, êstes em francês, e tanta coisa que seria um nunca acabar de fazer citações.

Não. As palavras assim escritas somente poderão dar uma pálida idéia da riqueza que ali existe. E' preciso vê-la com os próprios olhos e depois pensar sèriamente sôbre tudo o que se viu.

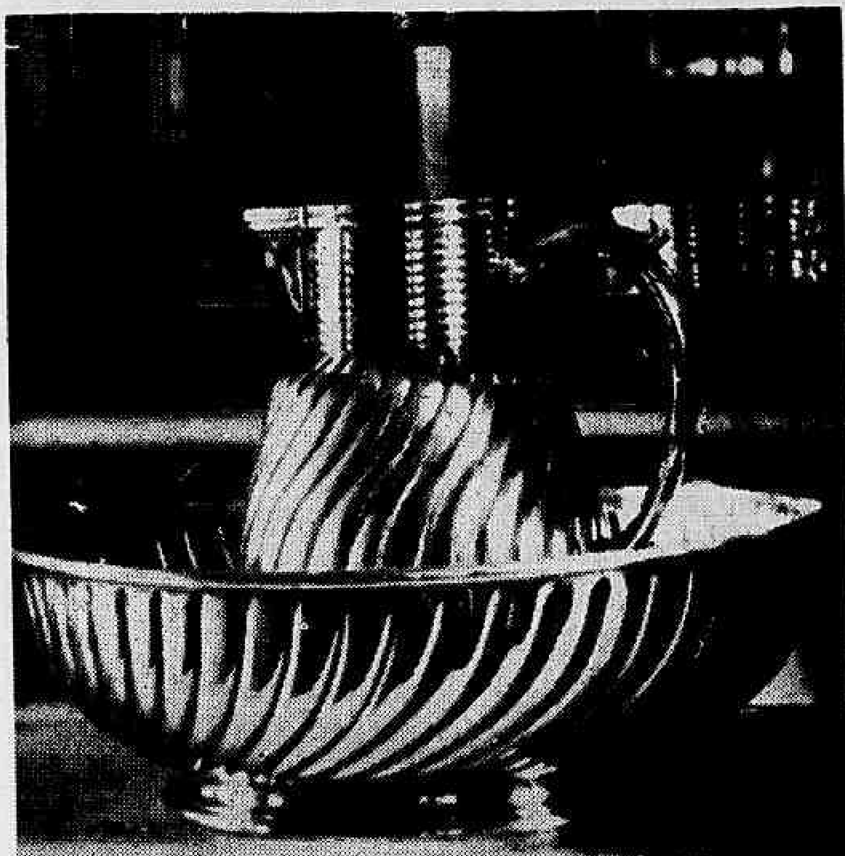
UMA CASA QUE PRECISA SER POPULAR

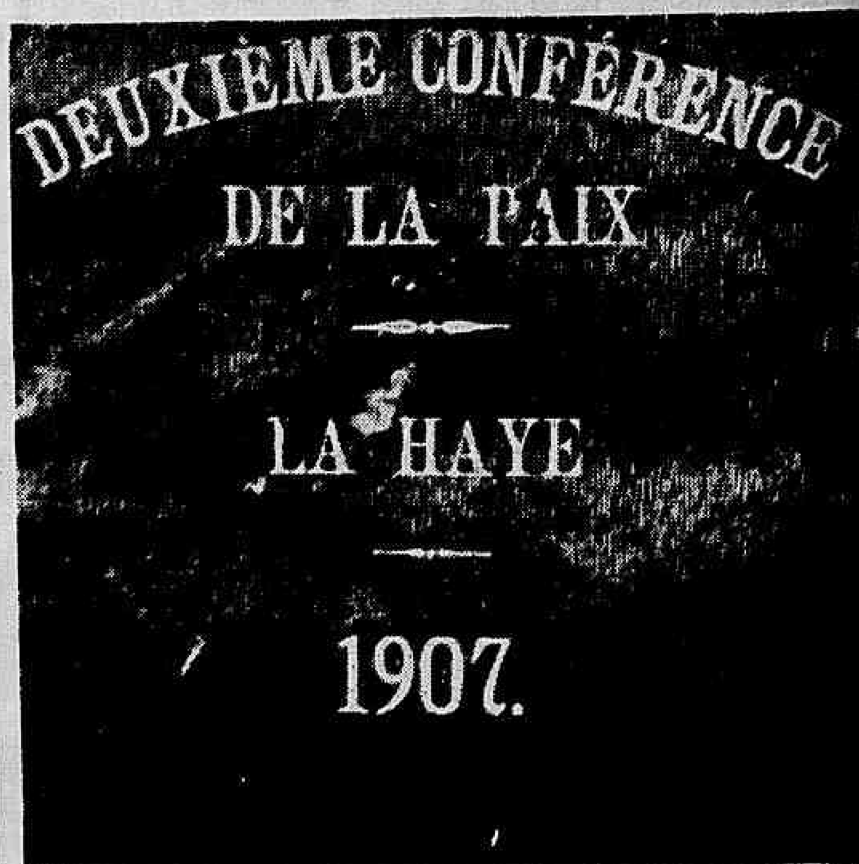
Uma figura na Casa de Rui Barbosa orienta o visitante e conta coisas do passado. E' o zelador Antônio Joaquim da Costa, que serviu 14 anos a Rui e que é um dos 19 funcionários do museu-biblioteca. À medida que caminha vai falando sôbre fatos de que foi testemunha ou respondendo a perguntas. Mostra o carro oferecido à senhora de Rui Barbosa, em 1915, outro que fôra mandado fabricar especialmente para Guilherme II, ex-imperador da Alemanha, refere-se ao dia da morte de Rui, indica onde ficava o canil, descobre placas e outros detalhes de interêsse para o visitante.

Caminhamos ao seu lado, olhando restos do parreiral, um busto de Rui, os cartões em que foram gravadas recordações de estudantes. Os bancos do jardim, por onde êle outrora passou, servem hoje aos casais de namorados e às babás que ali entram e saem a cada minuto. São quase sempre habitantes da rua S. Clemente ou de Botafogo, não vêm de longe, se vê, e provàvelmente não conheceram o dono da casa em pessoa, talvez mesmo acreditem ter sido êle um vago cidadão com boa mesa e boa morada como muitos outros que por ali mesmo existem. Muitos, de tudo conhecem apenas o jardim, os bancos em que se sentam, o pedaço de céu que ali se divisa e talvez o nome de um ou outro funcionário que o cumprimenta.

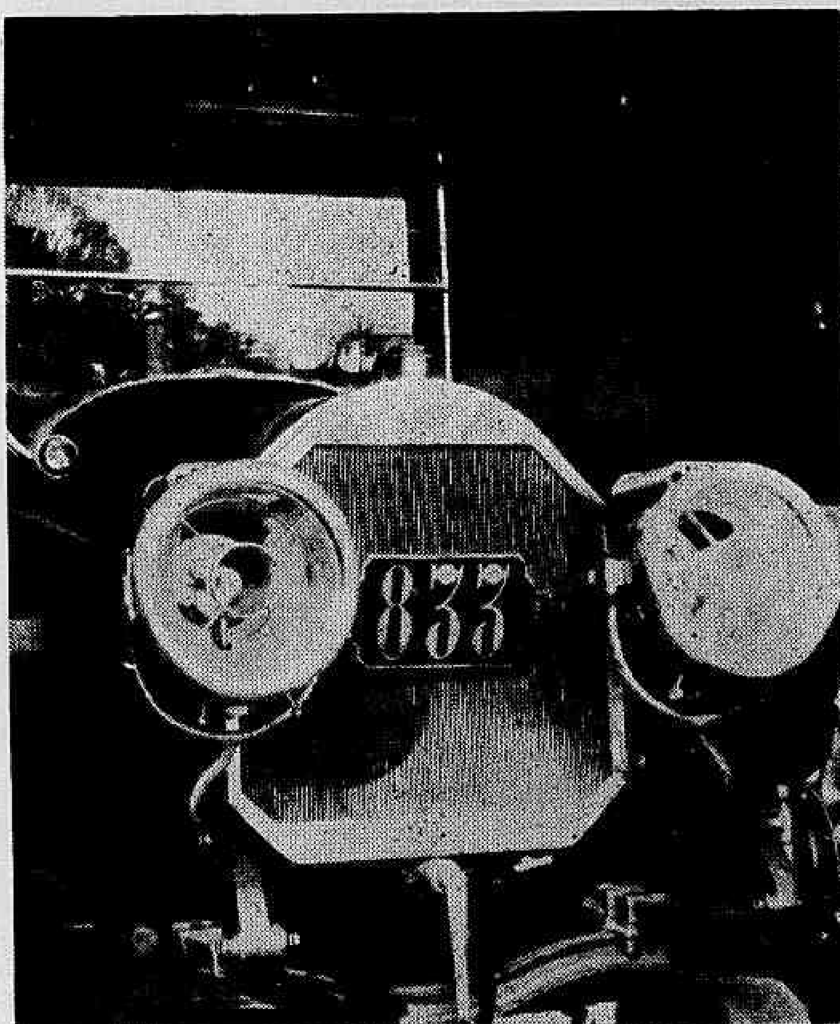
De certa maneira, há em tudo um aspecto negativo e que impressiona ainda mesmo os visitantes mais escla-

(Cont. na pág. 49)

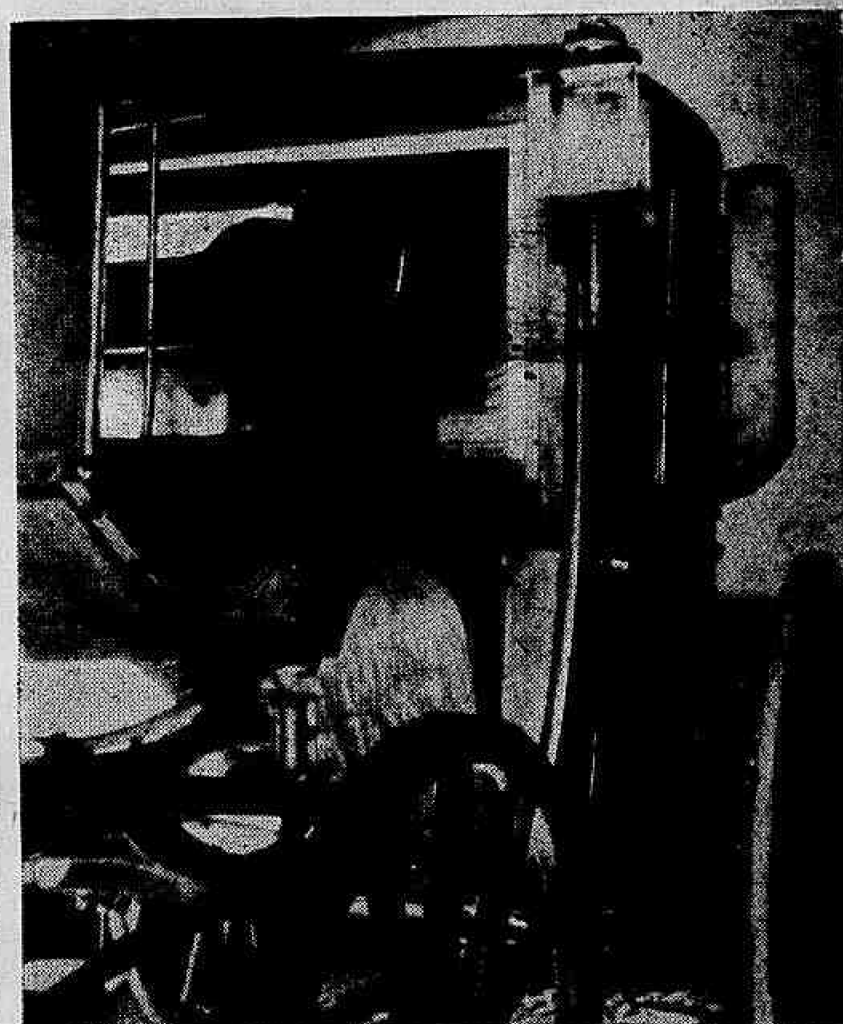

LAVATÓRIO em que Ruy fazia suas primeiras abluções pela manhã ao levantar-se, muito cedo, como de hábito

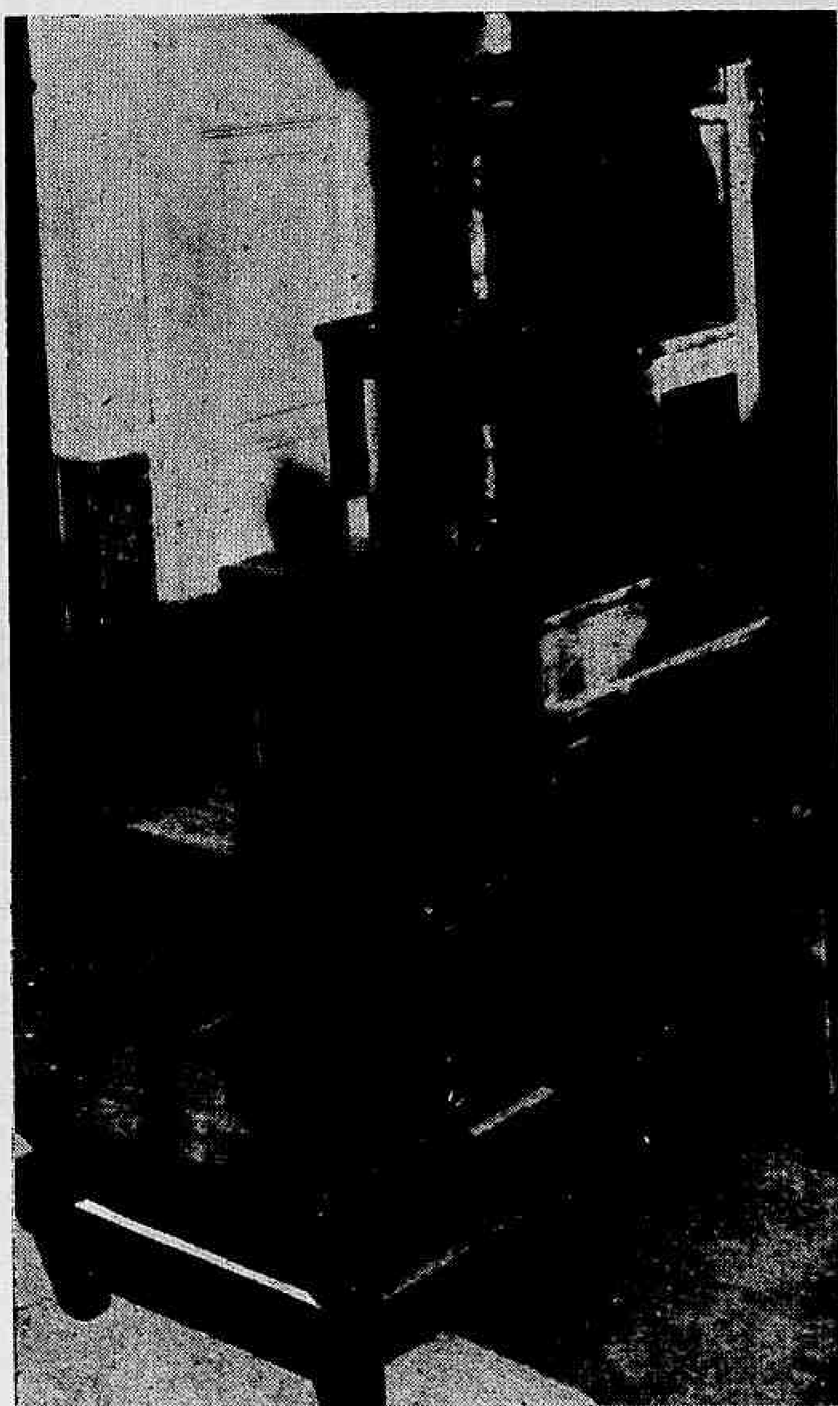


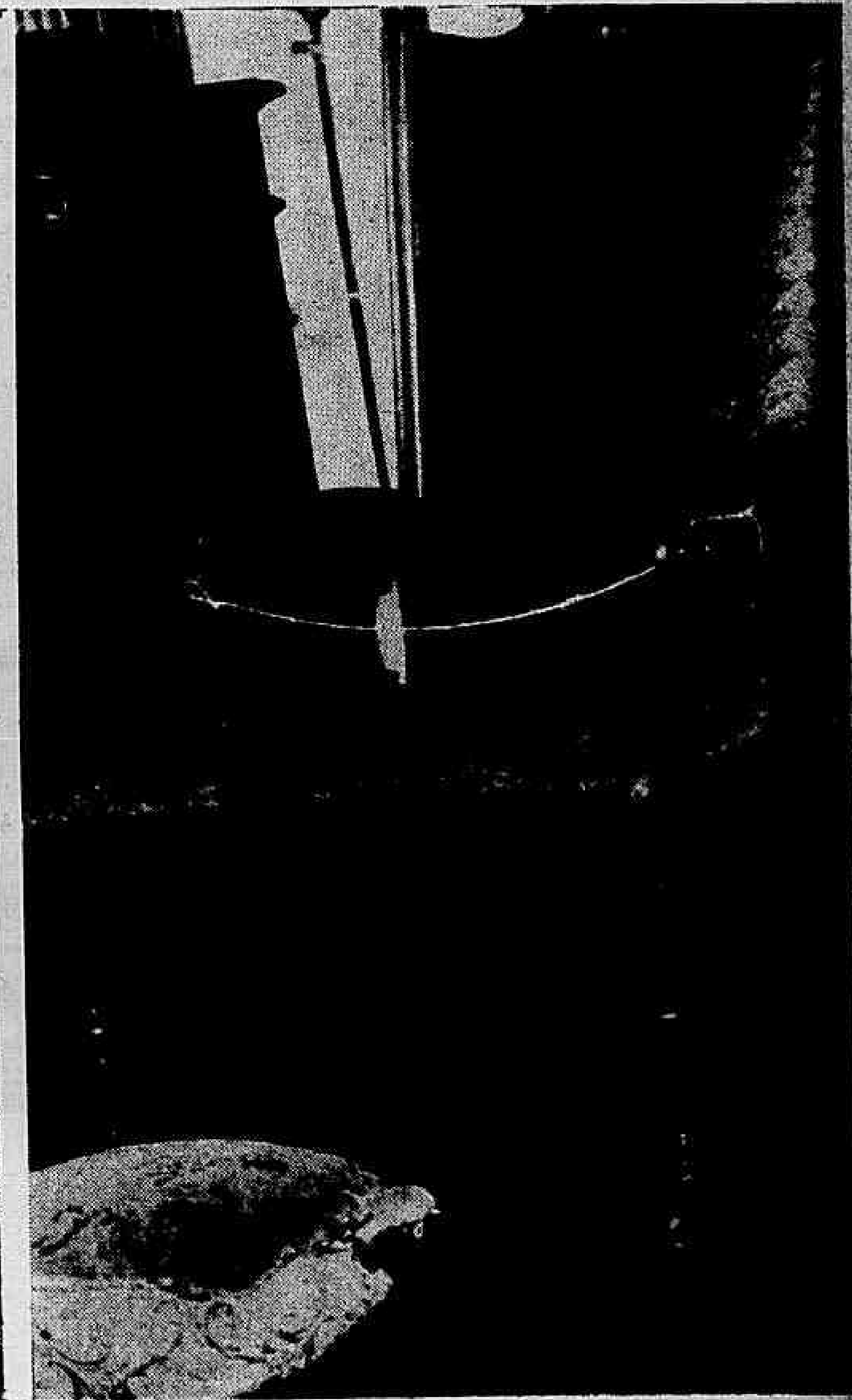
RECORDAÇÕES da Segunda Conferência de Haya, em 1907, onde êle marcou o seu grande triunfo jurídico



AUTOMÓVEL da marca "Benz" que serviu a Ruy Barbosa e que integra a coleção de objetos que lhe pertenceram


ANTES DOS carros automóveis, era esta "vitória" que levava o grande brasileiro para a cidade e de lá o trazia


CADEIRA-ESCADA de que Ruy se servia para alcançar os livros, e da qual caiu certa vez, fraturando uma perna


ERA RUY BARBOSA, desde jovem, incansável leitor. Esta é a cadeira onde lia e almofada onde apoiava os pés

QUANDO TEREMOS A TELEVISÃO?

O QUE SE ESTÁ FAZENDO NA FRANÇA ★ OS PROJETOS NO BRASIL

LOGO que terminou a última grande guerra, verificou-se na França, na Inglaterra e Estados Unidos verdadeira corrida de técnicos e especialistas em televisionamento, no sentido de tornar essa nova indústria um fator de negócios e de progresso.

Na França os interessados dispenderam grandes esforços para dotar o país de laboratórios capazes de torná-lo pioneiro nesse novo ramo das ciências em benefício das artes.

Tanto os particulares como o govêrno fizeram despesas elevadas e empregaram equipes de técnicos em favor da nova indústria, que ameaça destruir o simples aparêlho de rádio e forçar profundas transformações em tôdas as estações emissoras existentes no território nacional.

O que se verificou com os aparêlhos de projeção cinematográgica de 1928 para cá, vai também suceder com as emissoras de rádio com função apenas auditiva. Com a televisão, os seus proprietários vão se ver forçados a modificar os seus equipamentos e adotar a televisão, sem o que ficarão à retaguarda do progresso e ninguém mais ligará para os programas sem "vista".

O que se fêz na França é digno de elogios. A televisão naquele país avança corajosamente, embora ainda no terreno puramente experimental.

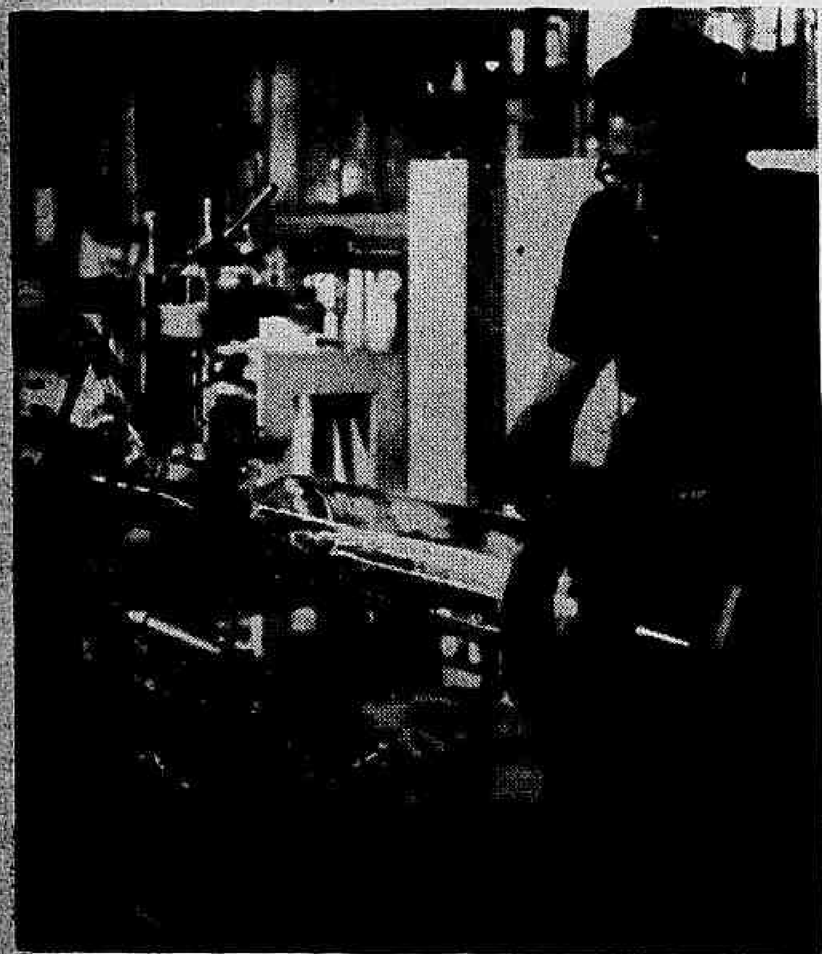
O que já realizaram os engenheiros e especialistas franceses nesse setor, embora sem que tenham conseguido, por vários motivos, aplicações práticas e definitivas, constitui, entretanto, apreciável conquista no domínio da televisão.

Resultados dos mais brilhantes já foram conseguidos. Seus cuidados passaram agora a dirigir se-para para obtenção de métodos para ampliar cada vez mais a emissão e a recepção de imagens perfeitas . E a ciência francesa já tornou perfeitamente possível o fato.

Caberá, agora, à indústria tornar acessível à bôlsa do povo a aquisição de aparelhos receptores, nos quais haja o rádio comum acrescido da novidade que vem revolu-



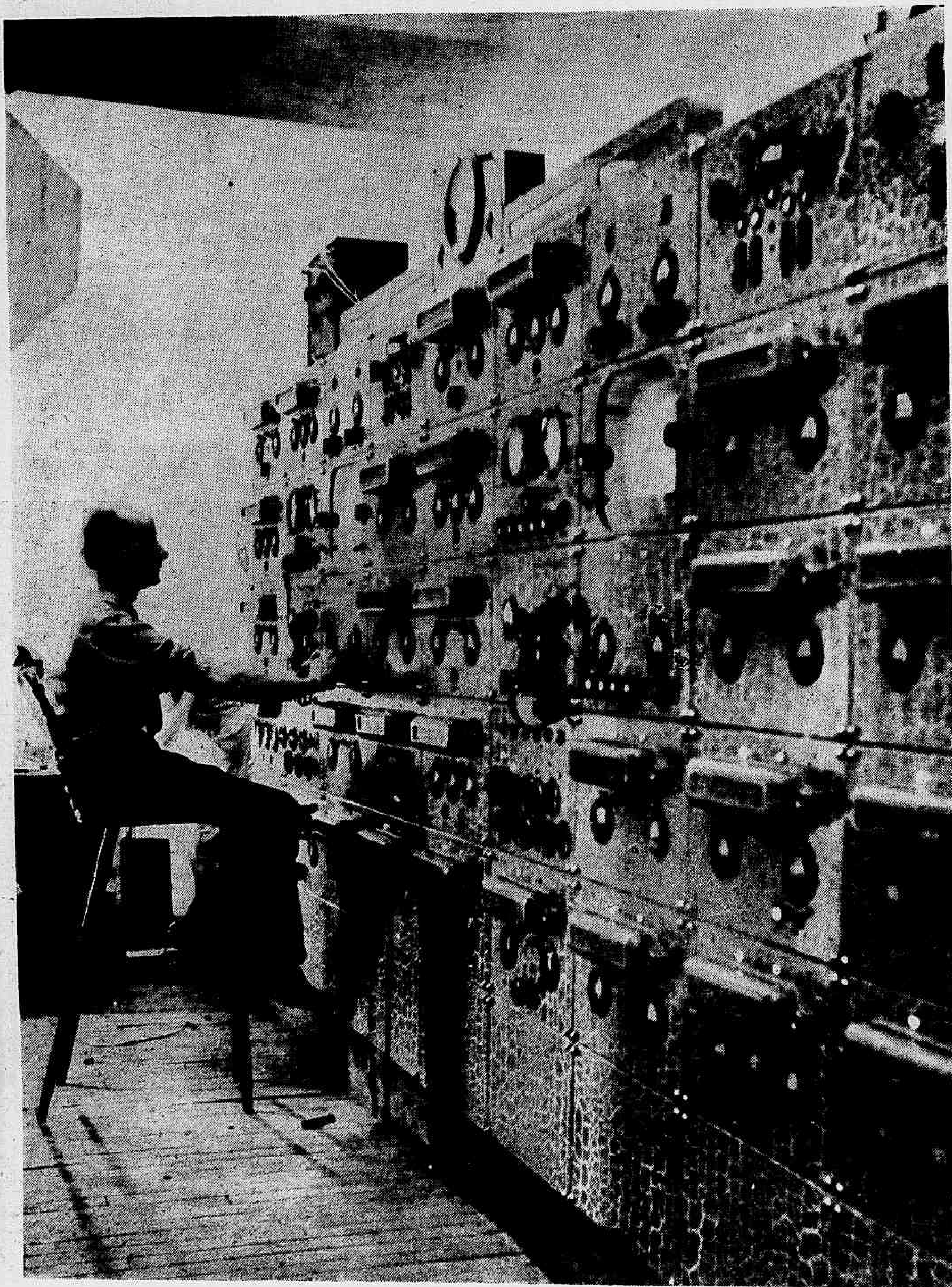
EXPERIÊNCIAS *de* televisão sôbre o teto de um edifício de Paris. Esta câmera segue as evoluções de um avião



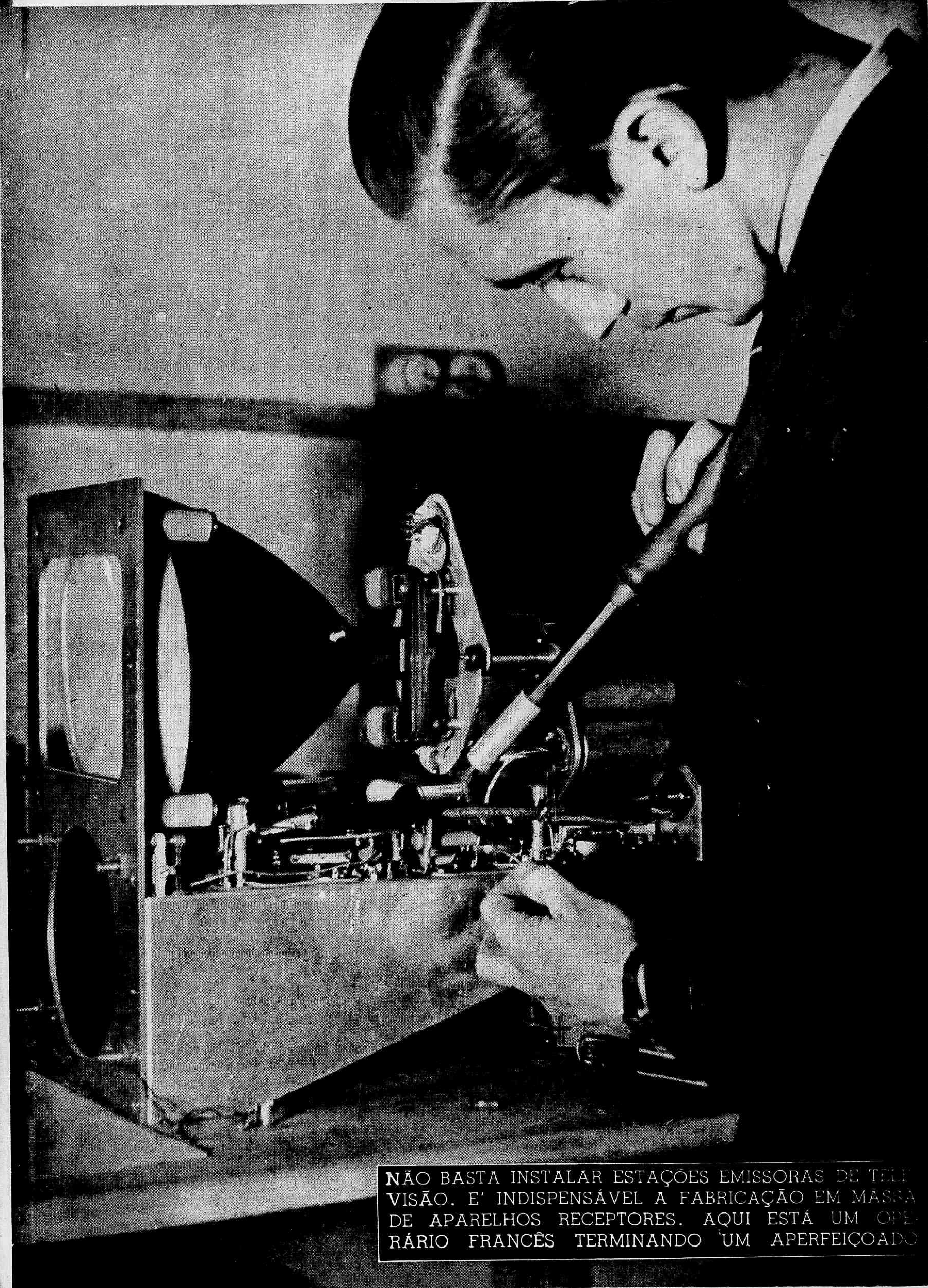
UM OPERÁRIO francês construindo um aparelho de televisão mais moderno e mais perfeito que os anteriores



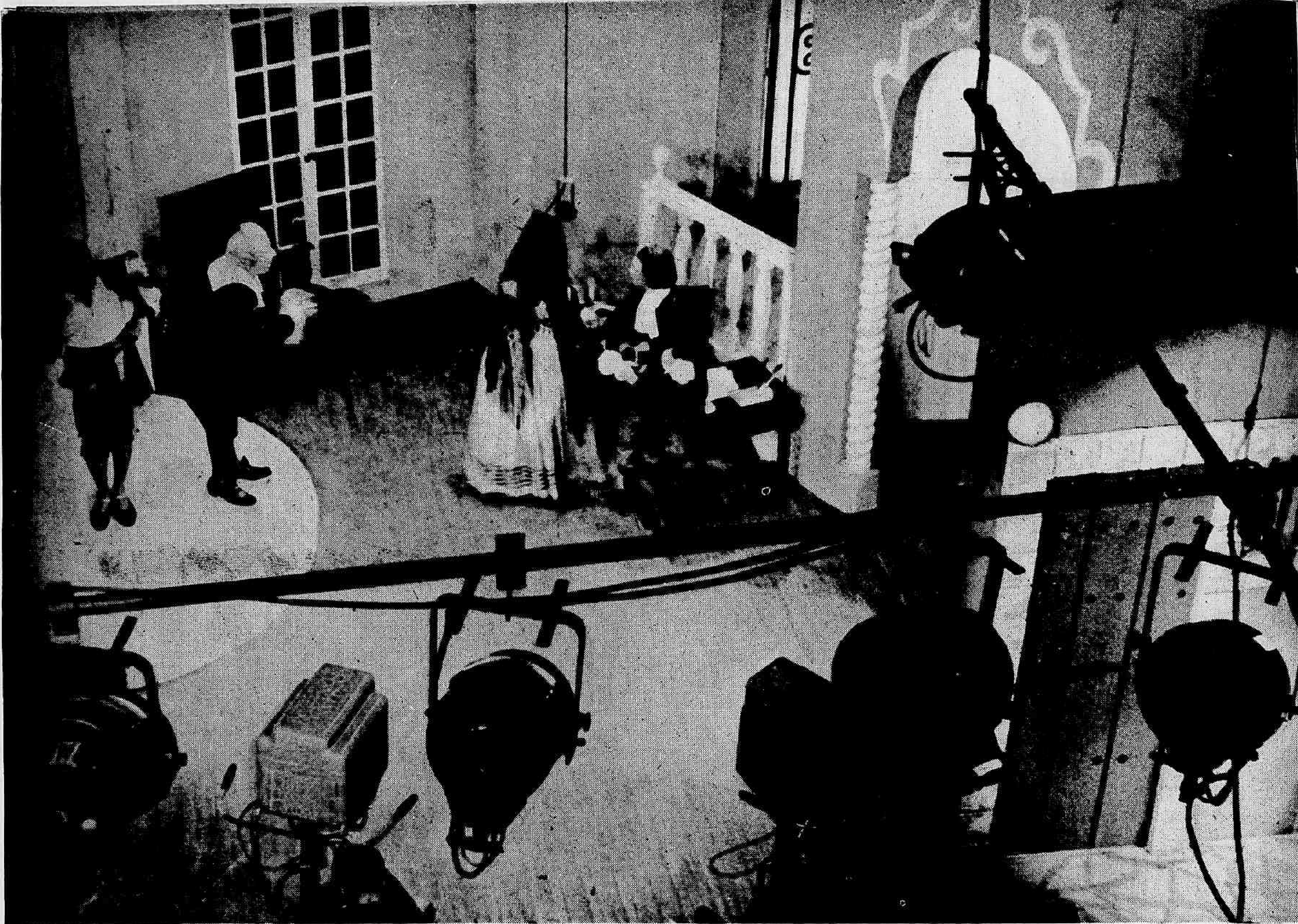
NO RAMO cinematográfico é enorme o interêsse dos franceses na ciência e no comércio. Isto é tele-cinema



NUMA OFICINA *de* televisão, na França, um operário maneja um quadro de emissões de uma sociedade privada já eficiente. Govêrno e particulares não descançam nas rebuscas e experiências sôbre a televisão, que empolga o país



NÃO BASTA INSTALAR ESTAÇÕES EMISSORAS DE TELE-VISÃO. E' INDISPENSÁVEL A FABRICAÇÃO EM MASSA DE APARELHOS RECEPTORES. AQUI ESTÁ UM OPE-RÁRIO FRANCÊS TERMINANDO UM APERFEIÇOADO



A ÓPERA ENTRA nas cogitações dos técnicos de televisão. Aqui vemos uma cena de "O Barbeiro de Sevilha", de Rossini e que foi representada nos estúdios nacionais de Paris e transmitida graças aos Serviços do Centro de Televisão Francesa, com o maior êxito possível. Está provado, pois, que essa indústria na França firmou-se vitoriosamente

cionar a velha indústria, hoje indispensável e florescente em tôdas as nações altamente industrializadas.

E no Brasil? Que se está fazendo a êsse respeito? Pelo que sabemos, há várias pessoas e firmas interessadas na introdução de estações emissoras de rádio-televisionado com sede no Rio.

Entretanto, não basta que se instalem aqui ou noutras capitais mais adiantadas, estações de tamanha novidade e interêsse público. O mais urgente, com efeito, é sabermos se teremos os aparelhos receptores simultâneamente com a inauguração das emissoras de sons e imagens.

Indiscutivelmente, o mundo ainda não andou com a velocidade necessária e desejável a êsse respeito, parecendo mesmo que os grandes industriais do gênero estão freando um pouco a nova era que se avizinha.

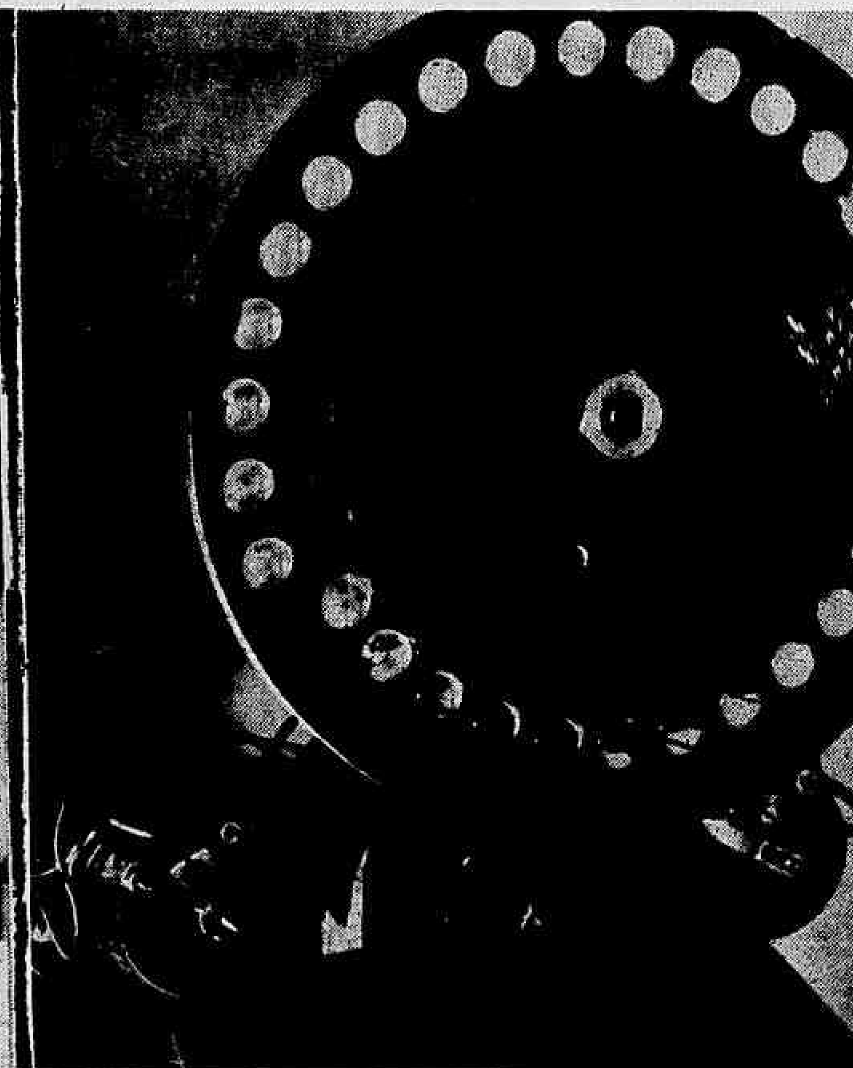
O rádio com televisão vai matar o antigo, pois que o novo sistema é símbolo de novidade, de progresso, de civilização, de ciência mais completa, enquanto o outro passará a ser objeto de museu.

Dizem ainda os mais conhecedores do fato, que os teatros estão temerosos de uma crise de frequência ainda maior, em face da televisão. Os próprios cinemas seriam vítimas dêsse acontecimento, pois que, se um cidadão puder, com sua família, assistir a um filme projetado em sua própria casa, longe das assuadas, dos ditos indecorosos, das pisadelas, das nuvens de fumo, das pulgas, certamente jamais irá a uma dessas casas de diversão.

No dia em que, da mesma forma, peças teatrais surgirem em todo o esplendor nas telas dos aparelhos de rádio, com imagens, cantos, diálogos e tudo, com a nitidez com que são vistas nos palcos, mais de metade dos frequentadores preferem vê-las de pijama, depois do jantar... A não ser que as senhoras e filhas desejem mostrar às amigas os seus últimos vestidos chegados de Nova York e Paris, por intermédio discreto de algumas de nossas casas da rua do Ouvidor e Gonçalves Dias...



NUMA DAS VÁRIAS oficinas francesas de televisão, êste operário especializado dedica-se a trabalhar no vidro



ORIGINAL APARELHO de televisão construído na França mediante os mais modernos princípios da ciência



EM SUA RESIDÊNCIA uma parisiense acompanha com o seu receptor, a irradiação de "O Barbeiro de Sevilha"

A SEMANA



Quando começaram a comemorar o dia do comerciário, o dia do funcionário...

Hoje em dia, perdeu-se a noção de tudo, inclusive do tempo. Houve época em que a semana tinha sete dias...

Naqueles belos tempos em que havia o dia da margarida e da violeta...



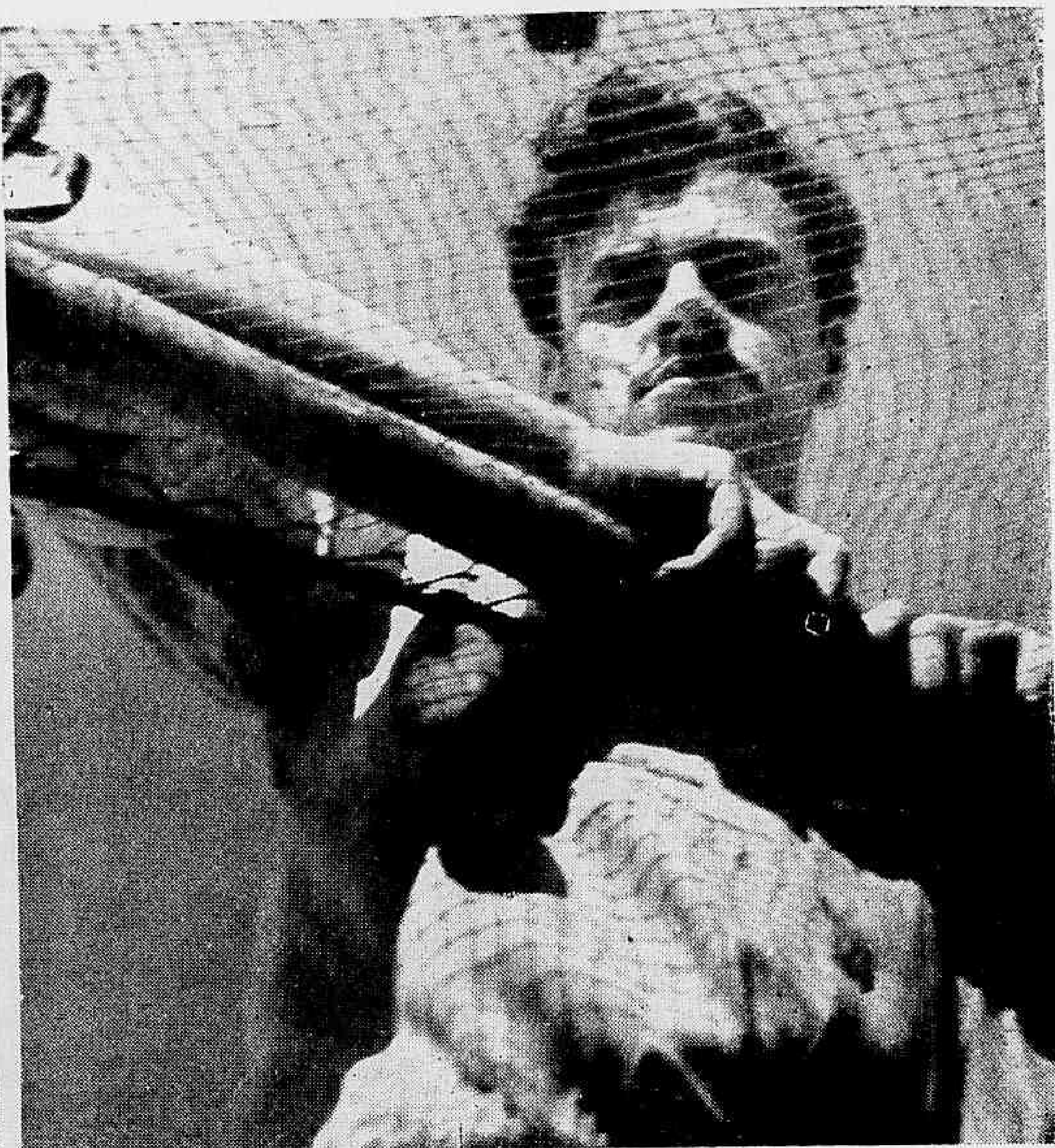
A noção do tempo se transformou. Logo apareceram as semanas da Asa, da Criança, do Trânsito...



A Semana da Asa, dizem os jornais, vai de 20 a 24, a da criança tem prazo indeterminado e a do trânsito parece que vai ser de 30 dias...



IRACEMA VITÓRIA, a artista de teatro musicado, que estréia auspiciosamente em nossas telas no filme "A Mulher de Longe"



ORLANDO GUY, galã de "Jangada" e que tem sob sua responsabilidade artística o difícil papel do novo filme de L. Cardoso

OUTRA TENTATIVA DO CINEMA NACIONAL

NOTICIOU a imprensa do Rio, faz poucos dias, que entrou em pânico a indústria nacional de filmes de longa metragem, com o fechamento dos estúdios da "Cinédia" e o abandono de outros produtores brasileiros atuando no Rio.

Segundo foi publicado, Ademar Gonzaga, depois de muita luta, de muita decepção, de esforços inauditos, resolveu negociar os vastos terrenos de sua "Cinédia", entregando tudo a um industrial de sabão e indo tratar de outras coisas.

Por sua vez, ainda conforme asseverou um repórter, essa assombrosa e pertinaz mulher que é Gilda de Abreu, também não deseja continuar a produzir filmes, apesar de ter conseguido um dos maiores êxitos de bilheteria com o "Ébrio", e, recentemente, com "Um Pinguinho de Gente", drama de belíssimo efeito em que nos mostrou como temos gente capaz de fazer cinema de verdade, a começar de crianças.

Mas, não basta que o filme seja bom e o povo corresponda à expectativa; é necessário que renda suficientemente para estimular os que trabalham.

A arrecadação, até hoje, de "O Ébrio", se elevou a quinze milhões de cruzeiros, mas, na verdade, para o bôlsa de Gilda de Abreu só vieram três milhões, ou seja, um pouco mais do que o custo total da película. Isso, porém, é outro assunto.

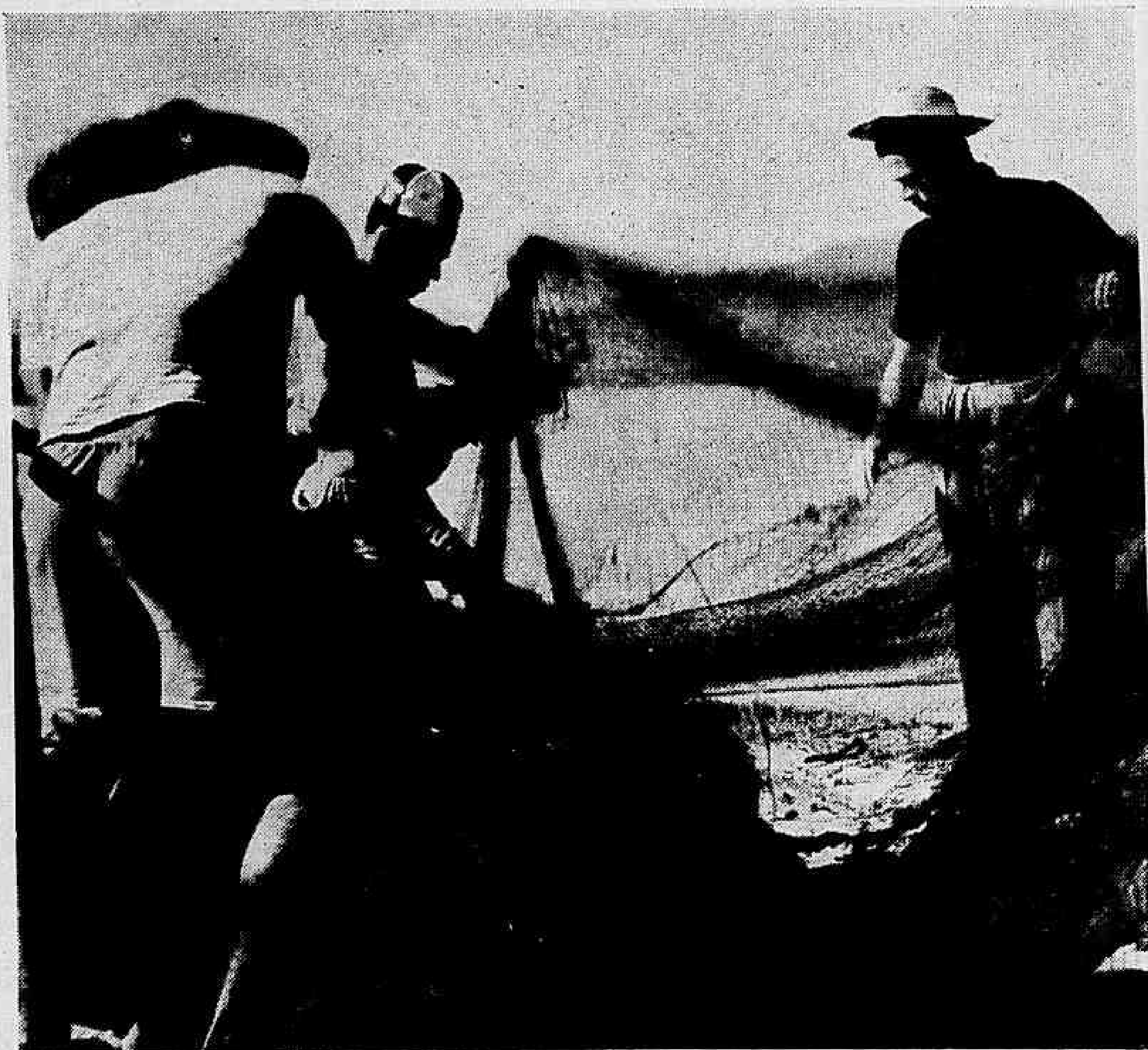
Apesar de tantas decepções, desânimos, pessimismos, há alguns esperançosos a dirigir as "câmeras" de filmagem. Dentre êstes, Lúcio Cardoso, escritor conhecido nos meios intelectuais do país, atualmente muito dedicado à Sétima Arte.

Lúcio Cardoso escreveu um argumento para o filme de longa metragem "A Mulher de Longe", e assume a responsabilidade de sua direção, repetindo as proezas de Gilda de Abreu.

Já produziu, aliado a Leo Marten, um outro filme intitulado "Almas Adversas", que, como a grande maioria de nossas películas de enrêdo, foi apreciada com a necessária discrição pelos cronistas e conhecedores do assunto.

Desejando dar-nos melhor prova de que podemos fazer

(Cont. na pág. 52)



CENA PRAIEIRA tomada em Niterói, como uma das sequências típicas do novo filme romântico do cinema brasileiro



CORA FERREIRA e Rosita Gay, duas das principais intérpretes do argumento de "A Mulher de Longe", dirigido por L. Cardoso



ORLANDO GUY, CUJOS DO
TES FISICOS E TALENTO ARTIS
TICO VÃO CONTRIBUIR, PODE
ROSAMENTE PARA MAIS UMA
ETAPA DO FILME NACIONA



O DRAMA DO FREDERICO

— Você não vai jogar uma partida de xadrez com o velho, Eduardo?

— Não, Luiz, é o seu dia de "plantão", ature o homem, enquanto eu aproveitarei a folga para dar um bate-papo com a garôta, a lourinha de 18 quilates. E felicidade com o "filósofo", amigo.

Dêste modo, outra alternativa não teria, senão a de, resignadamente, curvar-me à inexorável sentença de meu amigo, e, como presidiário, encaminhar-me relutante para o caramanchão florido, onde "seu" Frederico aguardaria um de nós para sua habitual partida de xadrez; mas...

"Seu" Frederico!

Quanta recordação carinhosa, encerrada nessas duas palavras que me evocam cenários e personagens queridos do tempo de minha vida acadêmica!

Todo fim do ano eram trocados os quadros do cenário citadino pelo colorido alegre de nossas almejadas férias praieiras.

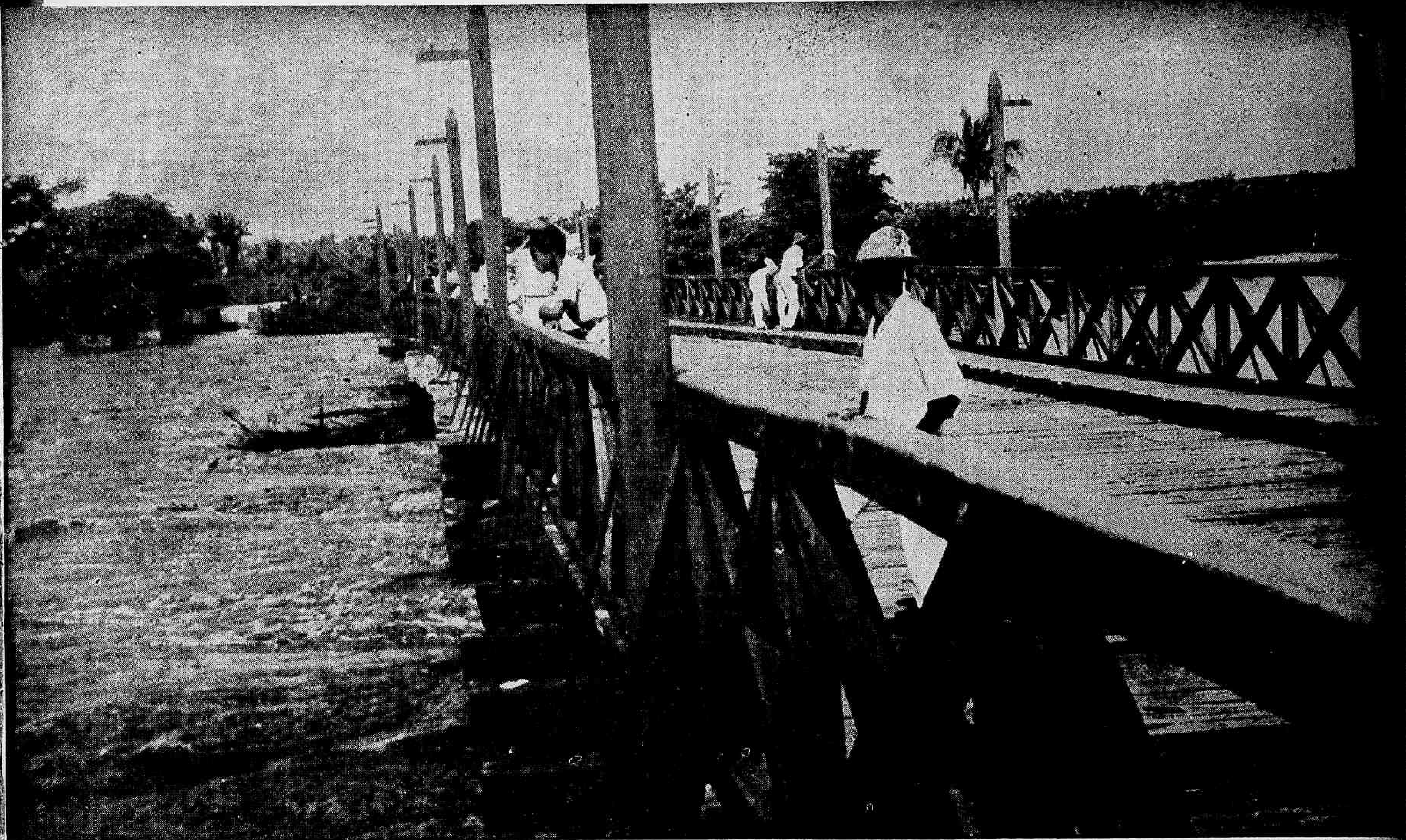
Cursava, por êsse tempo, o terceiro ano da Faculdade de Direito no Estado do Paraná. Terminados os exames, voava ao aconchego dos meus que residiam na capital catarinense. Meu pai crivava-me de perguntas austeras. Dir-se-ia estar novamente em presença dos lentes. Nunca ouberam quantas pragas lhes roguei. — Como se foi de provas, Luiz? Que notas tirou em direito civil, comercial e penal? Que teses defendeu? E, assim, se inteirando, aos poucos, de meu aproveitamento, meu pai, insensivelmente, fazia-me recapitular os maus momentos passados nas bancas examinadoras. Aqui para nós, nunca consegui ser estudante dos mais brilhantes. Entre um Clóvis Bevilaqua e um Coêlho Neto, não vacilaria; escolheria as obras dêste, para meu enlêvo espiritual. Já organizara meus planos. Uma vez formado, nada de me embrenhar pelo interior empunhando códigos, discutindo leis, consultando arquivos judiciários. Nada disso. Havia de ficar por ali mesmo, na Capital, a arregimentar um velho sonho: vencer no jornalismo. — O Luiz, não sabem? E' o brilhante redator da "Fôlha da Tarde". — Ouvir os vizinhos, os amigos e as "pequenas" da terra, enchiam-me de pueril satisfação. Parecia-me com o velho advogado Pacheco, cheio de "grana" adquirida na defesa de tantos casos encrencados durante um jubileu de vida forense. Não, positivamente, eu não manifestava vocação pela carreira que abraçara; abraço, pròpriamente, ainda não dera.

— O Luiz — diziam os amigos de meu pai — será o percursor dêste na tribuna. Havemos de vê-lo famoso até atingir o "Supremo". — Parecia que lhes frustraria as "ilusões". Tinha meus planos secretos. Colaria o grau, ornamentaria o anular com o tradicional rubi e brilhantes, permitiria, lisonjeado, que me chamassem: — Dr. Luiz; mas pararia aí. Nada de placas pomposas. Nada de escritórios em arranha-céus. Havia material e matéria muito mais interessante na minha carreira jornalística encetada, ali mesmo, ao rez-do-chão. Jornalista! Encantadora profissão! Essa, sim, seria a amante pela qual pretendia zelar até o último suspiro. Que tivesse birras para com o namorado pobre, que tivesse espinhos que lhe cruciassem a vida, mas êle jamais prescindiria de seu carinhoso convívio, nem das horas boas de miragens rebrilhantes. Havia de lhe pertencer, sempre, desculpando-lhe os caprichos. E era assim, mergulhado nessas conjecturas, que via feliz os preparativos de minha mãe e irmãs para o tradicional veraneio em nossa pitoresca praia de "Coqueiros". Nosso pai deveria reunir-se-nos, após as decisões de suas questões no Tribunal.

A caravana alegre atravessava, em charrettes, a majestosa ponte Hercilio Luz. Quanta vez, minha mana Judite, a George Sand da familia, como lhe chamava, interrompendo o curso de meu pensamento, apontava-me, enlevada, algum "pingo de tinta" no Oceano. — Olhe, Luiz, "sôbre as águas azuladas do Atlântico, desliza mansamente o... — Itaquera, por "mares nunca dantes navegados", respondia-lhe, cortando em riste a inspiração na arte declamatória de que tinha mania. No passeio que dávamos pela redondeza, descobriamos logo os amigos citadinos. Na praia elegante, viamos as familias do dr. Carlos de Azêvedo, médico do Hospital de Caridade, a do dr. Lucas Guimarães, promotor público, a do dr. Rezende, cirurgião dentista, especializado em dentaduras anatômicas, a dos adversários politicos, Souza Lopes e Mário Faria,

(Cont. na pág. 52)

Conto de YOLANDA LORENZATO
Ilustração de ORLANDO MATTOS



ESTA PONTE SÔBRE o rio Poti, já havia suportado vários embates de água. Na Semana Santa de 1947, porém, a impressão era de que...

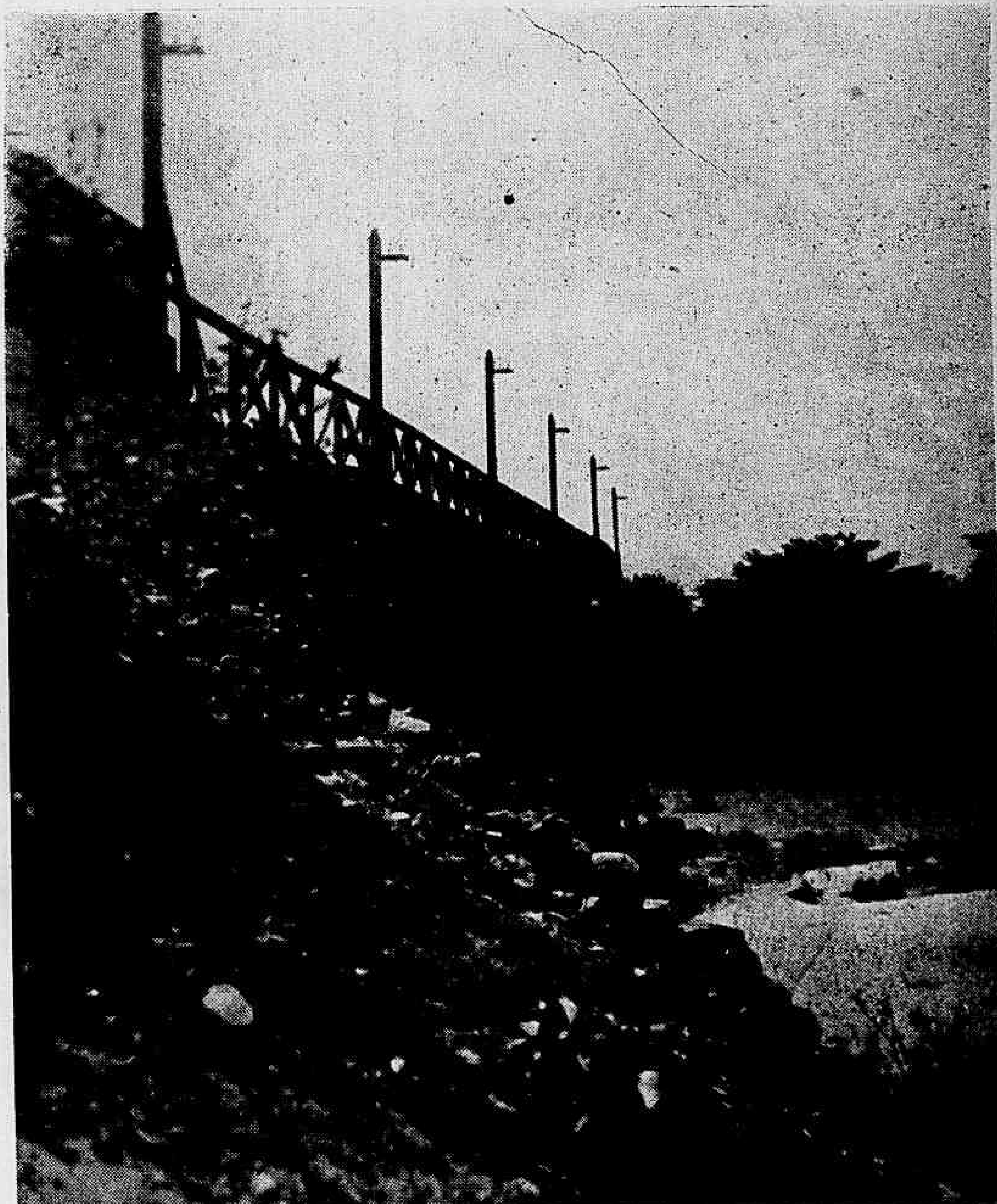
POEIRA E DILUVIO

O ALUVIÃO ASSOBERBADO DE ÁGUA DEPOIS QUE ERA UM LAGO DE POEIRA ★ O RIO POTI TRANSBORDA E ESTENDE UM BRAÇO PARA O PARNAÍBA. DEPOIS DE EMENDADOS, NATURALMENTE CONFABULAM: "ACHO QUE ALAGAMOS TUDO. FARTAMOS DE ÁGUA ESSA GENTE..." ★ NO VERÃO, SOL ESCALDANTE QUE QUEIMA TUDO; NO INVERNO, AÇUDES ROMPIDOS PELA CORRENTEZA ★ PONTES DESEJADAS DURANTE SÉCULOS, PLANEJADAS EM UMA DÉCADA, REALIZADAS APÓS UM LUSTRO E ARRANCADAS EM APENAS UMA NOITE!

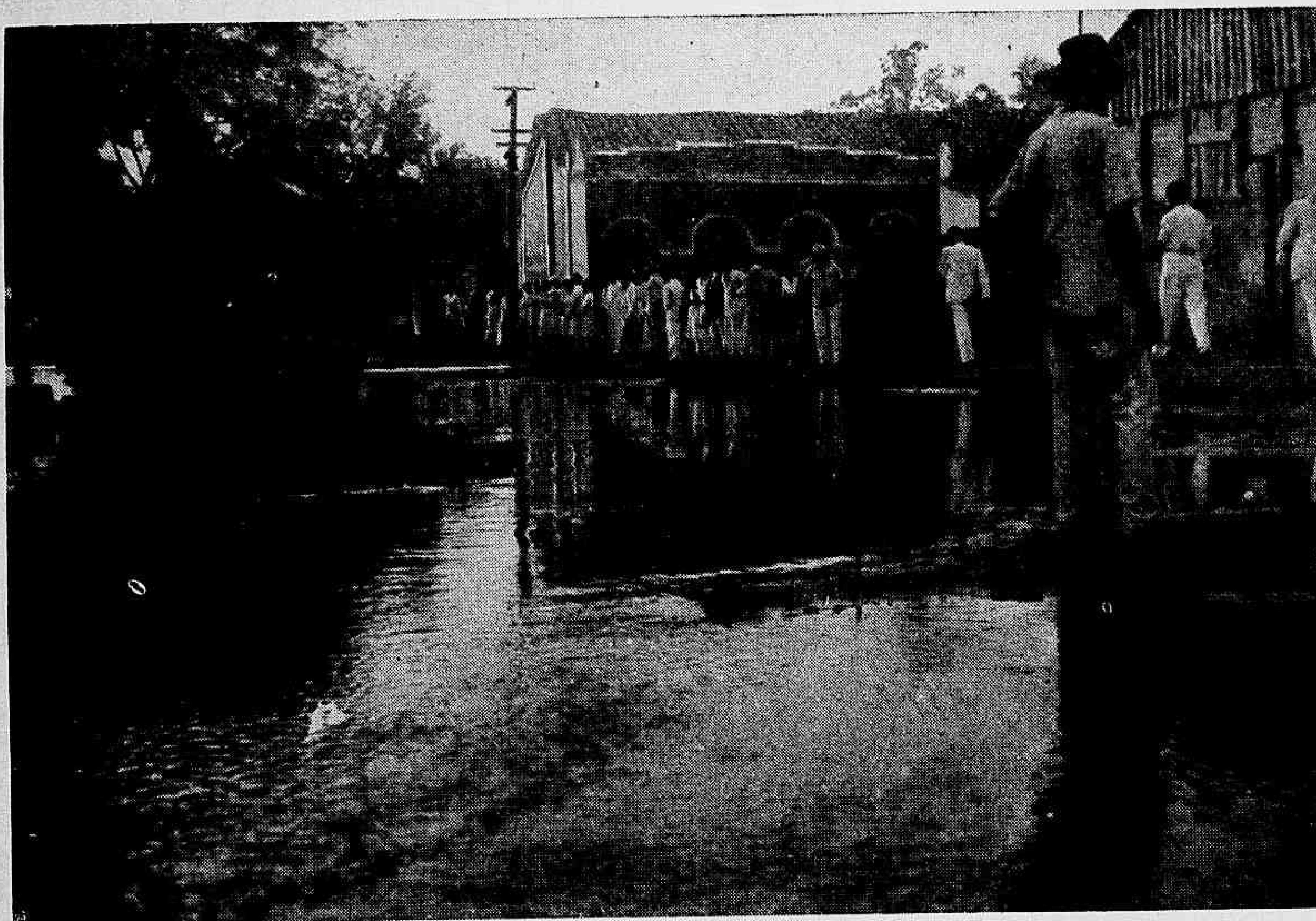
Reportagem de VINÍCIUS LIMA
Fotos da reportagem e de ANTÔNIO BARBOSA

O nordestino toma uma folga: "Êste ano o inverno não virá de parafuso frouxo...". Fica satisfeito porque, após a sêca, é provável que as chuvas sejam brandas. Mas, quando menos espera, o céu fica todo escarlate, um vozerio ensurdecedor dá a idéia de que lá no alto malas gigantescas estão sendo arrastadas sôbre um assoalho de ocuuba desgastada. E daí a alguns instantes a chuva torrencial se despenca. Todo mundo corre para dentro de casa: talvez não custe a passar... Mas as horas decorrem, um par de olhos vislumbra pela janela um caudal gigantesco que se aproxima. O dono da casa corre e prende os animais; a corrente parece mais forte do que supunha. Então êle já não pensa em prender os animais, mas arriá-los e ganhar o mundo em busca de terreno mais alto. Grita lá do terreiro para a família que arrume os "terem". D. Josefa corre e corre dando ordens. E amarra os cacarecos. Em meia hora os jumentos caminham com a família desolada que lança o último olhar para a roça regada com água do açude. Não é a primeira vez que o sertanejo vê dissipadas as suas esperanças. Levanta o chapéu que pinga água, arranha a cabeça e tenta consolar a família: "Talvez num dia a gente tenha sossêgo!" E lá se vai a cata do terreno alto, fugindo à tempestade. Viaja muitas horas rumo a Teresina, Parnaíba, Caravelas ou Fortaleza. Aí toma novo susto porque onde existia uma ponte só há o lugar. Muitas famílias se encontram no entroncamento e trocam idéias a respeito da desgraça. Alguém canta um desafio ao som da viola desafinada. Rostos contraídos voltam a sorrir, moças e moças começam namoros, atravessam o rio trepados em balsas improvisadas de talo de buriti. A cidade está à vista. Mas a cidade também está alagada e atulhada de gente. Armam-se as rêdes sob as copas das poucas árvores frondosas das beiradas dos rios, mesmo que haja água por baixo, pois o sertanejo troca logo o jumento por uma canoa.

As águas custam a baixar. E à proporção que descem as doenças vão chegando. Miséria, nem se fala: já chegou há muito tempo. Todos estão com fome, mendigando de porta em porta. A viola já não é instrumento de alegria e de lisonja para as namoradas. Tem nova finalidade. Cantam a desgraça das cheias, de um povo expulso pela inclemência da natureza. Choveu demais, alagou os roçados e as palhoças.



ELA NÃO SUPORTARIA o caudal que se avolumava. E, à meia-noite de Sexta-feira Santa daquele ano ela se foi, isolando Teresina do sul do país



ASPECTO TOMADO numa das ruas de Teresina quando as águas escoavam-se

Flores também esmolava o líquido indispensável, porque as torrentes do rio eram lamacentas, putrefatas. Cadáveres desciam, decompondo-se e impestando ainda mais a única água potável que abastece Teresina.

Noutros recantos nordestinos, tais como na Paraíba, cenas idênticas se reproduziam. As trombas dágua inundavam plantações e desfaziam lares. O Nordeste via desaparecer mais uma esperança de uma safra fértil e enfrentava a realidade de uma miséria mais acentuada, mais real.

VISÃO DO ALTO...

Do avião, as antigas poças avaramente guardadas por capangas dos latifúndios, como num desafio, cobriam agora as cêrcas e os animais. As carnaubeiras com as fôlhas estendidas aos raios solares, eram como braços suplicantes no meio do imenso chapadão. Aqui e acolá aglomerados de bovinos abrigados na faixa de terra mais alta. Vaqueiros com as suas roupas características de couro, procurando arrastar os bezerros desgarrados. Mais além a sede do latifúndio completamente submersa. Galinhas pelas cumieiras, porcos nas marombas e rêdes dependuradas pelos caibros das partes mais elevadas dos barracões.

Mais além uma antiga "casa da farinha", a roça ao lado, simbolizada apenas pela clareira que se vê, na qual as fôlhas apodrecidas da macacheira e da mandioca já murchas são o único atestado de vida vegetal. Naquele lugar, dias antes, era preciso proteger as narinas contra a poeira. Naquele lugar, dias antes, muita gente havia sonhado com um inverno equilibrado e com dias promissores para o feudo, e, consequentemente, para os trabalhadores.

O DRAMA, PROPRIAMENTE

As águas desceram. O Parnaíba já dava passagem aos trens. Uma camada de lama espessa cobre diversas ruas das cidades.

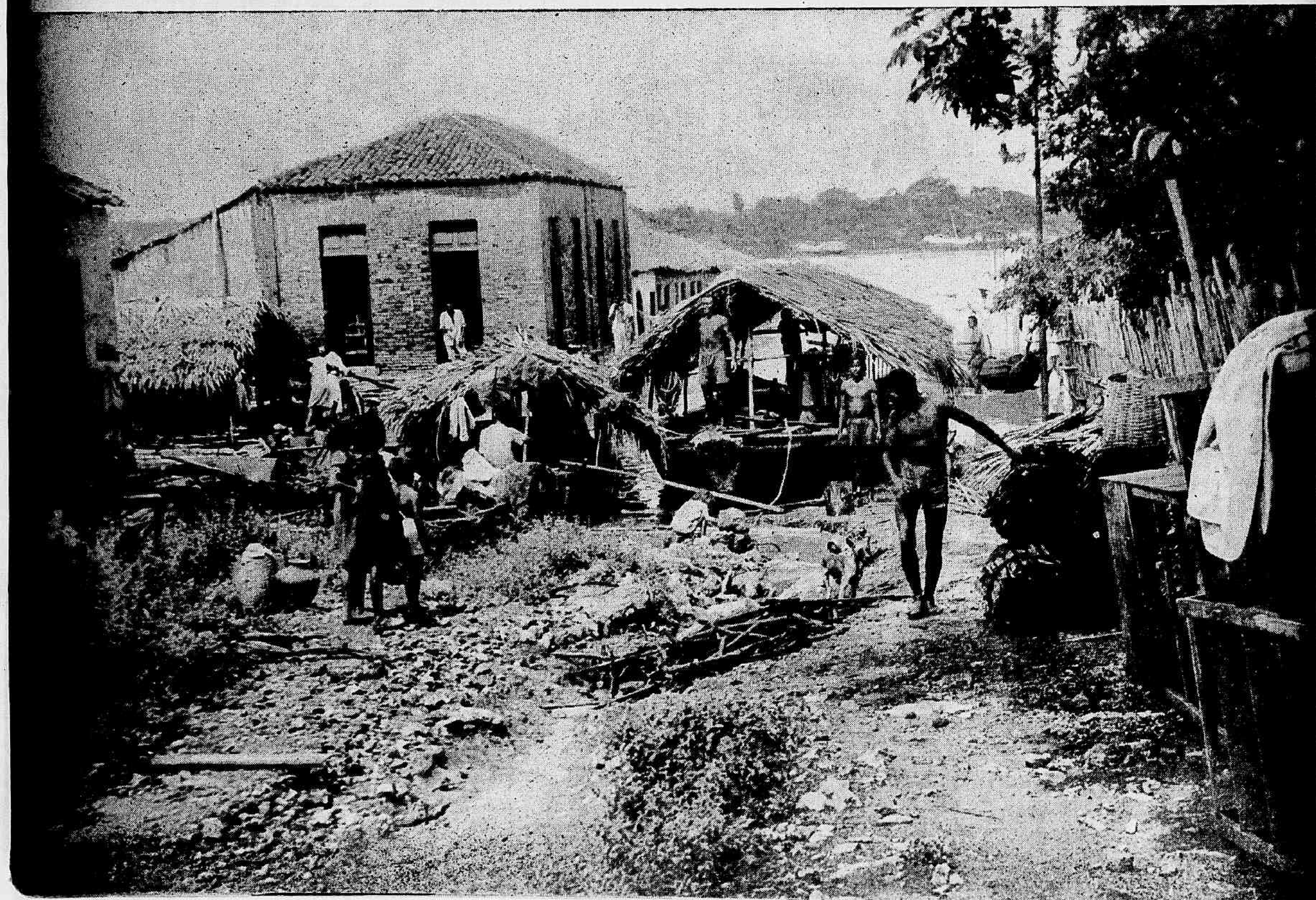
ABRIL DE 1947

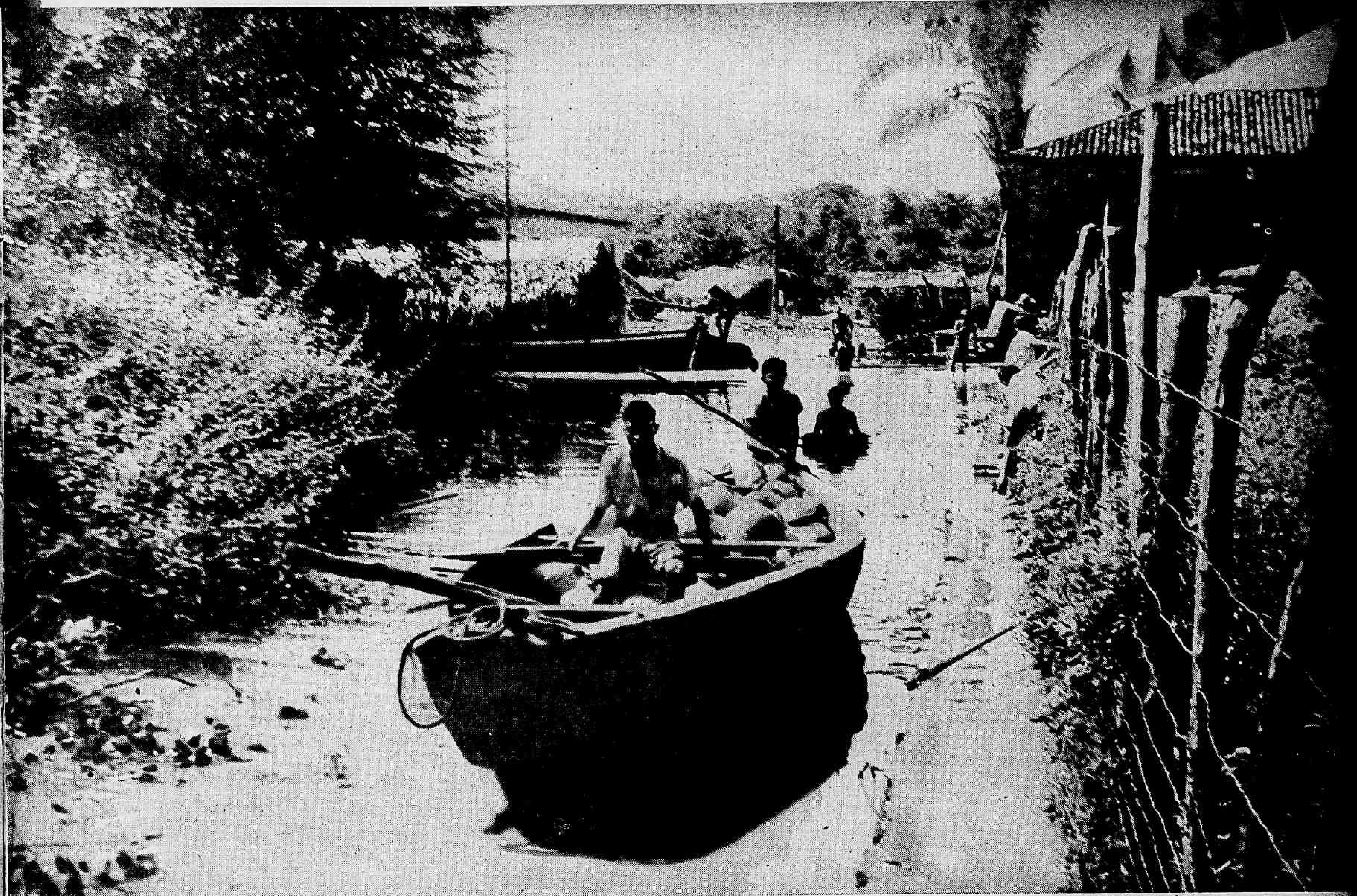
Acidentalmente, nessa época, o repórter encontrava-se em Teresina, onde teve oportunidade de assistir às cenas desoladoras que fotografou, juntamente com Antônio Barbosa, um profissional apaixonado pelos problemas de sua terra. Com água pela cintura, ora em montaria ou mesmo a nado, suportando as pedincharias das imigrantes, a imprensa ia cumprindo a sua missão de documentar os quadros desoladores das enchentes.

Era quinta-feira santa. A ponte sôbre o rio Poti contorceu-se, encaracolou-se como se fôsse uma gigantesca serpente que se preparava para o bote. Era forte e considerada à prova de tudo. Mas o Poti transbordava, corria vertiginosamente, empurrando o amontoado de cimento e madeira que, aos poucos, cedia. Sexta-feira santa. À hora em que Cristo expirava na cruz, a ponte esfacelou-se e acompanhou a marcha das águas. Era uma vez uma ponte!

Enquanto isso, nas fronteiras do Piauí com o Maranhão, em Flores, os trens da linha férrea São Luiz-Teresina se aglomeravam, contemplando a barragem líquida que o rio Parnaíba formara. Redemoinhos, pororocas em avalanches sucessivas proporcionavam um espetáculo desolador. Flores, pequeno povoado abarrotado de gente, sentia falta de tudo, e principalmente de água. Qual náufrago sôbre as ondas,

DO OUTRO LADO da cidade o panorama era desolador. O Parnaíba inundara tudo numa fúria aterradora. Aqui vemos um trecho de ruas em flagrante durante as enchentes





CASAS MODESTAS erguidas à margem do rio, são invadidas pelas águas barrentas que descem do interior alagando tudo. Botes e bateiões nas ruas como numa Veneza bárbara!

Grupos de gente palmilham, esmolando pelas ruas:

— Perdi tudo, meu branco. Tudo foi na correnteza!

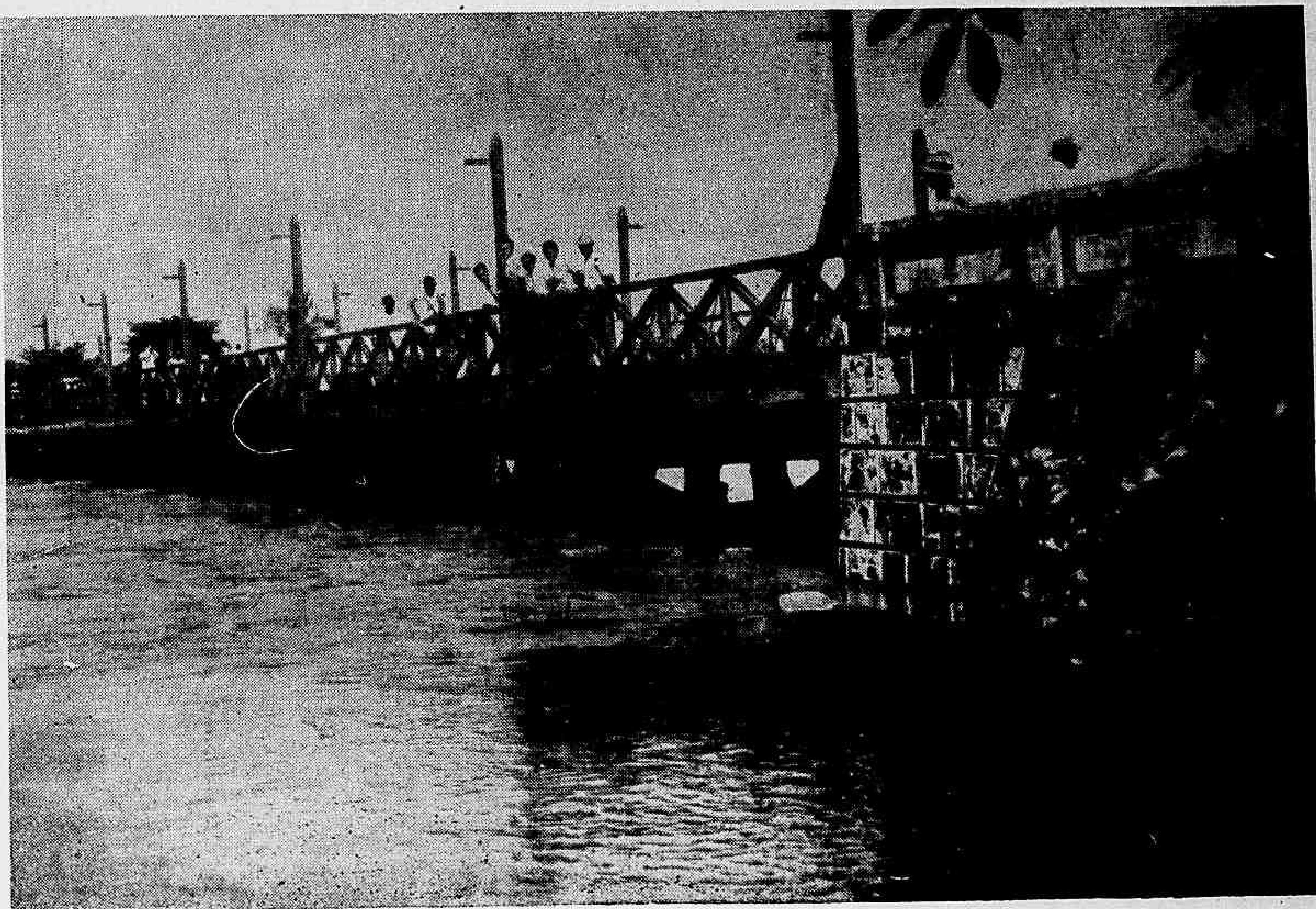
E muita gente que não emigrou e que não gosta do trabalho inventa perdas fantásticas. Há uma avalanche de ex-novos ricos que, pelas esquinas, fazem narrativas imaginárias. Seriam bons romancistas se para isso tivessem recebido educação. Mas os que realmente perderam, ficam tristonhos, sem vontade de contar as suas desditas. Correm ao Govêrno em busca de socorro, querem uma passagem em último recurso, já que a terra não lhes proporciona novas esperanças. Quando não é falta dágua é excesso da mesma. Rio de Janeiro, aquilo sim é que é terra de gente viver! Rio, um sonho que logo se desfaz para êsses aventureiros mais letrados. Os ignorantes, vão em busca de terras, na Amazônia.

As cidades sentem um pouco de alívio. Desafogaram-se. Tudo é assim no Brail. Se a polícia do Piauí prende 20 gatunos, remete-os para Fortaleza. De Fortaleza êles são mandados para Maceió. E o mesmo se dá com os imigrantes. No entanto, manda-se buscar milhares de deslocados de guerra. Dá-se-lhes todo o confôrto de que careçam na Ilha das Flores. O pobre colono que, de cabeça erguida, luta contra a natureza fica nesse vai-e-vem constante, porque lá no Rio de Janeiro o Executivo deseja mostrar-se generoso para com os povos que Hitler e Mussolini levaram à guerra. Antigamente eram nossos inimigos, que pretendiam conquistar-nos. Mas o brasileiro tira do seu para fornecer aos próprios inimigos. Que venham italianos e alemães enquanto cearenses, paraibanos e piauienses morem à míngua. Que venham os povos que nos afundaram os barcos lestos que tranquilamente sulcavam as águas do Atlântico com uma bandeira neutra à pôpa. O Brasil, gigante com órgãos saudáveis e membros doentes pelos açoites constantes da natureza, procede como o médico que fornece a última droga ao paciente moribundo. E' um suicida, um carridoso e *ingênuo* que morre para que outros vivam.

O Parnaíba seca totalmente. O Poti, também. Tudo definhou após as enchentes. Das famílias que viajaram só resta o rastro e mais a Maria Firmina, a Francisquinha e a Maria da Glória, que foram abrigadas pela Raimundinha Leite, em seu prostíbulo da rua Paissandu. Elas são, agora, as rameiras mais cortejadas da cidade. Já aprenderam a beber cerveja e a mostrar os peitos rechonchudos através dos decotes dos vestidos. De início, nem se recordam do Manuel Raimundo, o cabra trigueiro que as cortejava. Faltava pouco para um casamento. Mas o Manuel Raimundo, tal como o Pedro Celestino, foram para o Amazonas em busca de trabalho. Daí a algum tempo, Maria Firmina e suas amigas percebem que os homens já não são os mesmos. A Raimundinha obriga-as a deixar a casa. E lá se vão elas em busca de uma casa de tolerância mais acessível, frequentada por gente mais humilde, onde **a cerveja rareia e as facadas abundam. E tudo isso começou naquela tarde de quinta-feira santa, com o trovejar igual ao arastar de malas em soalho de casa velha, com aquela nuvem negra, da côr da prostituição.**

QUAL O MELHOR REMÉDIO?

O "Orós", gigantesco açude iniciado há tanto tempo, obra monumental que iria resolver a angustiosa situação de boa parte



POPULARES APRECIAM a luta da ponte com as águas, três dias antes de cair



NAS CHEIAS dos rios do nordeste, as humildes canoas prestam serviços inestimáveis de salvamento aos moradores ribeirinhos



OUTRO ASPECTO do Parnaíba, que banha o Piauí e cuja extensão é de 400 quilômetros. Temível no inverno, fica sêco no verão



JUSTAMENTE À MEIA-NOITE de Quinta para Sexta-Feira da Paixão, a ponte desabou e o Poti amanheceu orgulhoso da proeza...

do Nordeste, ficou como as demais iniciativas de vulto idealizadas no Brasil: por concluir. Por outro lado, o Serviço Nacional de Obras Contra as Sêcas, que tão excelentes resultados vem proporcionando às populações da Paraíba, de Pernambuco, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, não conta com recursos à altura das necessidades dêsses Estados. E se contasse, talvez procedesse como as demais instituições do Govêrno, que possuem recursos apreciáveis: desejaria financiar refinarias de petróleo em vez de fazer açudes, como sucedeu recentemente com uma autarquia.

Que tem feito o S.N.O.C.S.? À pergunta, muitos responderiam que seria injustiça, por parte da reportagem, dizer que êsse Serviço nada realizou. Em verdade, há muita coisa feita; os resultados têm sido os melhores, porém, ainda deficientes porque os recursos empregados ainda não estão à altura das necessidade dêsses Estados. No Ceará existem mais de 200 pequenos e grandes açudes. Dêsses açudes, a maioria deles foi construída com recursos de particulares e a colaboração das "Obras Contra as Sêcas". Irriga-se a terra pertencente ao dono da fazenda. Aquilo que é devoluto, que não tem dono e que poderia ser usado pelo homem humilde, não pode ser. Por êsse motivo, o colono passa a ser arrendatário das terras férteis, das quais usufrui apenas 50 por cento do que a terra lhe dá.

De qualquer maneira, dirão, há resultados positivos que ajudam o homem humilde que antes dos açudes não tinha nem meio por cento. No entanto, as deficiências não podem ser atribuídas ao Serviço Nacional de Obras Contra as Sêcas, já que os capitais de que dispõe essa organização só vê o caminho mais prático, mais acessível. Caberia ao Govêrno ampliar tais serviços que, além de serem ainda deficientes, constituem muitas vêzes grave perigo às populações que habitam as circunvizinhanças. E' o caso do açude de Sobral, formado pelo rio Acaraú. Mal localizado, oferece perigo constante à população dêsse grande município cearense, em virtude de suas barreiras não terem a necessária resistência. Além disso, suas paredes são pequenas para conter enchentes maiores. Quase todos os anos êsse açude sangra em abundância, causando pânico entre os habitantes dessa cidade.

DE QUALQUER MANEIRA

...os nordestinos deixaram de imigrar em grande escala. Deixaram de imigrar mas, em compensação, o número de vagabundos aumentou consideràvelmente. A Praça do Ferreira é um celeiro de braços que tanta falta faz a S. Paulo. Em recente viagem feita à São Paulo, o jornalista verificou que é simplesmente alarmante a situação das fazendas da zona da Companhia Paulista. E como exemplo, basta frizar o caso da fazenda São Joaquim, às proximidades da cidade de Colinas, a qual possui cêrca de 700.000 cafeeiros. Setecentos mil vegetais necessitando de braços para os podar, irrigar e apanhar-lhes os frutos. Essa fazenda conta com organização hospitalar, cinema, escola e casinhas higiênicas para abrigar os operários. Faz pouco tempo o Serviço de Imigração remeteu para lá algumas dezenas de poloneses: mecânicos, eletricistas e engenheiros entrados no país como agricultores. Trinta dias depois não havia um dêsses homens na referida fazenda. E o resultado dessa crise de braços é que êste ano a São Joaquim terá uma safra reduzida.

CONCLUSÃO

Um operário pode usufruir maiores lucros trabalhando numa fazenda de São Paulo que plantar a sua própria roça no Nordeste. O sistema de partilha é vergonhoso e a possibilidade de sêca, pior. Por isso, os trabalhadores do campo vivem atormentados porque o problema das enchentes substituiu o problema das sêcas. Um problema fácil de resolver se contássemos com recursos a altura das nossas necessidades.

E' simples, muito simples e ao mesmo tempo complexo o problema que se depara nos Estados do Nordeste. A natureza que, por um lado, proporciona barreiras naturais, impedindo que o Poti e o Parnaíba sequem por completo (os bancos de areia trazidos pela corrente dos aluviões) entulham os leitos, impedindo que

(Cont. na qág. 49)

NICODEMUS

VOS OFERECE A CHANCE DE

enriquecer depressa!

ÔBA!



NÃO ME DIGA QUE
ÊSSE NÃO E'
O UNICO,
PREFERIDO
E OBSECADO SONHO
QUE POVÔA
SUA CABECINHA
SENSATAMENTE LOUCA ...

... NICODEMUS SE
REFERE AO SR.
TAMBEM ...
UM SORRISO
BRINCA NOS
LABIO$ ...

SER MILIONÁRIO!

MELHORES
GAROTAS
PARA
O
CAVALHEIRO ...

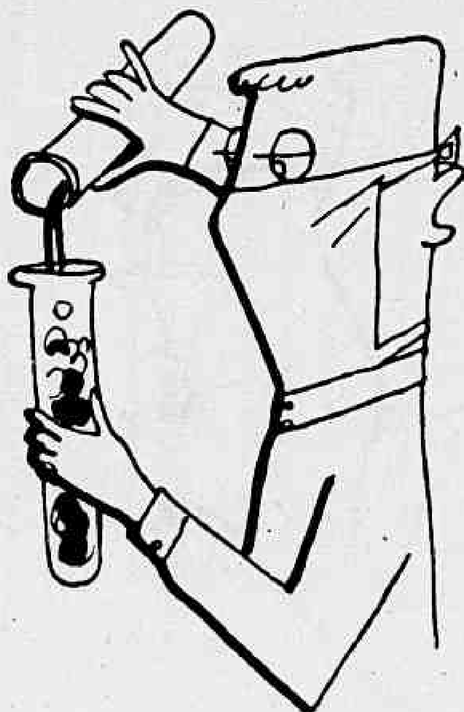


... INDEPEN-
DENCIA
PARA
MADAME ...



POIS
NICODEMUS
OFERECE,
LIVRE DE
QUAISQUER
DESPESAS,
A
FÓRMULA
PARA

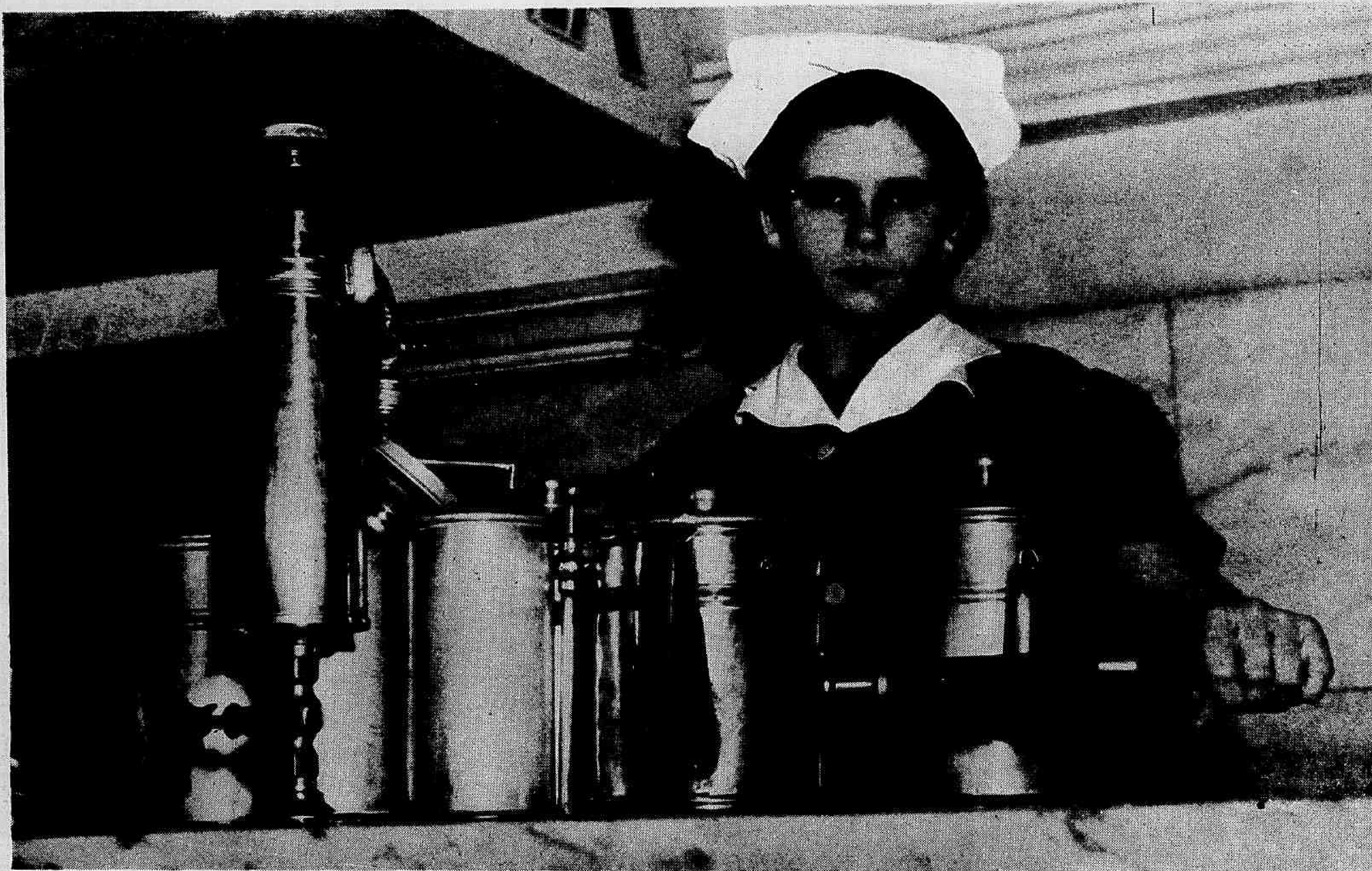
ENRIQUECER
DEPRESSA!



FAÇA SIMPLESMENTE
O QUE
ÊLES:

Proprietarios
banqueiros
politicos
padeiros
magnatas
deputados
oil companies
senadores
intermediarios
açougueiros
vereadores
prestamistas
tintureiros
cambio negristas
FAZEM...

MUITO TRABALHO E POUCO DINHEIRO



CONTRIBUINDO ARDUAMENTE para aumentar o consumo da chamada "preciosa rubiácea", que continua a ser a principal coluna de nossa economia, esta jovem confiante, espera o dia de amanhã. Na página ao lado, sua colega de trabalho se ocupa da parte que a coloca mais em contacto com a clintela e ao lavar as xícaras, lança um sorriso para nós



JÁ DIZIA O POETA: "Até nas flores há diferença na sorte". E' verdade, e aqui também. vender fichas não é muito divertido, mas sempre é melhor do que servir o cafezinho

O "cafézinho em pé" e suas servidoras ★ Por oito horas de trabalho estafante, o mísero salário de "quinhentos cruzeiros" ★ Sem nenhuma assistência médica ★ Onde anda o Ministério do Trabalho? ★ Menores expostas à cínica lábia dos exploradores ★ O empregador, o principal culpado ★ A prostituição, inegavelmente, será o fim ★ As servidoras de "cafézinho", da "Gaiola de Ouro", ganham mais do que uma professora municipal

Reportagem de M. MERCEDES SANTOS
Fotos de ARNALDO VIEIRA

OS contrastes humanos são, na maioria das vêzes, um grito de alerta no tumulto das grandes metrópoles. Extremos de grandeza e miséria, reunidos no mesmo local, saltam aos olhos desatentos, chamando-os com insistência à compreensão da dolorosa realidade da vida. E é justamente isto que podemos confirmar se despirmos por um instante, apenas, a máscara insensivel do nosso egoismo é observarmos estas infelizes que, sem apoio moral ou econômico, vagam no árduo caminho de um destino que não merecem. Nestas heroinas anônimas que servem o "cafèzinho em pé", encontramos na sua mais pungente realidade um exemplo dêste destino. Muitas delas estão apenas desabrochando para a vida, e, no entanto, quão amarguradas se sentem! Como desejariam que nunca tivessem nascido!

Nos cafés "Talia", "Capital", "Palheta", "Globo", "Meu Cantinho", "Atlântida", e muitos outros, fui encontrar criaturas com os nomes de Margarida, Elvira, Sônia, Marta, Lourdes, Ruth... No entanto, que importa o nome, se cada uma destas infelizes e deprimidas encerra uma tragédia?

Vejamos, por exemplo, o caso de Margarida. Aparenta aproximadamente 15 anos; muito bonitinha, órfã de pai, a mãe inválida e cinco irmãos mais novos do que ela para tomar conta. Reside, como a maioria das suas colegas de infortúnio, nos subúrbios mais distantes. Todos os dias, às quatro horas e meia da manhã, deixa Margarida o seu modesto lar em Nilópolis, para poder chegar à hora exata, no trabalho. A sua carinha de expressão quase infantil é algo demasiado chocante para o ambiente em que serve na Praça Tiradentes. Contou-me numa linguagem de gente simples, os seus dissabores no café em que trabalha. Não tem sequer o curso primário porque não pôde estudar; todavia, já compreende a vida pelo seu prisma real e não admite a sua pouca sorte. Entretanto, o caso desta infeliz criaturinha representa um simples "grão de areia" no vasto Sahara de misérias humanas em que diàriamente nos afundamos, sem o menor constrangimento.

★

Pelo mísero salário de quatrocentos e cinquenta cruzeiros, umas, e quinhentos cruzeiros, outras, são obrigadas estas desgraçadas criaturas a oito horas de trabalho



MUITO TRABALHO E P…

ESTAS LOURINHAS, com suas coroas de du… sonhar com uma vida feliz, mas os seus fregu… foiga: "Mas que lindas vocês estão hoje!". —

exaustivo, sem a menor contemplação da parte de seus empregadores. Completamente abandonadas à sua sorte, esperam como se fôssem cães famintos os parcos "cobres" no fim do mês, para, com êles, comprar alimentos, calçar e vestir, pagar o aluguel do barraco ou do quarto, a passagem da condução, ajudar a mãe inválida, e os irmãos mais novos, sujeitando-se aos maiores sacrifícios e renúncias diante da ninharia de tão mesquinho salário.

Inspira piedade o trabalho destas moças. Com os aventais molhados e os pés metidos em tamancos grosseiros, permanecem o dia inteiro a servir indivíduos de tôdas as classes. Muitas me disseram que, na hora de irem embora, o sapato não entra nos pés, de tão inchados que êstes estão. As pernas moças, exuberantes de vitalidade, no fim de um mês, o mais tardar, ficam cheias de varises, idênticas às de uma velha. Ao término de um dia de trabalho exaustivo, vergam sob o cansaço e, durante a noite, é impossível na cama desconfortável suportar as dores que lhes "partem" os rins. Quanto à alimentação não é necessário falar, pois podemos imediatamente avaliar o que trazem, com êste "fabuloso ordenado", nas marmitas para sua nutrição durante o dia. E' por estas e outras que a tuberculose campeia nesta "cidade maravilhosa". Entretanto, é possível ampararmos a criança, sem que, primeiro amparemos a mulher, que amanhã — caso a morte não a leve — será mãe? Evidentemente, não é possível.

★

O que mais me indignou, durante as investigações para esta reportagem, foi verificar que estas moças não recebem por parte da direção do estabelecimento em que trabalham, nenhuma assistência médica. Podem ser portadoras dos piores males; ao empregador não interessa, desde que trabalhem e dêem conta de suas obrigações durante o dia. Muitos me afirmaram que, quando se sentem doentes no serviço por falta de alimentação ou porque foram acometidas de um mal súbito, são dispensadas e não têm direito a qualquer indenização, pois na sua maioria nunca completam um ano de casa porque. com

LAVAR XÍCARAS de manhã à noite e alimentar-se mal, não é de justiça que seja isto o único futuro dessas jovens desamparadas. Que o Ministério do Trabalho estude com mais acuidade a situação dessas trabalhadoras que vivem à margem das leis sociais. Delas exigem tudo: bom físico, ar simpático, res… maneiras e educação; mas se adoecem de maneira a que não possam superar o sac…





...HO E POUCO DINHEIRO

...s coroas de duquesas, também têm o direito de ...s os seus fregueses salientes não lhes dão uma ... estão hoje!". — Ao lado, um balcão concorrido

semelhante trabalho, não há saúde que resista. Entretanto, para não perderem o mísero pão, resistem ao máximo de suas fôrças. Mesmo assim, quase sempre, terminam no ôlho da rua, porque o organismo enfraquecido reluta em aceitar o trabalho árduo e as exigências do chefe desalmado.

★

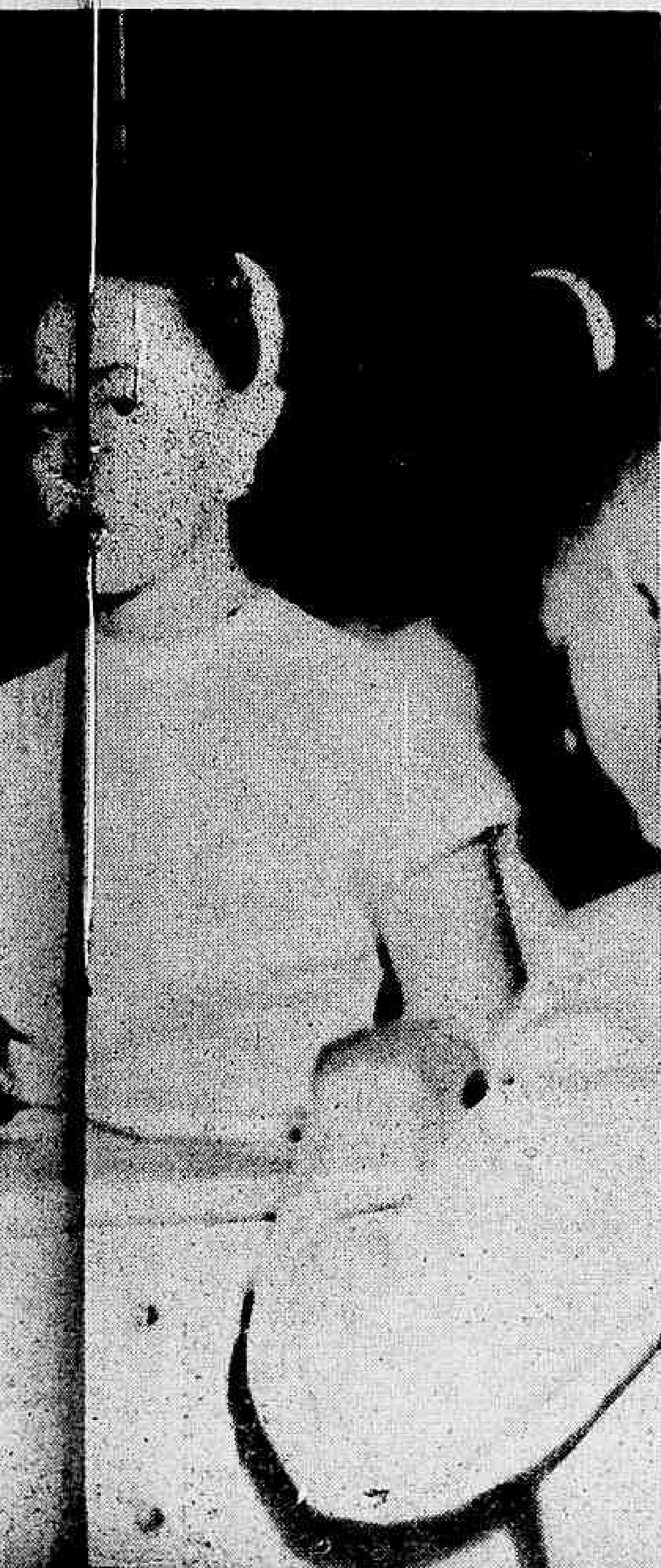
Que faz o Ministério do Trabalho, que não procura coibir o abuso de certos empregadores? Não foi para proteger o trabalhador que êle foi criado? E' de justiça então que estas infelizes continuem sem uma lei que as ampare, vítimas da sanha criminosa de patrões inescrupulosos, que só as admitem a título precário, colocados à margem da legislação trabalhista? As irregularidades existentes no setor do "cafèzinho em pé", são inúmeras, inclusive o que exigem os patrões da empregada menor. Existe uma lei que regula o número de horas para o menor que trabalha; no entanto, esta lei é burlada por êstes empregadores, sem que sofram a mínima penalidade.

Por quê? Que fazem os fiscais do Ministério do Trabalho, que não procuram com honestidade cumprir as suas obrigações? Por ventura não recebem um ordenado para êsse fim? Sinceramente, não consigo atinar com a verdadeira causa de tanta irresponsabilidade.

★

Outro aspecto, verdadeiramente constrangedor entre estas jovens que servem o "cafèzinho em pé", são as propostas indecorosas que recebem diàriamente dos frequentadores dêstes "pontos". Muitas reagem à altura. Outras ..., no entanto, que se sentem incapacitadas de fazê-lo e limitam-se apenas a um sorriso de complacência. E uma lástima que êstes indivíduos menosprezem sem nenhuma piedade o amor próprio destas moças que, por exercerem uma profissão humilde, não é de direito desmerecer o respeito que requer a sua qualidade de mulheres que trabalham fora do lar, por uma necessidade imperiosa da vida. Entretanto, êstes ci-

...ar simpático, resistência, uniformes bem limpos, boas ...n suportar o sacrifício em pé durante horas... rua!







ESTA PARECE dizer-nos com aquêle sorriso jovial: "Meu amigo, esta vida nem mesmo com açúcar...". Mas não há de ser nada. O sol nasce para todos e também para vocês



VEJAM A POSIÇÃO dos braços dessa menina para suspender a bandeja cheia de louça. O balcão é muito mais alto do que devia ser e ela, no esfôrço, chegou a morder o lábio

MUITO TRABALHO E POUCO DINHEIRO

nicos não compreendem isto e, sem a mínima consideração, lançam a jovens de menor idade o veneno de suas mais abjectas frases. Esta semana mesmo, num café que fica situado na entrada do Edifício São Borja, encontrei um dêstes tarados, dirigindo uma destas frases a uma mocinha, que me afirmou ter apenas 16 anos. Num cinismo revoltante, perguntou a esta jovem o seu ordenado; ela lhe disse que ganhava quatrocentos e cinquenta cruzeiros, e êle, friamente lhe disse: "Se você quiser vir comigo ,eu lhe pago mais". Esta é apenas uma das frases ou propostas degradantes que elas recebem diàriamente. E, sem nenhuma providência, continuam nos seus postos a serem chicoteadas com palavras do mais baixo calão, porque tiveram a desventura de nascer pobres.

★

Evidentemente, o cenário de desrespeito moral que estas moças são obrigadas a enfrentar, dentro de sua modesta profissão, encontra a sua verdadeira origem no empregador desnaturado, que visa apenas o seu bem-estar pessoal. Êles são os primeiros a desrespeitar estas jovens desventuradas. Por ocasião desta reportagem tive uma prova cabal da situação. Uma das empregadas negou-se a ser fotografada. O patrão não admitiu a recusa. Chamou-a de incivilizada, estúpida e concluiu a enxurrada de palavras grosseiras com esta frase: "Um retrato não quer tirar, mas se lhe pedissem outra "coisa" você não se negaria, porque, pelo seu jeito, eu já compreendi o que você é". A infeliz recebeu a afronta sem uma palavra sequer. Ao retirar-me notei que ela chorava. Aproximei-me dela e a pobrezinha, se desfazendo em desculpas, esclareceu-me que não gostava de ser fotografada porque não possuía dentes. Quanto ao patrão, afirmou-me que ela e as outras já estão habituadas, porque era costume dele, desrespeitá-las na frente dos fregueses. E cabisbaixa acrescentou: "Infelizmente êle é o patrão e nós temos necessidade do emprêgo".

★

Quem obeva a variada frequência dos "cafèzinhos em pé", percebe claramente o trágico fim das infelizes que ali trabalham. Tudo se converte em hostilidades contra elas: o salário, o ambiente e a pro-

(Cont. na pág. 47)

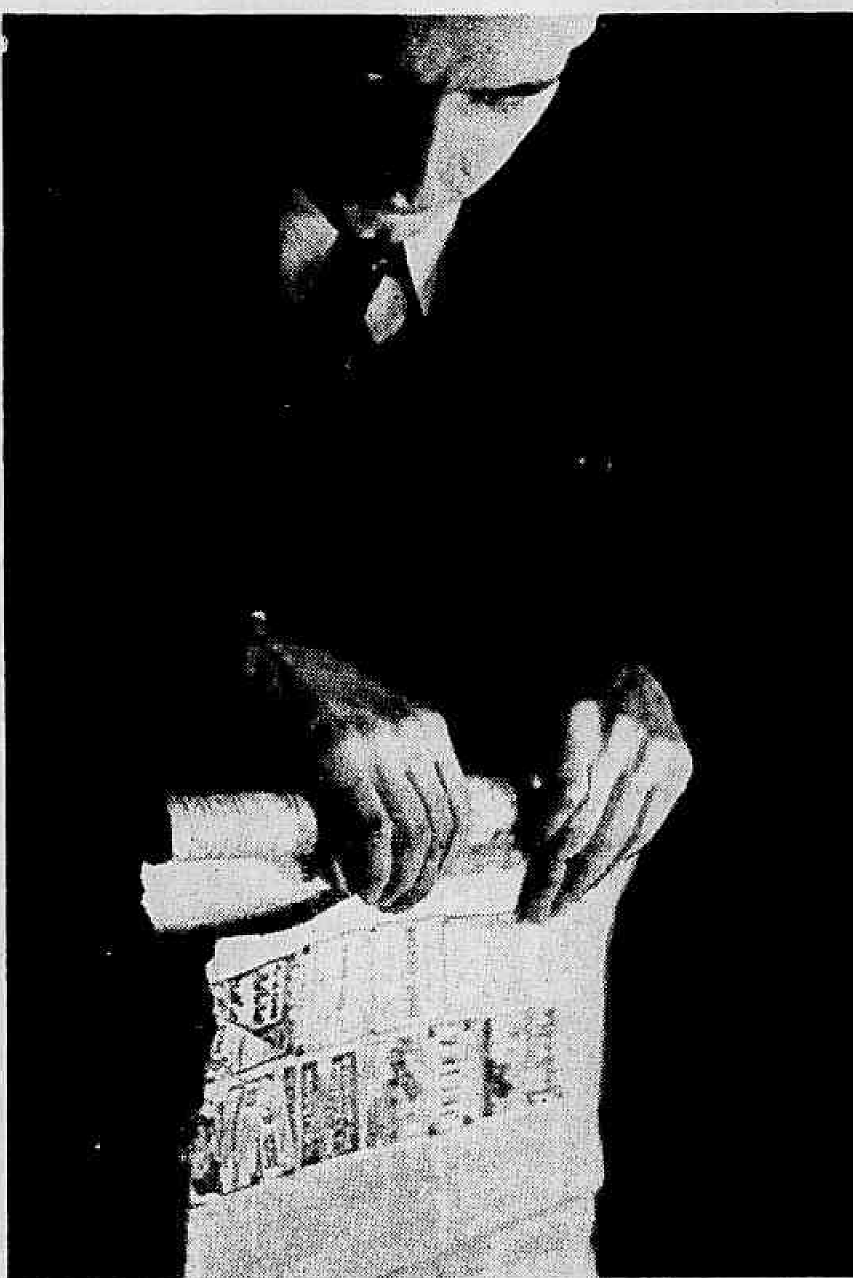
NO SALÃO DE CAFÉ do Conselho Municipal, conhecido como "Gaiola de Ouro", também há "garçonettes", mas já ali a coisa fia mais fino. Não somente trabalham menos e em labor mais suave, como ganham três vêzes mais e não estão sujeitas às inconveniências e audácias de certos clientes que dirigem às suas colegas de fora gracejos às vêzes indecorosos



VOCÊ PODE SE TORNAR UM GRANDE MÁGICO!



1 — Veja o leitor se pode imitar os faquires da Índia que fazem prodígios ou milagres com árvores que crescem surpreendentemente à vista assombrada dos espectadores. Tome de alguns jornais velhos, rasgue-os em tiras como mostra a gravura, ao comprido, formando umas quatro ou seis dessas tiras. Quanto maior o seu número maior será a "árvore".



2 — Comece então a fazer um rôlo com essas tiras, nem muito frouxo, nem muito apertado. Um pouco de prática lhe ensinará isso em pouco tempo. Passe a enrolar cada uma dessas tiras uma na outra, e se resultar disso algumas dobras mesmo de algumas pregadas, não se preocupe com o caso nem procure colá-las para ficar perfeitamente liso e cilíndrico.



3 — Enrole as quatro ou seis tiras numa só. Agora deve rasgá-las no alto, até à metade, como mostra a gravura, duas vezes. Terá agora quatro grupos de "folhas", quas etão compridas como o caule que sobra. Segure o caule ou tronco firmemente numa das mãos, e, delicadamente puxe para cima do centro das "folhas" com a outra mão.



4 — Se o leitor acompanhou, atentamente, as instruções nesta rápida explicação, a "mangueira" do faquir florescerá como por milagre sob a ponta de seus dedos ágeis. A altura da "árvore" decorrerá naturalmente da quantidade de jornais empregados no truque. Alguns jornais dêsses mais volumosos, darão uma árvore da altura de um homem.



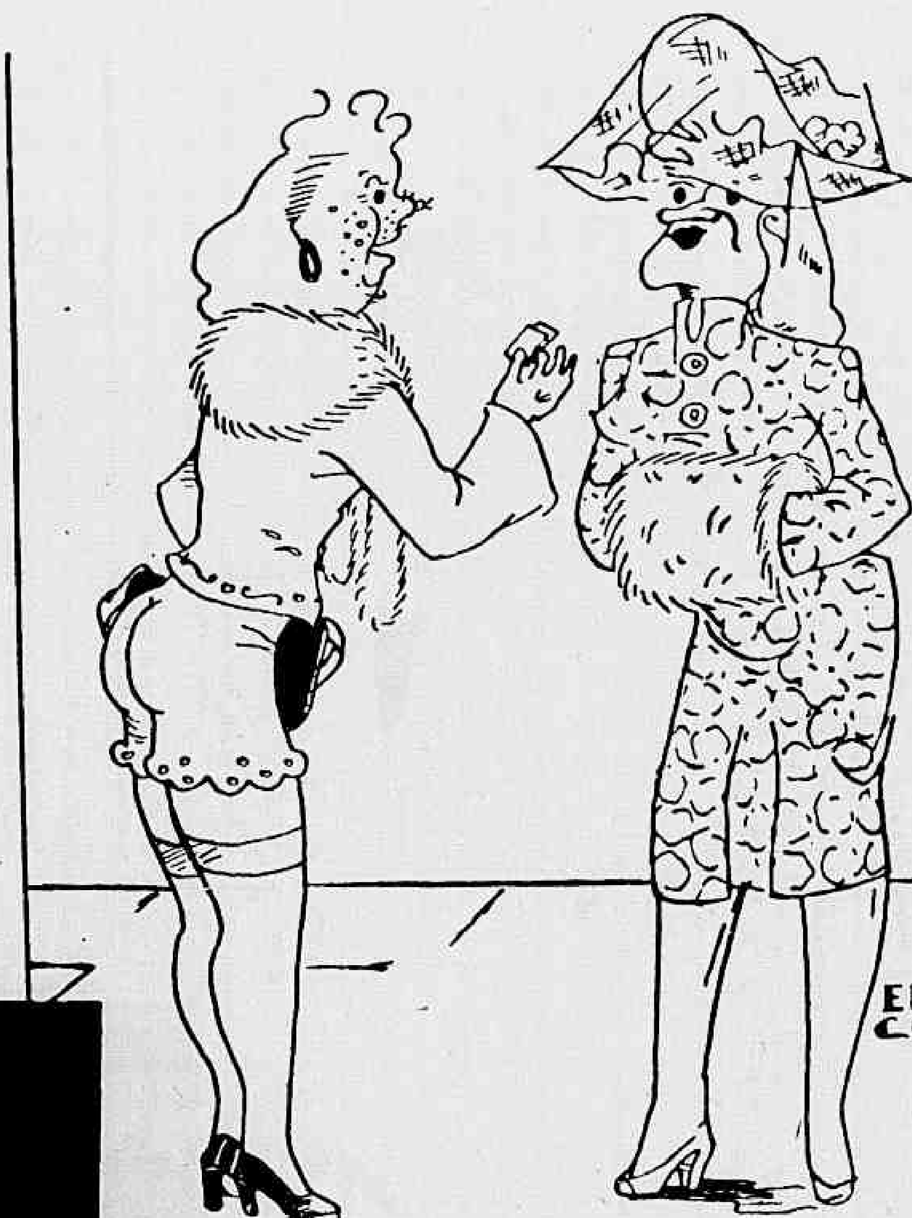
5 — Com bastante papel será possível fazer crescer à vista do espectador uma árvore bastante maior. Se o leitor quer fazer uma dessas maravilhas no palco, terá que colocar um fio comprido e preto no teto, use um fundo negro e passe o rio por uma roldana que será habilmente controlada pelo assistente que estiver colaborando.



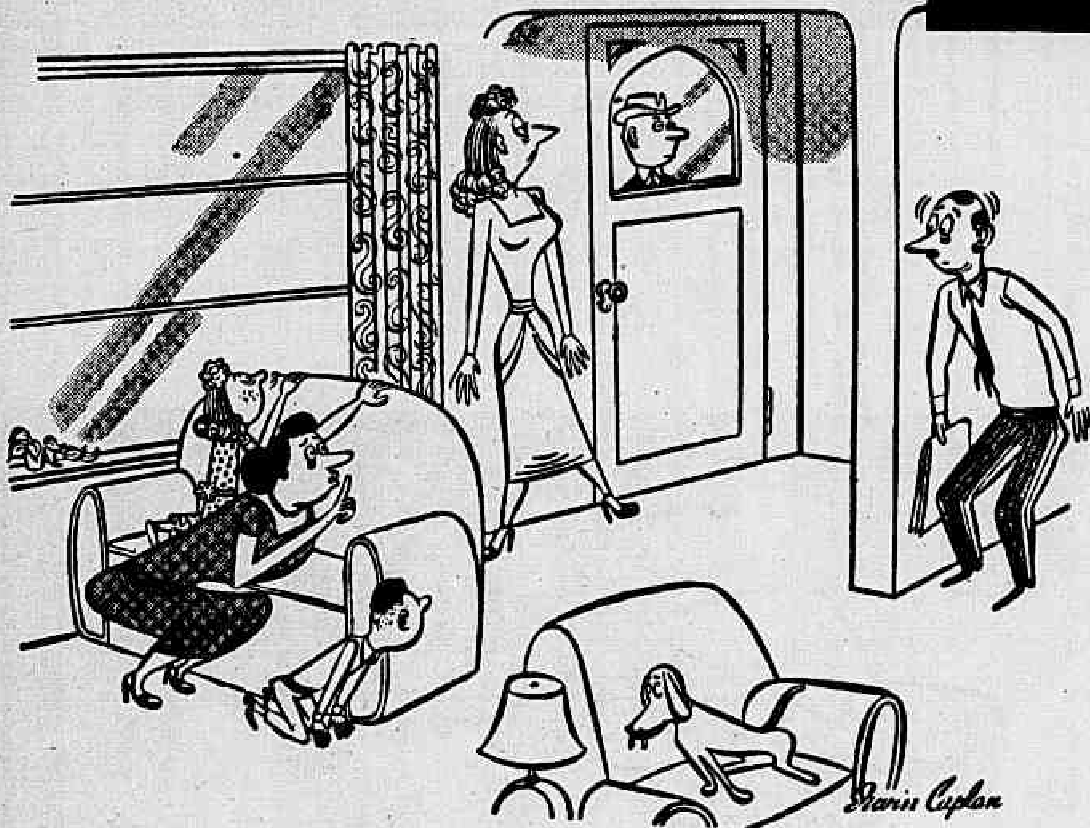
6 — O efeito será também muito maior se o leitor pintar as folhas e cortá-las em tamanhos convenientes. Procure fazer tudo com a mesma calma e segurança com que os famosos faquires da Índia produzem os mistérios da corda e da árvore misteriosas que sobem e crescem diante do viajante perplexo que não pode crer no que os olhos vêem.

BOM HUMOR


— Desculpe, cavalheiro, mas sinto muito frio quando danço consigo.



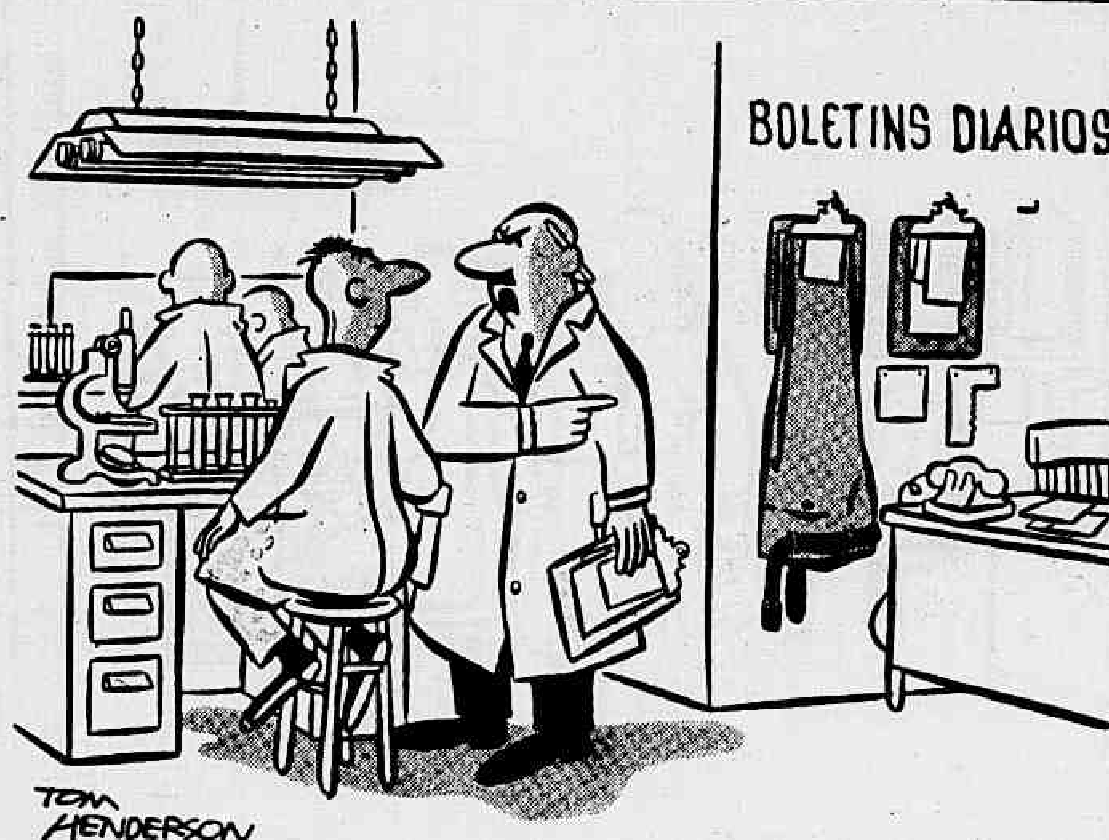
— Meu Deus, que horror, quase me esqueço de trazer o nome do creme, para a pele.


— Cuidado, é o senhorio!


— Modêlo exclusivo! Pois sim!...



— Desta vez passa, madame, mas deve acostumar-se a fazê-lo sozinha



— Seria muito incômodo o sr. pendurar suas calças noutro lugar, seu Bonifácio?

OPULÊNCIA DA CASA REAL PORTUGUÊSA

UMA VISITA AO MUSEU NACIONAL DOS CÔCHES DE LISBOA

QUEM visita Lisboa não pode deixar de destinar um dia para ver o seu belíssimo Museu Nacional de Côches. Estão ali para a visita pública tudo o que de mais admirável possuiram as Côrtes Portuguêsas dos séculos passados, em matéria de arte em viaturas dos tempos que se foram.

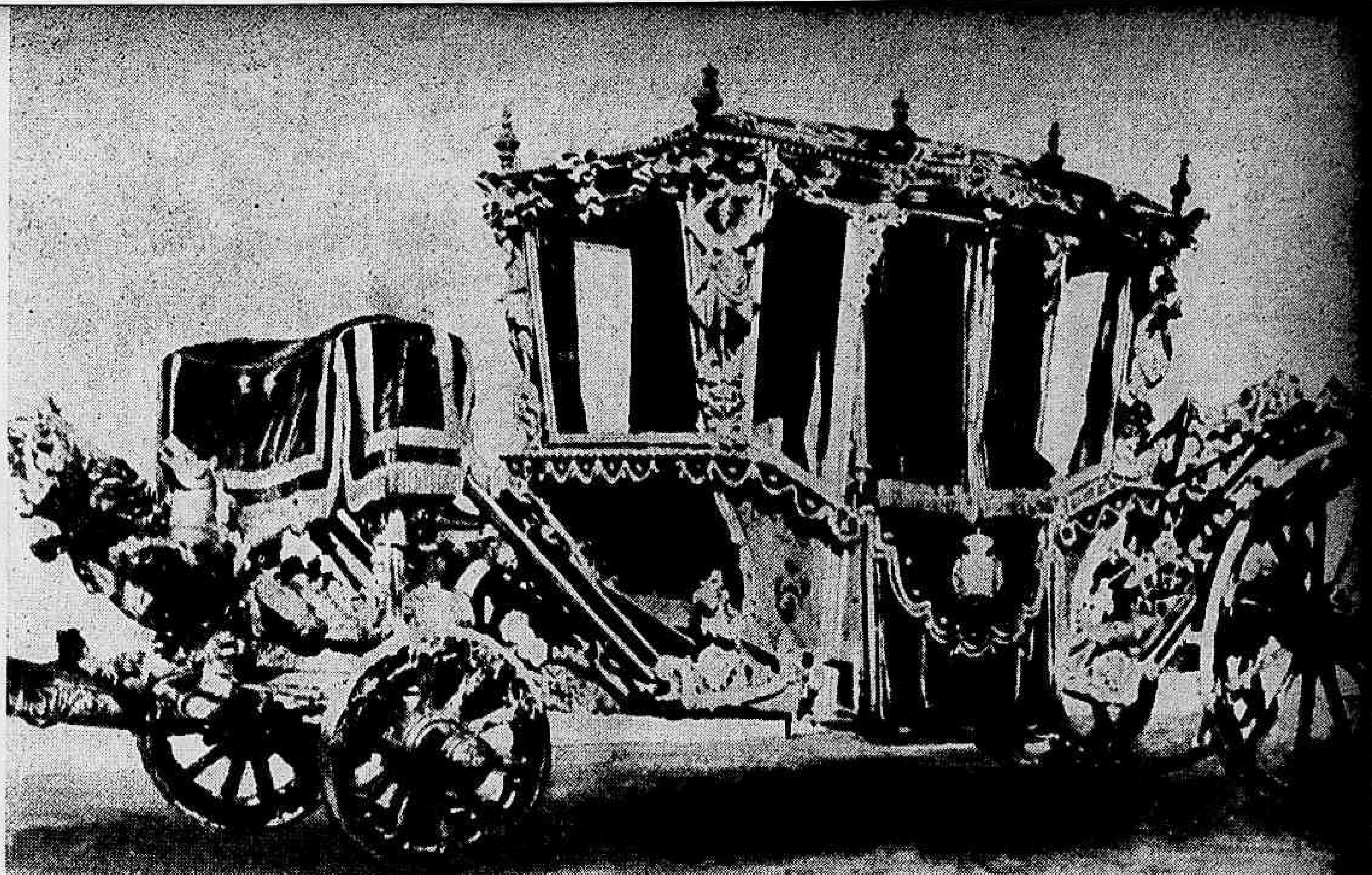
O Museu data de 1905, instituição de que Lisboa se orgulha, devido à intervenção da rainha D. Amélia de Orleans e Bragança, que desejou agrupar os antigos carros nobres da Côrte Portuguêsa até então dispersos em vários depósitos, para serem condignamente expostos e admirados pelo povo lusitano e turistas em visitas à capital do país.

Para êsse fim escolheu-se o Picadeiro do Palácio Real de Belém. Êsse velho edifício mandado construir por D. José I. Seu salão principal mede 50 metros de comprimento por 17 de largura. A decoração é obra de Francisco de Setubal, em 1777 tendo como colaboradores Nicolas Delariva, Francisco José e José Lopes Bugue.

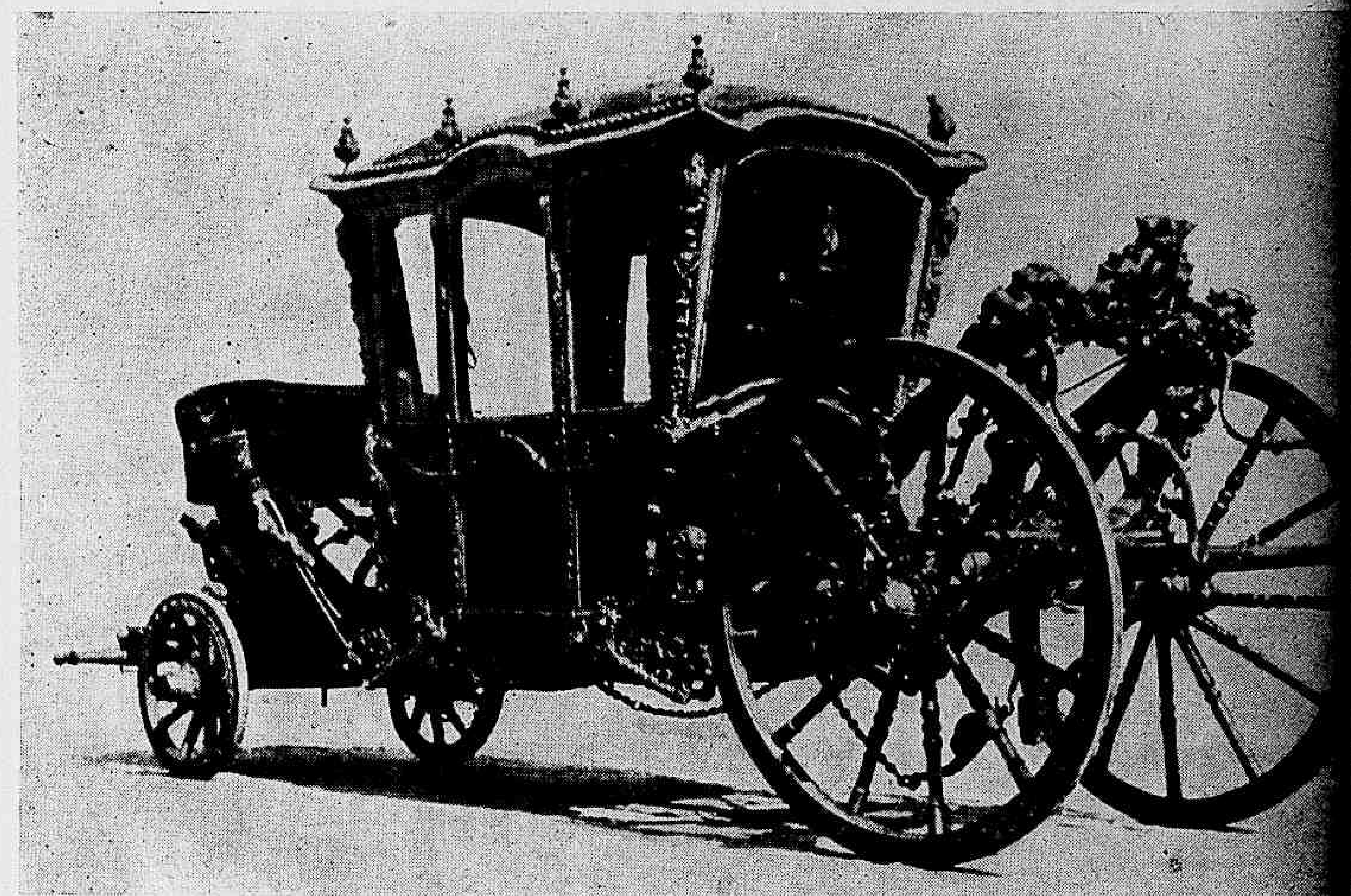
Somente em 1816, ficou tôda a obra concluída. Ficava junto ao palácio que D. João VI, pai de D. José I, comprara em 1726, ao conde de Aveiras, D. José Telo de Menezes.

Em 1904 foi restaurado o edifício do Picadeiro, beneficiando-se as pinturas e decorações, excetuando-se de novo outras, sobretudo nas galerias superiores e fazendo-se as necessárias adaptações para seus novos fins.

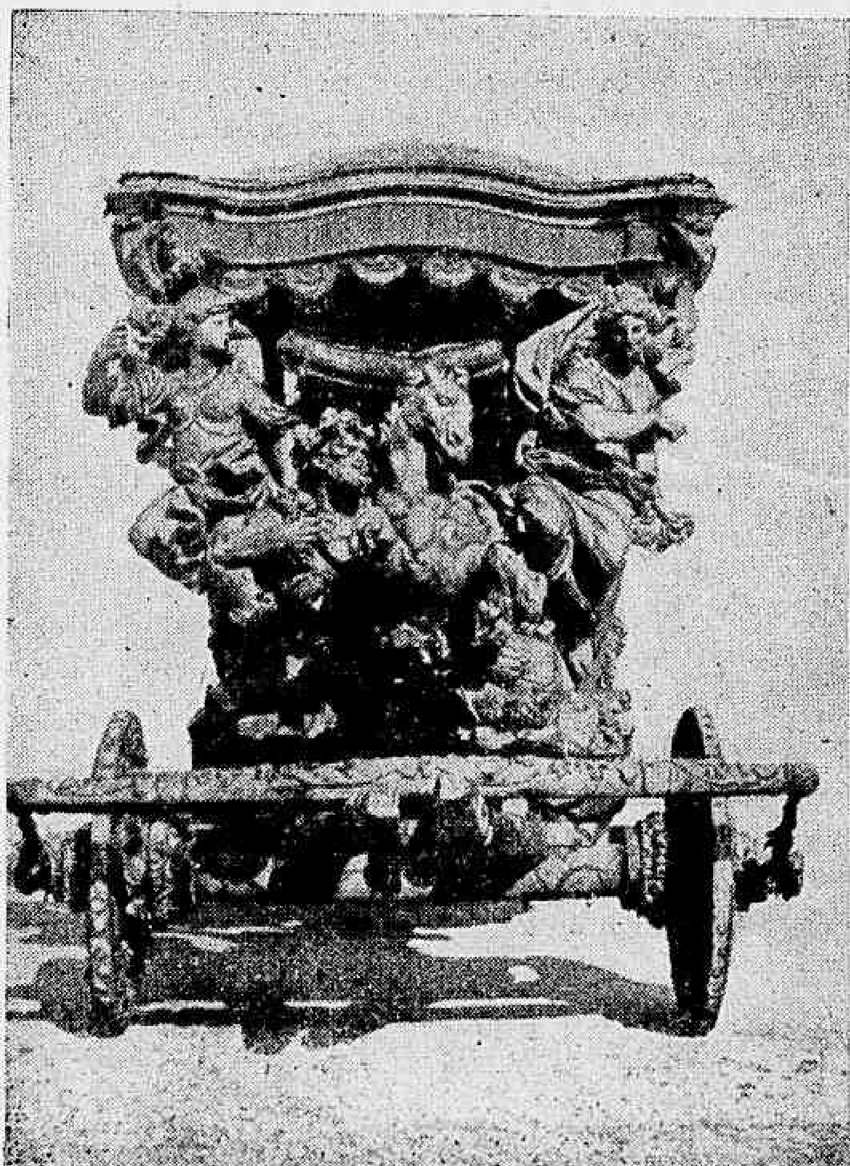
Obras de vulto foram realizadas no picadeiro e nas salas do andar nobre a fim de serem ali expostos os carros, arreios e outros acessórios,

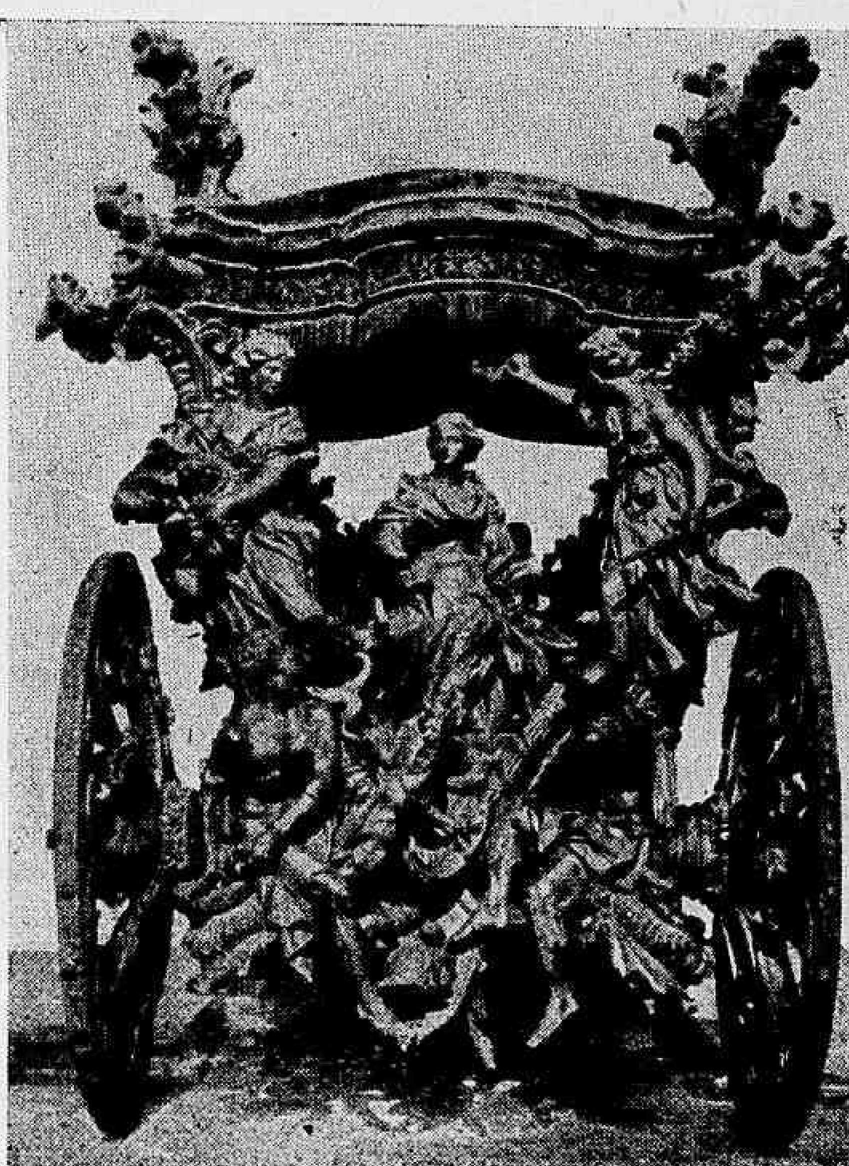


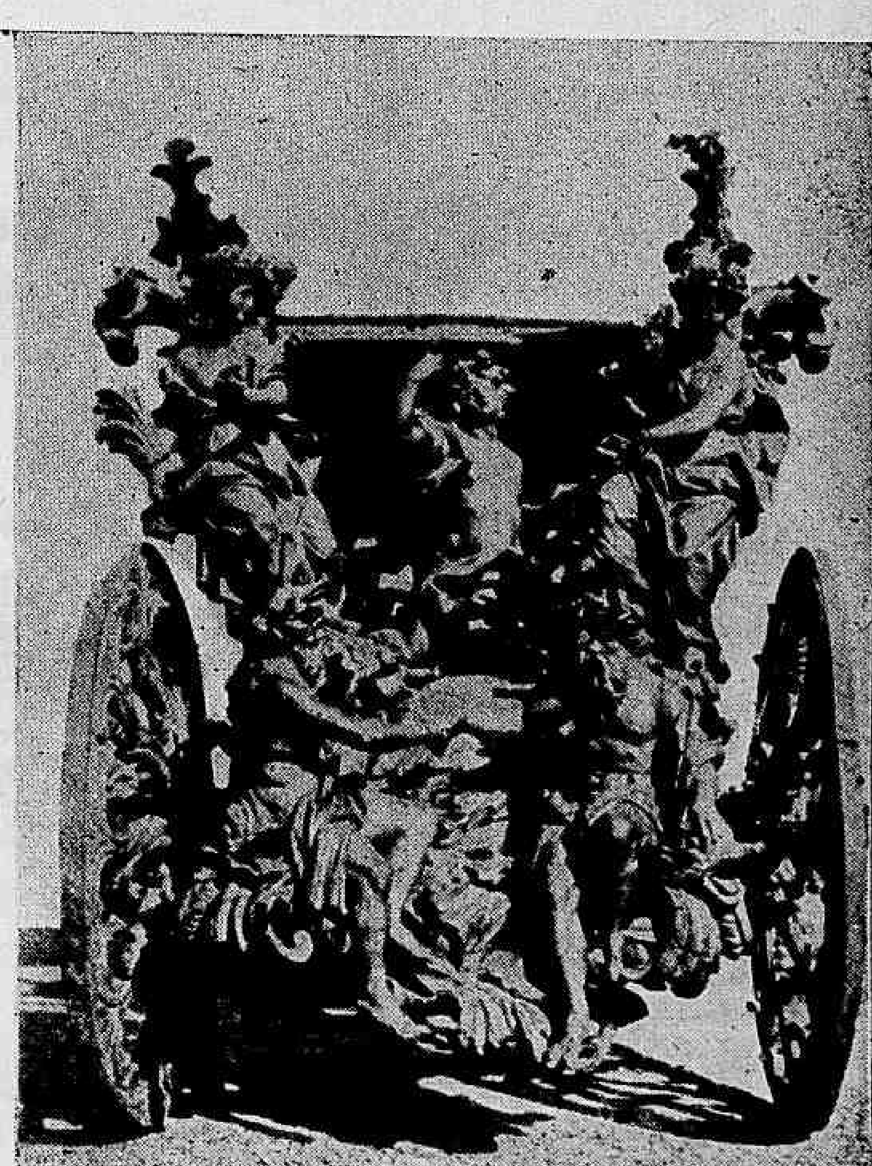
COCHE DE GRANDE LUXO e que pertenceu ao Papa Clemente XI (Jean Albani) chefe da Igreja Católica nos princípios do século XVIII. Foi oferecido pelo Papa a D. João V, em 1715



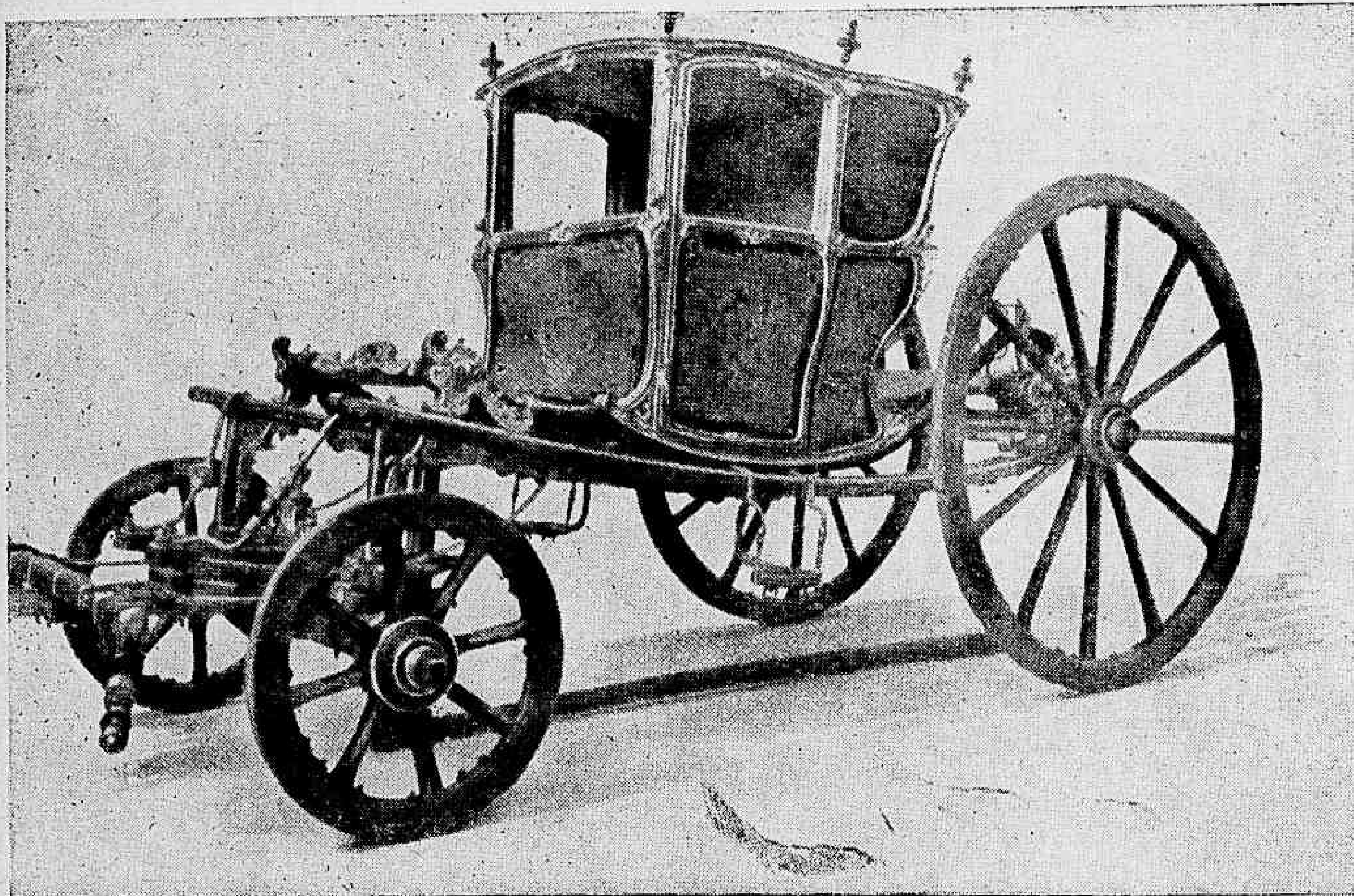
ÊSTE COCHE, estilo Luís XIV, pertenceu ao Infante D. Francisco e a sua construção data do começo do século XVIII



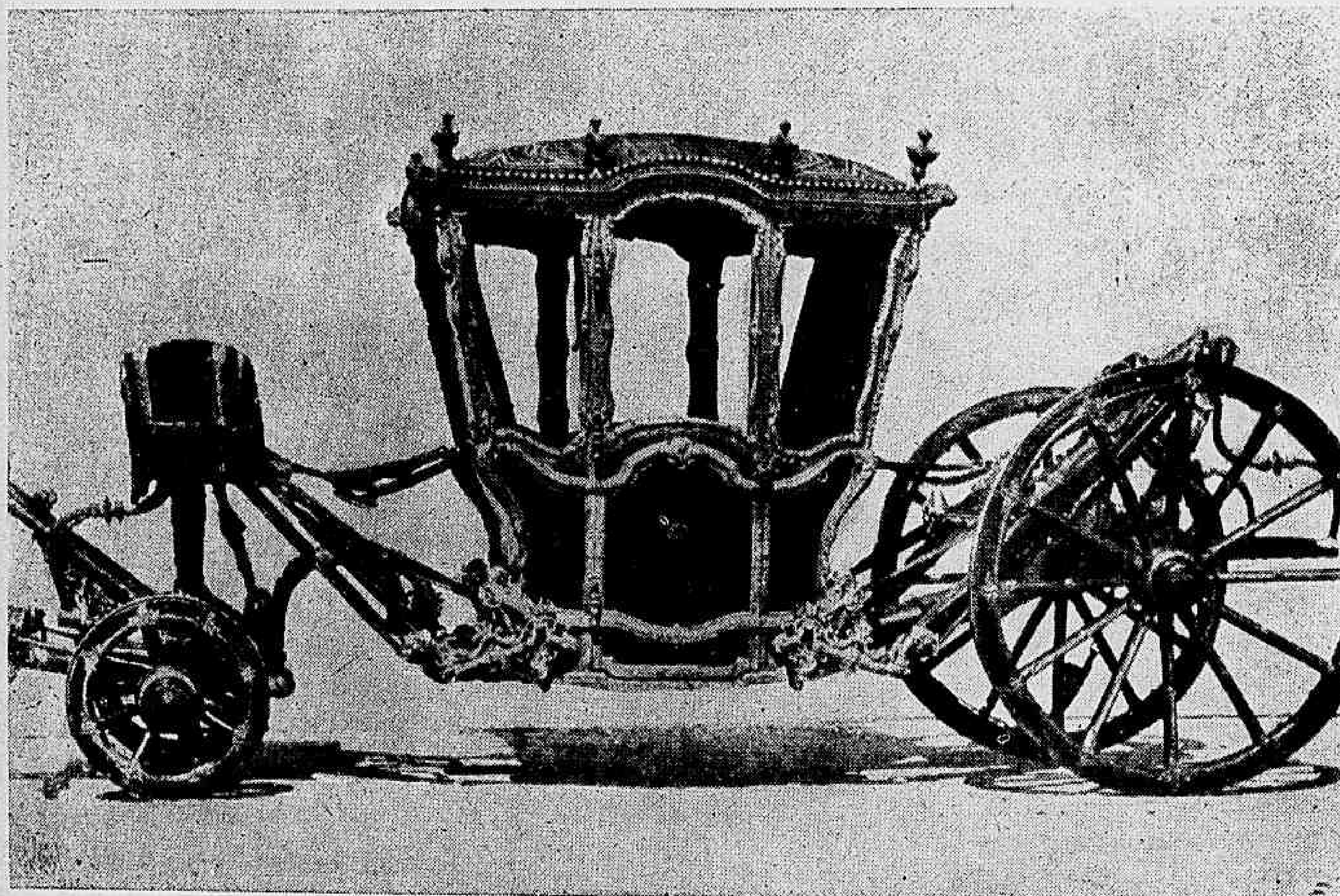




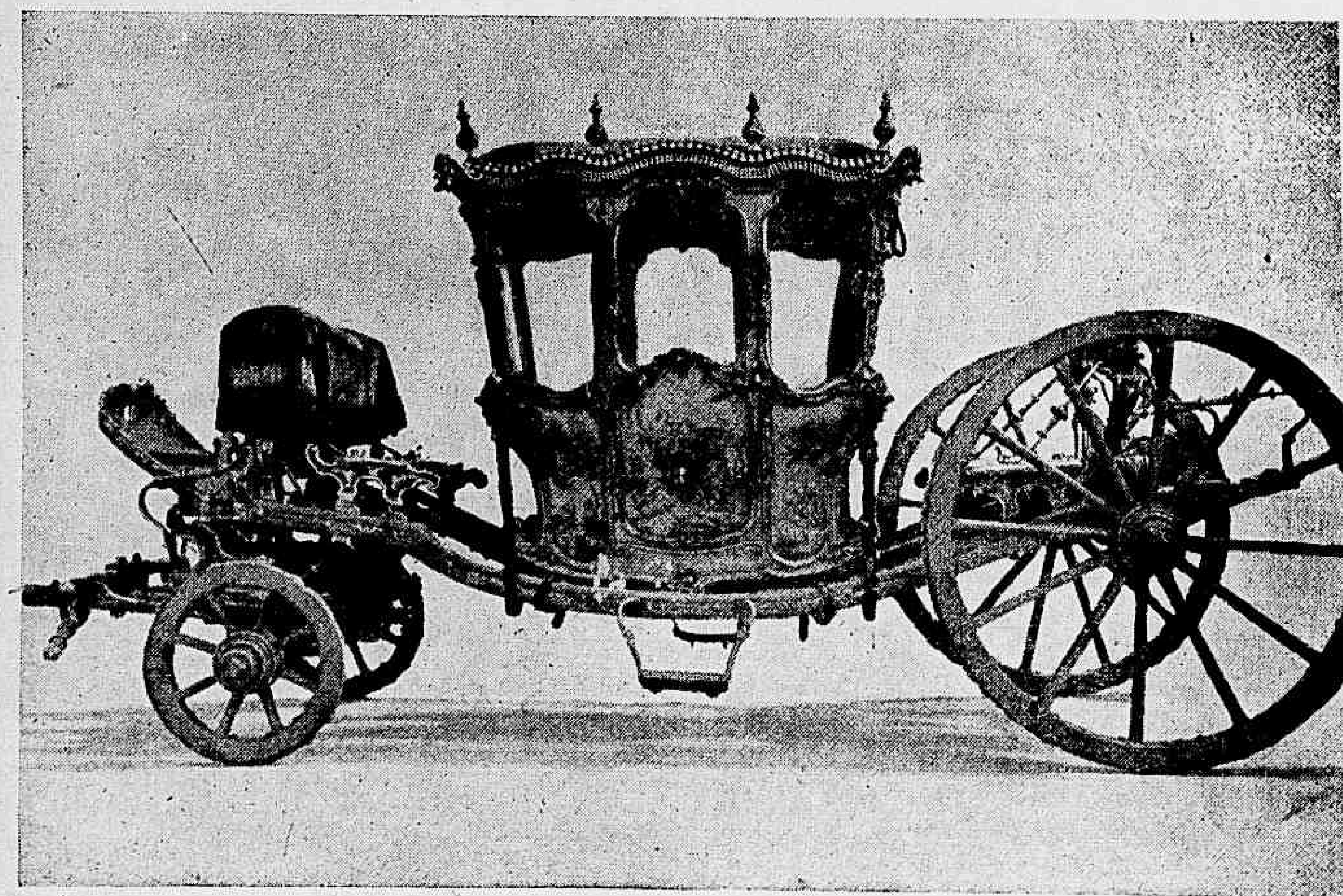
IMPONENTE COCHE de aparato ou estilo carro triunfal que serviu à Embaixada do Marquês de Fontes. Foi construído em Roma no princípio do século XVIII, por D. João VI



BERLINDA DO SÉCULO XVIII no estilo da época de D. João V em obra de talha dourada com volutas e concheados. Sua decoração é ins pirada em motivos mitológicos



ARTÍSTICA SEGE EPISCOPAL que serviu ao primeiro bispo de Bragança, D. Miguel Antônio de Lima Barreto de Menezes. Data também do sécu lo XVIII e é construção portuguêsa



COCHE DA RAINHA D. Maria Francisca de Sabóia, de procedência francesa, e, conforme a tradição, teria sido oferta de Luís XIV a Maria Francisca, ao casar-se com D. Afonso VI

sendo de notar que a maioria dos quais ainda serviam nos cortejos de gala.

Neste estado conservou-se o Museu até ao ano de 1911, época em que uma nova organização o transformou em Museu Nacional. Sucedia, porém, que o espaço contido no velho edifício do Picadeiro era insuficiente para acomodar tôdas as peças de viatura das antigas Côrtes lusitanas, fazendo-se urgente aumentar as proporções do Museu, sem o que, apenas limitado número de viaturas seria exposta ao público.

Depois de vários projetos e tentativas, mas, somente em 1941 ficou decidida a ampliação do Museu e se puderam começar os importantes trabalhos de restauração dos carros já estragados pela ação do tempo.

Dessa obra de alargamento terminada em 1943 resultou, além de modificar-se o vestíbulo, a construção de uma sala lateral cujas dimensões, exceto a largura, são sensivelmente as mesmas do antigo salão principal.

Não tem, nem poderia ter a exuberante e tão característica decoração interior delineada por Azzolini, mas a fachada que se construiu de novo é uma lógica continuação da que existia.

Convenientemente restaurados e beneficiados, os carros nobres, velhos "servidores do Estado", na sua grande maioria com seus dois séculos e mais de idade, se apresentam aos olhos dos curiosos como frágeis e mudas testemunhas dos esplendores de outrora, tendo assistido e tomado parte em tantas manifestações faustosas de júbilo ou de tristeza, cenários de exibicionismos para deslumbramentos do povo, inerentes às funções da realeza em épocas mais antigas.

Integrados nas séries já expostas, vêm aumentar e valorizar ainda a coleção incomparável e única que possui o Estado Português.

A apresentação de alguns carros de gala até hoje ignorados do público, demonstrará também o esfôrço que, em circunstâncias difíceis e anormais, se despendeu para a salvação de algumas preciosas relíquias do patrimônio artístico nacional.

Das antigas épocas de gala da Casa Real Portuguêsa, chegaram até os tempos que correm alguns suntuosos e raríssimos carros, em relativo estado de conservação, graças aos cuidados de conservação e restauração periódicas. Há, infelizmente, vários exemplares de côches, seges, berlindas, etc., que, postos de lado, se foram deteriorando, não sòmente pelo abandono em que jaziam, como em face da fragilidade do material empregado em sua construção.

Do grande número de viaturas que existia na Casa Real Portuguêsa, no começo do século XIX, número superior a trezentas unidades, vieram para o Brasil mais de quarenta carros de gala, no período de 1807 a 1820. Dêsses só teriam voltado a Portugal uns vinte, no máximo.

Com o desenvolvimento do progresso e o aparecimento de carros de molas, os antigos tipos foram sendo abandonados ou vendidos, como sucedeu em 1845. Antes disso havia enorme variedade de viaturas tais como estufas, côches, berlindas, caleças, seges, canoas, traquitanas, etc.; depois só iam ficando os chamados carros nobres, ou côches de aparato, em número mais reduzido e exclusivamente a serviço dos cortejos reais.

Êsses carros de luxo foram restaurados em várias épocas, e, pela última vez em 1862, por ocasião do casamento de D. Luís, indo todos êles para formar coleções na Ajuda, Calvário e Belém, sendo depois conduzidos para o picadeiro do Palácio de Belém, onde, já em 1905, os melhores exemplares estavam recolhidos.

Em 1910 as coleções de carros nobres, librés, arreios e outros acessórios, não tendo já a aplicação que o antigo regime lhes dava, foram organizados definitivamente para exposição ao público.

Desde essa data o Museu incorporou, além da carruagem de gala da Corôa, os côches chamados

do Patriarcado, recolhidos em Marvila e São Vicente, alguns carros adquiridos por compra ou por oferta, arreios, exemplares de indumentária, pintura, etc.

Lisboa oferece aos seus habitantes e a todos os filhos de Portugal, bem como aos visitantes que passam por sua formosa metrópole, um espetáculo de arte retrospectiva que liga a imaginação do observador aos velhos tempos da realeza derrubada pela República. O mesmo se nota em tôdas as grandes capitais do mundo em que os Museus históricos constituem motivo de meditação e cultura para o povo.

Na Alemanha, as coleções dos Museus dos Estados que constituíram o antigo Império Germânico, possuem numerosos carros de gala; o mesmo se nota em Viena, no seu Museu de Viaturas, instalado numa grande dependência do antigo Palácio Imperial de Schoenbrunn, com alguns carros de gala e de aparato; possui, entretanto, esplêndida coleção de arreios de diversas épocas e uma série muito importante de trenós de côrte, decorados com bela obra de talha.

O Museu de Munique, instalado no antigo picadeiro dos reis da Baviera, forma o "Marstall Museum". Possui apenas três carros comparáveis com os do Museu de Lisboa, destacando-se o majestoso côche do Imperador Carlos VII, sendo, porém, notabilíssima a coleção de arreios completos dos séculos XVI, XVII e XVIII assim como a coleção de primorosos trenós, onde a fantasia e a arte se aliam em formas caprichosas.

O mesmo se vê em outras grandes cidades como Dresde, Hanover, Darmstadt e Heildelberg. Em Berlim, havia no "Schloss Mon-Bijou" tôda uma série de côches e berlindas de viagens dos antigos reis da Prússia.

No Museu Joahnneum, de Graz, está exposto o carro do Imperador da Alemanha, Frederico II, que deve datar de cêrca de 1452. Êsse carro, de que só se conserva o leito e armação, faltando o rodado, serviu à Imperatriz Leonor (1434-1467) a nossa infanta, filha do rei D. Duarte; ostenta, repetidas, as armas de Portugal junto às imperiais.

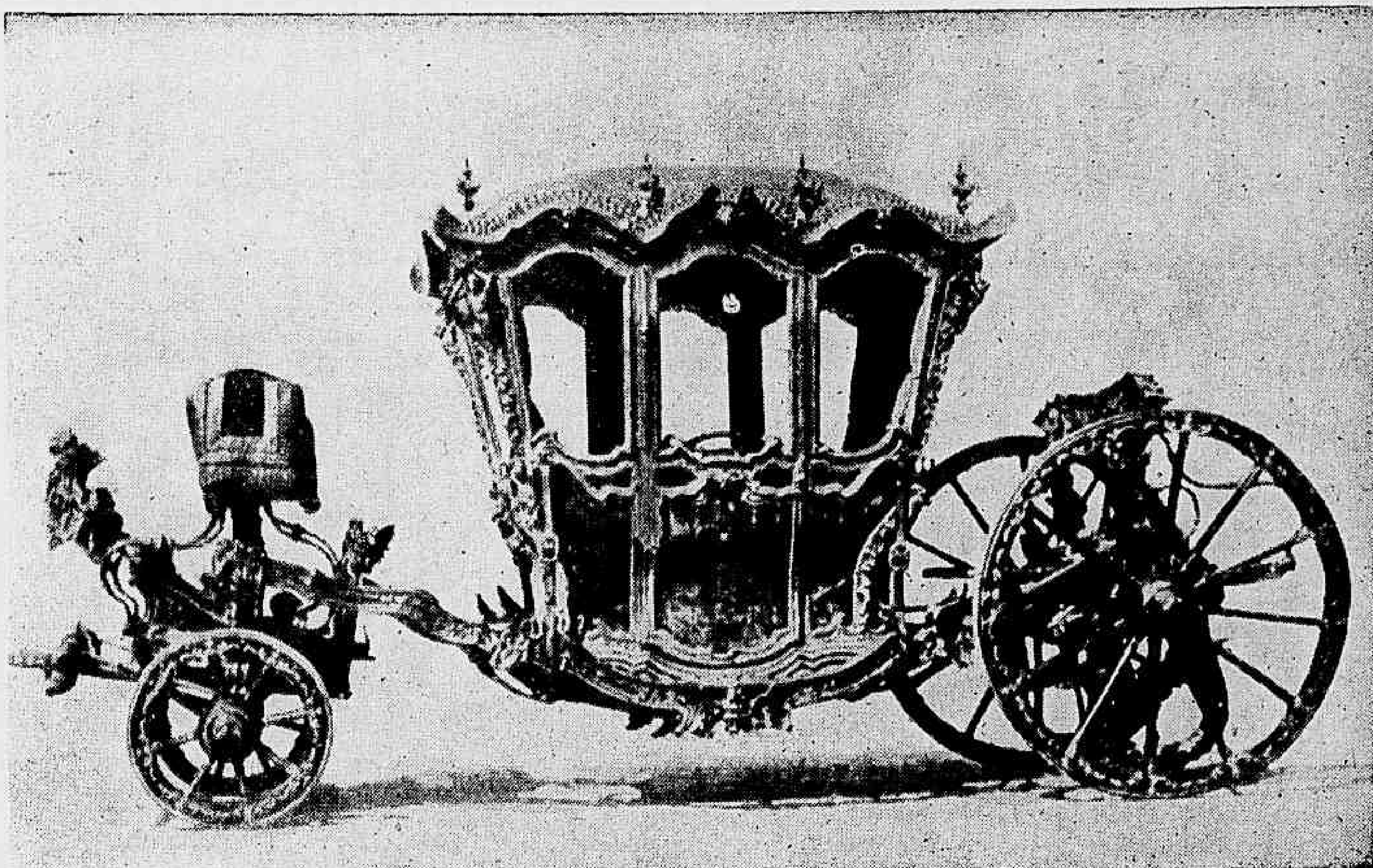
Em Coburgo, no Museu Estadual, existem completos, três dos mais antigos carros de côrte; o que serviu, em 1527 no casamento de João Francisco de Saxe com Sibila de Cleves, e os que foram mandados construir, na segunda metade do século XVI pelo duque João Casimiro de Saxe, para as suas duas sucessivas mulheres, as princesas Ana de Saxe e Margarida de Brunswick.

Na Itália estão dispersas várias séries de carros. Além dos chamados "carros de Verona" que datam de cêrca de 1540 e pertenceram à família Serego degli Alligheri, encontram-se em Nápoles algumas viaturas do ano de 1700 provenientes da antiga côrte dos Bourbons, outras em Roma, em Milão, Florença e Bolonha, notando-se como exemplar de grande beleza e raridade o célebre carro de gala da rainha Maria Cristina, da Sardenha.

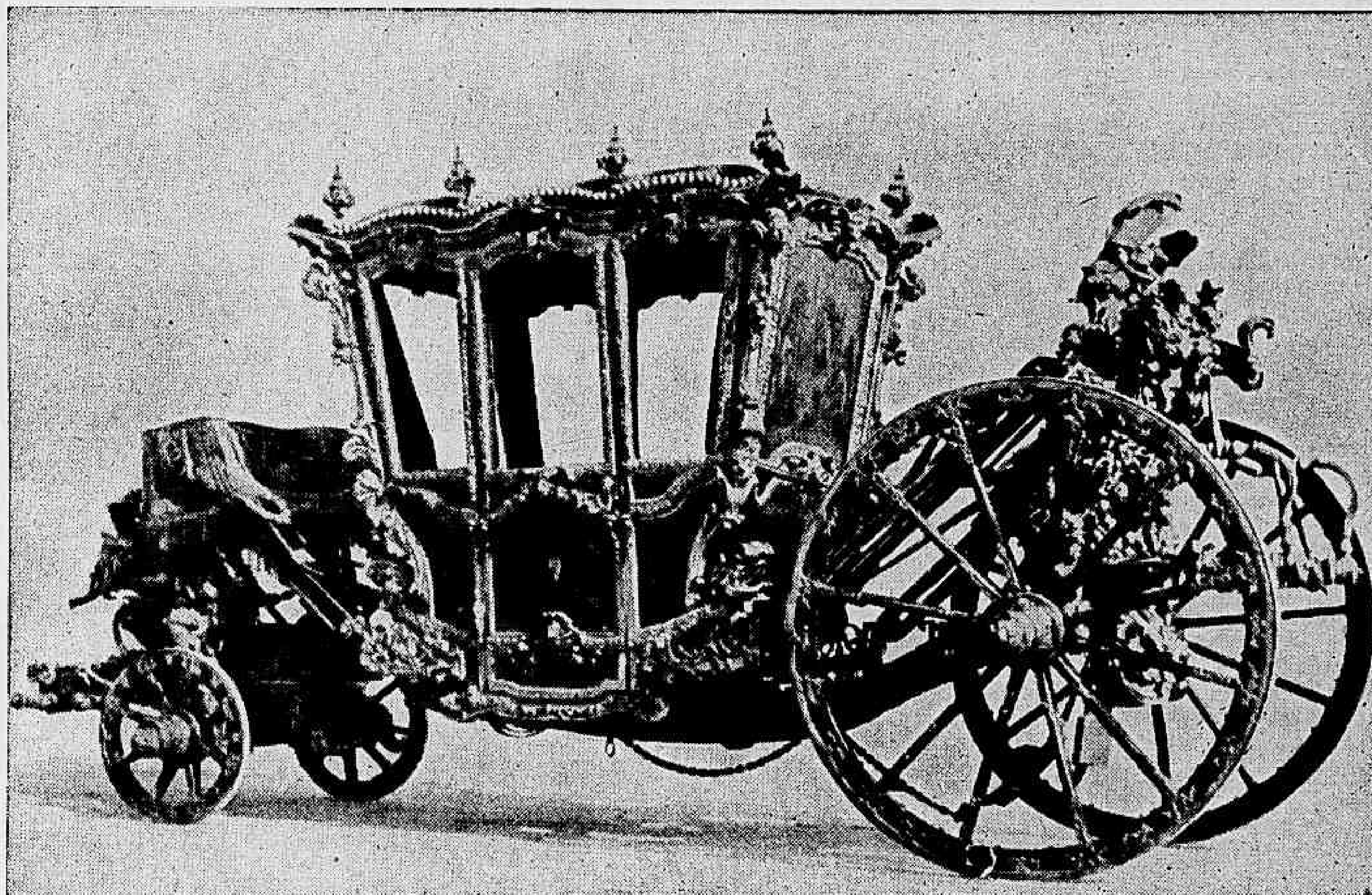
Nos países escandinavos é de citar-se o famoso achado arqueológico de Oseberg, carro de quatro rodas de madeira trabalhada, do século IX e que pertenceu a uma princesa nórdica. Êsse raríssimo especime está no Museu de Oslo, e é um dos mais antigos veículos que se conhecem. Em Copenhague, os antigos carros da côrte dinamarquesa estão expostos no "Kunstindustritmuseet"; e outros no Palácio de Amalienborg. Na Suécia, as carruagens de gala conservam-se na Armaria Real de Estocolmo.

Na Inglaterra, o país das tradições, os côches da Corôa, alguns dos quais servem ainda hoje nos aparatosos cortejos da coroação dos monarcas e nas aberturas solenes do Parlamento, datam da segunda metade do século XVIII, do tempo de Jorge III.

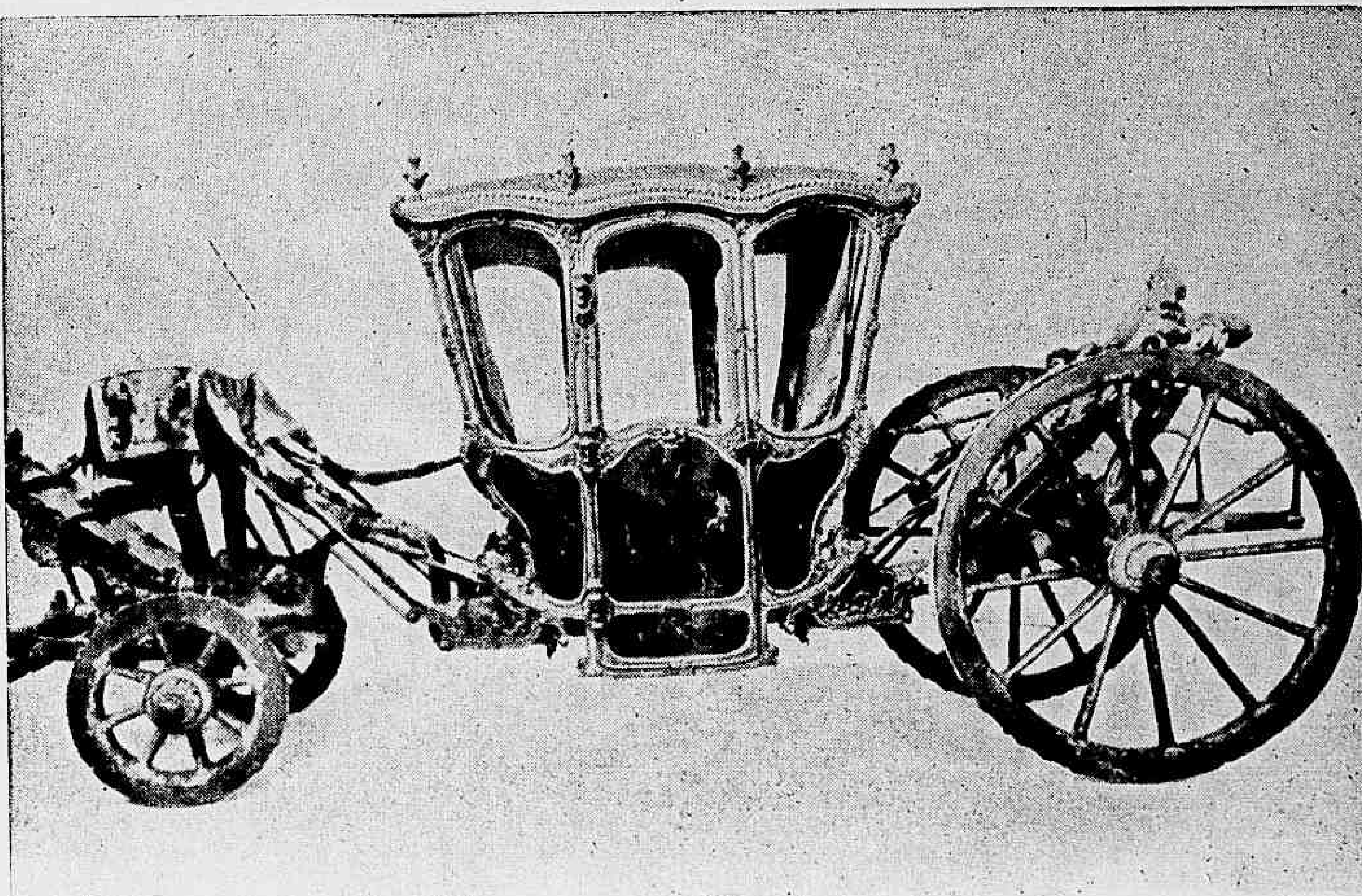
(*Continua na página* 52)



LUXUOSA BERLINDA da Rainha D. Maria I, construída, segundo a tradição, para conduzir aquela soberana à cerimônia da consagração da Basílica da Estrêla, por ela fundada em 1790



COCHE DO REI D. José I, fins do século XVIII, exuberantemente decorado, vendo-se artística obra de talha com volutas, mascarões, atlantes, quimeras, nos estilos Luís XIV e XV



ÊSTE É O COCHE das Infantas, filhas do Rei D. José I, segundo reza a tradição histórica. E' profusamente decorado com motivos mitológicos, muito ao gôsto daquêles tempos

CONSPIRAÇÃO

Novela de
HILTON FARIA

EU mesmo não sabia a que atribuir aquêle esgotamento, por isto consultei um médico que, nada encontrando de anormal, recomendou-me uma estação de repouso; não naturalmente nestas estações de água, onde imperam o jôgo e a dança, porém numa estância retirada, por exemplo, onde até mesmo pouca diversão pudesse encontrar. Deveria ficar como que abandonado pelo mundo, esquecido num afastado ricão da terra, como se fôsse o último homem existente neste planeta.

Para isto, nada melhor do que a sossegada morada de meu primo, abastado comerciante que tinha a excêntrica mania de passar grande parte de sua vida num afastado palacete nos arredores de Manáus.

Para lá embarquei; sete dias, dissera o médico, sete dias de repouso; já não era sem tempo que para lá seguia, meu estado nervoso precisava realmente de reparos.

Vagarosamente a tarde descia, o sol começara a dar o seu adeus, quando cheguei à esperada mansão do descanço.

Na verdade, a casa era um sepulcro, embutida em verdejante floresta e bem distante da cidade, uma hora pouco mais ou menos; como se isto não fôsse o suficiente para aquela tranquilidade, o enorme do seu tamanho realçava-lhe o aspecto de abandono; afora a criadagem e um cachorro, meu primo era seu único ocupante. Seu tipo de construção era antigo, não se podendo ter completa segurança em noites de vento e tempestade.

Quando fui apresentado aos serviçais tive a impressão de voltar ao tempo da escravatura.

— Esta é Maria José, a cozinheira, aqui Gertrudes, a copeira, ali, Ana, a lavadeira.

Fomos até a parte da residência que dava para os fundos, três negros conversavam, um deles sobressaía pelo agigantado físico.

— Aquêle menor é Manuel, quem cuida das galinhas, encera a casa, lava o cachorro; o médio é José, que faz as compras e dirige os serviços domésticos; o maior, João, é o jardineiro. Tenho ainda um pretinho, chamam-no de Nico, é o moço de recados, completou gracejando meu primo.

Para falar sinceramente, de comêço gostei de tudo, exceção feita de João, o enorme preto, e de Ana, a lavadeira.

Tratei de acomodar-me e, as minhas peças de vestir, empoeiradas pela viagem, dei-as a Ana; em seguida me despedi do primo e tratei de dormir.

Dormi bem, apesar do forte vento e da chuva incessante que, como calculara, balançavam com as velhas janelas seguras por gastos e enferrujados ferrolhos; passei assim o primeiro dia.

★

Levantei-me cedo e vi que despontava um belo dia; pouco depois uma surpresa um tanto desagradável me esperava; meu primo recebera um urgente telegrama, pedindo sua presença no Rio.

— Carlos, disse êle, agora vai repousar absolutamente, estou de partida, no entanto nada de fora te incomodará, isto dista bastante da cidade e ficarás assim abandonado na tua solição; deixo, contudo, por desencargo de consciência, êste revólver que tem sido meu fiel guarda; aí fora fica o Rex, meu cachorro policial. Agradeci ao meu primo e nos despedimos. Partiu. Declinava o segundo dia.

A viagem dele seria exatamente de seis dias, voltaria portanto no dia em que eu partiria.

Deveriam ser umas 19 horas, quando fui à biblioteca escolher um livro; rapidamente corri as prateleiras, precisava de uma leitura fácil que prendesse a atenção e não cansasse; assim escolhi um livro policial. Recostei-me numa poltrona e iniciei a leitura. Distraído, as horas começaram a passar.

Lá pelas 21 horas, lembrei-me que deveria fechar a casa; a criadagem já se deveria ter recolhido. Levantei-me ainda tendo na cabeça as mirabolantes proezas de ladrões, assassinos, e detetives; vagarosamente comecei a fechar a casa quando dei com a presença de João, aquêle preto gigante, sentado nos degráus que davam acesso à varanda.

Ao primeiro momento, aquêle vulto sombreado na noite, tendo por fundo grande matagal, assustou-me; mas logo me controlei e indaguei:

— Ainda acordado, João?

— Sim sinhô. Esta foi a lacônica resposta do negro sem praticamente se mexer. Fiquei um pouco preocupado; afinal, por que estaria êle acordado àquela hora? E por que sentado à varanda? Depois achei graça nesta minha preocupação; todavia, por medida de prevenção, examinei o revólver e depois fui dormir. Havia sido o primeiro dia propriamente dito.



Os empregados já estavam de pé quando me levantei; 9,30 horas; pedi a Maria José que me servisse o café, depois do que resolvi correr a casa e dar uma olhada pelo quintal.

O livro policial impressionara-me e comecei a pensar coisas tétricas, imaginei até que seria bem fácil àquela criadagem dar cabo de um indivíduo e atirarem-no bem para longe; mas com que finalidade? Roubo? Era desnecessário matar. Sorri e comecei a caminhada.

Iniciei procurando a área contígua a meu quarto onde meu primo possuía belas avencas; olhava distraidamente quando, por instinto inconsciente, estendi o olhar até a janela do meu quarto. Estava ligeiramente aberta. Fiquei matutando se esquecera assim, pois ninguém ainda entrara para a limpeza, a cargo de Gertrudes; chamei-a e interpelei. Calma e indiferente respondeu-me que lá ainda não havia entrado; dei por encerrado o caso e continuei o meu passeio.

Aquêle dia não apresentou mais novidade de relêvo, assim quando chegou a noite fui deitar-me, não sem antes examinar a arma e certificar-me de que a janela estava bem fechada para o que apertei bem a tranca.

★

Atrvessei sossegado a terceira noite e até amanheci bem disposto; prometi esquecer aquêles pequenos incidentes; por certo o livro policial deveria ter-me tornado cismado.

Alegre, comecei a caminhada da manhã, quando o Nico numa corrida desabalada deu-me um forte tranco. Quase caí. O negrinho porém ria a bom rir, logo desaparecendo pelo distante portão do jardim. Seria provocação do desaforado moleque? Não; por que haveria de me provocar?

Comecei a cantarolar, provavelmente queria espantar os meus males, e continuei caminhando, quando me pareceu que, ao divisar Manuel e José conversando, baixaram a voz e depois calaram-se. No primeiro instante tive ímpetos de dizer que poderiam continuar a conversa; mas depois julguei que seria dar muita confiança, dei um sêco bom dia e continuei a caminhar.

Aquêle extenso passeio fizera-me bem, dera-me um benfazejo cansaço, e de volta resolvi dar um pulo até a cidade; lembrei-me porém que tôda a roupa que dera a lavar não havia voltado, dirigi-me então à Ana e amigavelmente falei:

— Minha velha, estou sem roupa. Secamente tive a resposta.

— Estou com muito trabalho. Acomodei-me na situação; mas aborrecido. Passei o resto do dia a ler; aquêle ambiente começara a enfastiar-me.

À noite passei a costumeira revista e fui dormir; atravessei-a mais ou menos bem, com exceção de um pequeno ruído que não se repetiu.

Assim foi a quarta noite.

★

Amanheci disposto a reagir, a tirar aquela impressão que começara a brotar no meu cérebro, de estar boicotado dentro da residência de meu primo, mas parece que os fados agiam em sentido contrário, e assim é que, logo ao amanhecer, atravessado na minha porta, estava um enorme facão. Pensei logo: seria uma advertência? Passava o Manuel, chamei.

— O que significa isto?

— O que meu patrão?

— Êste facão!

— Ah! Esqueci... estava encerando, é de raspar.

— Bem, bem, leve isto.

Mas o dia já estava estragado. Aproveitei e tomei logo uma atitude decisiva com Ana, exigindo minhas roupas; apareceram então algumas peças; mas a mulher resmungava. A guerra estava declarada; dentro de um ambiente tenso chegou a noite. Para cúmulo do desespêro lá estava João plantado na varanda; para que diabo ficava êle ali?

Desta vez certifiquei-me bem de que tudo estava fechado, principalmente a janela que dava para a área e a porta da varanda; examinei o revólver e fui dormir.

Custei muito, deveriam ser umas 2 da madrugada quando conciliei o sono; estava nervosíssimo.

E lá se foi a quinta noite.

★

Mais uma vez rompeu a manhã; pensava insistentemente na volta do meu primo; para falar a verdade, quase só pensava nisto.

Deixei-me ficar longo tempo no quarto sem coragem de olhar aquelas fisionomias antipáticas e agourentas. Enfim, tarde já, levantei-me. Não tive muito ânimo; tomei um ligeiro café; naquele dia nem almocei; ouvi um pouco de música, li e fiquei cismado até ao anoitecer.

Já vinha caminhando mais uma triste noite. Estava esgotado e pensativo; que repouso funesto estava gozando! Mais uma vez passei a revista de costume e fui dormir.

Suava e rolava na cama, o calor era sufocante; não tirava os olhos da porta e janelas de meu quarto, os insignificantes barulhos da noite sobressaltavam-me. Acabei porém por dormir; deviam ser umas quatro horas e por isto acordei tarde no dia seguinte; umas 11 horas, talvez.

Tomei um café pequeno, e, como no dia anterior, não almocei; imaginei que naquele ambiente de antipatia podia até ser envenenado e resolvi não comer mais nada.

Comecei a vaguear inutilmente pela casa quando inconscientemente olhei para a célebre janela que dava para a varanda; não me contive; o ferrolho estava meio frouxo, como se tivesse sido forçado.

— José! Repeti. Nada; dei uma batida pela casa; nada. Fui ao jardim; não encontrando ninguém, fui ao quintal. Outra surpresa me aguardava; aquelas caras soturnas e ameaçadoras conversavam reunidas em círculo como que tramando um plano diabólico e, para confirmar, Nico, o moleque, estava ausente; naturalmente sendo criança não convinha que tomasse parte na premeditação de um crime.

Quando cheguei, porém, e como se obedecesse a comando automático, a roda se dissolveu.

— José! — Impedi assim seu afastamento.

— Senhor!

(Cont. na pág. 47)



O DIVORCIO EM HOLLYWOOD

HOLLYWOOD é sem dúvida o centro universal do divórcio; ali são raros os casamentos que duram mais de dois anos e mais raros ainda os que vão além dos quatro. E cada divórcio tem a repercussão de um fato muito importante, passando a figurar nas primeiras páginas de quase todos os jornais do mundo. Ora, se metade pelo menos da população do mundo procura imitar as suas "estrêlas" e "astros" favoritos, o exemplo, certamente, deve deixar raízes muito profundas na mentalidade dos fãs. A êsse respeito já se têm manifestado figuras de projeção nos Estados Unidos, e recentemente uma revista especializada em assuntos cinematográficos fêz uma "enquête" sôbre o assunto; uma das respostas que nos pareceu muito interessante é a que se segue, do reverendo Henry Emerson Fosdick. Diz êle:

"A decadência da família norte-americana, tal como é evidenciada nas estatísticas de divórcio, é um dos maiores perigos que esta nação enfrenta. Nós que nos consideramos como a nação mais poderosa do mundo, ainda não nos lembramos de dizer também que somos os primeiros em matéria de decadência moral. A nossa nação poderá mais depressa ser destruída por isto do que por qualquer ataque que possa vir de outras nações, e não há lugar em que a decadência moral atinja mais diretamente os centros criadores de uma vida nacional sadia do que no lar. Que o divórcio seja algumas vêzes necessário, não o posso negar; mas isto não justifica o que se passa atualmente, talvez não com maior frequência em Hollywood do que em qualquer outra parte, mas de tal forma repercute o que se passa naquela cidade que ela está na obrigação de encarar o assunto seriamente, para salvaguardar a si própria e para salvaguardar a família americana. E' preciso que essa cidade deixe de ser considerada o que é: "o principal centro de ataque contra a decência e a integridade da família americana". O fator mais vergonhoso da nossa situação presente é a indiferença, a leviandade com que tais assuntos são tratados, mesmo por órgãos que muito influenciam a opinião pública. Nós, americanos, nos orgulhamos do tratamento que dispensamos às nossas crianças; nos congratulamos pela sua educação, por tudo o que fazemos pela sua alimentação e pela sua recreação, por tudo enfim que realizamos para torná-las felizes. Entretanto, entre tôdas as necessidades da criança, nada se compara à sua necessidade de segurança, à sua necessidade de possuir um verdadeiro lar. Um grande número de doenças mentais infantis é provocado pela dissolução dos seus lares. Se é verdade que Hollywood sozinha não poderia resolver o assunto, poderia, pelo menos, deixar de ser o símbolo nacional de um problema, no que êle tem de pior. Não nos movem sentimentos contra o divórcio propriamente dito; todos os cidadãos sérios e bem intencionados estão naturalmente preocupados com o que aqui se passa; existe mesmo uma pequena reação contra essa leviandade no casamento, contra essa glorificação do adultério. A bomba atômica constitui um grande perigo; mas alguma coisa me diz que sobreviveremos a ela. Se esta nação se desfizer em pedaços, não será, eu creio, pela bomba atômica, mas porque nós vendemos os nossos direitos de berço, abandonamos os melhores elementos da nossa herança espiritual, esquecemos que êste mundo não é governado somente pela lei do físico e porque deixamos que a destruição tomasse conta da família, da vida social, etc. Que Deus não permita a consumação desta tragédia..." — **O.B.**

(Na foto: JANE RUSSELL, da R.K.O.)



PARA OS SEUS QUINZE ANOS





OS grandes costureiros de Paris se reuniram para organizar um guarda-roupa próprio para uma jovensinha dos quinze aos dezessete anos. São modelos simples, executados em bons tecidos e que trazem a assinatura dos maiores costureiros do mundo. Foram criados para facilitar a escolha de um sem número de jovens que querem se vestir com bom gôsto e ao mesmo tempo com a simplicidade que a idade exige.















Á HORA DO COCKTAIL





DE JACQUES FATH, modêlo em seda estampada, preta e branca. Grand egola e grande decote, deixando aparecer duas pontas em tafetá preto, do corpete interno, cinto em pelica preta, mangas três-quartos.

"DUAS-PEÇAS" em tecido estampado "cinq fleurs". De um dos lados da jaqueta pendem duas pontas, dando idéia de lenço. Criação de Pierre Balmain, chapéu em veludo negro, grande **bouquet** de violetas.

DE MARCEL ROCHAS, modêlo muito gracioso em tafetá vermelho com pequenos pontos pretos. Saia muito amplo, abotoado em intervalos. Ombros também abotoados, decote redondo de grande distinção.

DE JEAN DESSÈS, para acompanhar um vestido negro, vemos no alto da página, um chapéu elegantíssimo em cetim amarelo todo em "plissés soleil", modêlo de grande distinção e originalidade.









O BRANCO EM TODAS AS HORAS

QUER para um traje esportivo para o vestido para o "cocktail" ou para o modêlo de noite, o branco revela sempre distinção e bom gôsto. Aqui, por exemplo, Balenciaga e Maggy Rouff nos dão dois modelos simples, o primeiro em seda, guarnecido de viez preto e o segundo em shantung com grandes bolsos. Já Paquin nos dá um modêlo para "cocktail" em organdi bordado, enquanto Jean Patou nos oferec eum modêlo para a noite em ottoman com bolsos bordados com pérolas azuis.

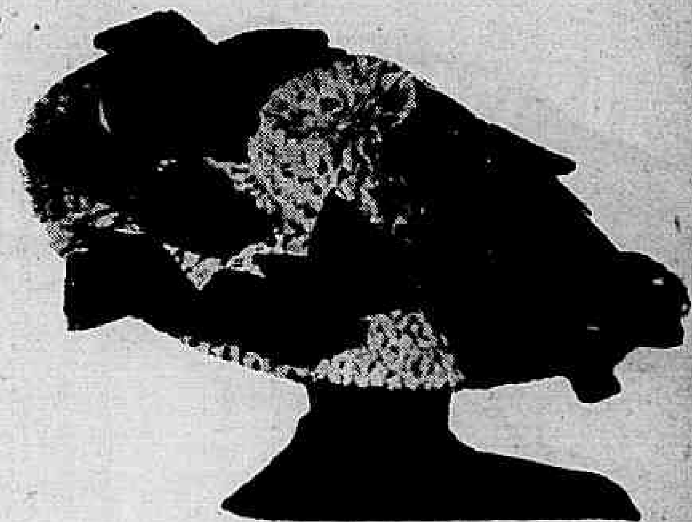






CHAPÉUS DE PALHA





SURGEM, na primavera, os chapéus de palha, alguns muito grandes, como os de Claude St. Cyr e Gilbert Orcel, outros mais discretos como os de Paulette e Le Monnier. Todos são de muita elegância e constituem um complemento obrigatório para uma "toilette" elegante.





DIAS CINZENTOS

HÁ sempre, neste mês de novembro, dias cinzentos nos quais ainda não podemos aparecer com os nossos vestidos claros de verão. Para êsses dias, um "tailleur", um modelinho em seda pesada, um modelo em jersey listrado ou cinza claro, são os mais indicados. Os que aqui apresentamos trazem os nomes famosos de Christian Dior, Jacques Fath, Robert Piguet, etc.







week-end NA COZINHA



SANDWICHES DE BANANAS E NOZES

Amasse umas 6 bananas prata bem maduras e misture com 100 gs. de nozes socadas. Passe manteiga nas fatias de pão e entre elas a massa de bananas.

★

SANDWICHES DE SARDINHA COM MAIONESE

Amasse 2 latas de sardinhas e misture com môlho de maionese. Enfeite com rodelas de tomates.

★

GALINHA DE ESPÊTO

Depois de limpa e preparada, enfie a galinha no espêto, bezunte tôda com manteiga derretida e leve em tripeça de ferro sôbre brazas ou no aparelho próprio para espetos. De vez em quando passe por cima um pouco de manteiga com o auxílio de um galho de salsa e com uma caçarola vá aparando o môlho. Quando retirar do fogo deite num prato, regue com manteiga e sirva logo.

★

RABANADAS RECHEIADAS

Corte 12 fatias de miolo de pão dormido, de 2 cm. de grossura. Umedeça com leite e sal, depois passe em ovos batidos, frite em pouca manteiga com gordura quente e arrume sôbre papel pardo para secarem. Faça um picadinho simples com qualquer carne fresca, enfeite com ovos picadinhos e ponha no centro uma azeitona.

★

PUDIM DE VITELA OU DE CARNE DE VACA

Tome ½ quilo de vitela ou de carne de vaca, sem nervos e passe na máquina. Junte 100 gs. de pão molhado numa xícara de caldo e outra de leite; 1 colher de manteiga, sal, salsa bem picadinha, 4 gemas e 4 claras em neve. Misture tudo e despeje numa fôrma untada, polvilhe de pó de pão e leve a assar no fôrno. Desenforne, enfeite com ovos duros e sirva com o môlho abaixo à parte.

★

MÔLHO DE QUEIJO

Derreta 1 colher de manteiga com outra de farinha e sempre mexendo junte 3 xícaras de leite; deixe cozinhar um pouco e guarde. Na hora de servir leve novamente ao fogo, adicione 2 colheres de queijo ralado, ½ de manteiga, sal, misture e sirva.

★

BOLINHOS DE BATATA DOCE

Cozinhe ½ quilo de batata doce com casca, depois descasque e passe pelo passador. Leve ao fogo para ligar com 1 colher de manteiga, 1 ovo, ½ colher de açúcar e sal e deixee esfriar. Faça pequeninas bolas, passe em farinha de trigo, depois em ovos batidos, frite em banha e deite sôbre papel pardo para desengordurar.

★

BANANADA

Descasque bananas prata, dágua ou vermelhas, cubra com água e leve a ferver. Escorra e passe aem peneira. Para cada quilo de massa junte 800 gr. de açúcar. Faça uma calda com açucar, junte as bananas e leve a tomar ponto. Quanto mais tempo demorar, mais vermelho| Se preferir clara, junte o açucar à massa e leve ao fogo.

★

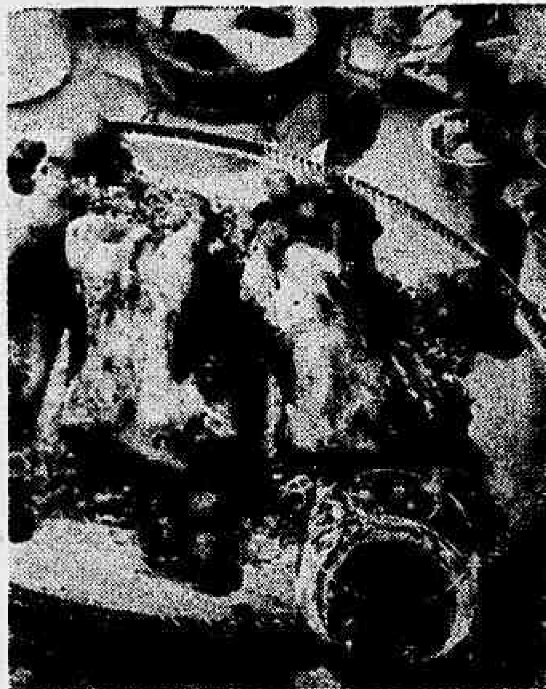
GELATINA DE AMEIXAS

Tome 500 gr. de ameixas pretas e deite de môlho em 4 copos dágua, com 250 gr. de açucar e um pedaço de limão, durante 3 horas. Depois passe pela peneira. Derreta numa xícara de água a ferver 8 folhas de gelatina, misture às ameixas e deite tudo em fôrma levemente untada de azeite fino e ponha na geladeira. Faça de véspera e desenforme na hora de ir para a mesa. Sirva com creme de Chantilly ao redor.

★

CREME CHANTILLY

Ponha ½ litro de creme de leite na geladeira até ficar bem firme. Quase na hora de servir, bata até ficar incorporado, junte 1 colher de açucar. Pode perfumar com baunilha. Se bater demais transforma-se em manteiga. Se desejar mais leve junte, depois de pronto, uma clara em neve e misture depressa. Deve ser servido bem gelado.





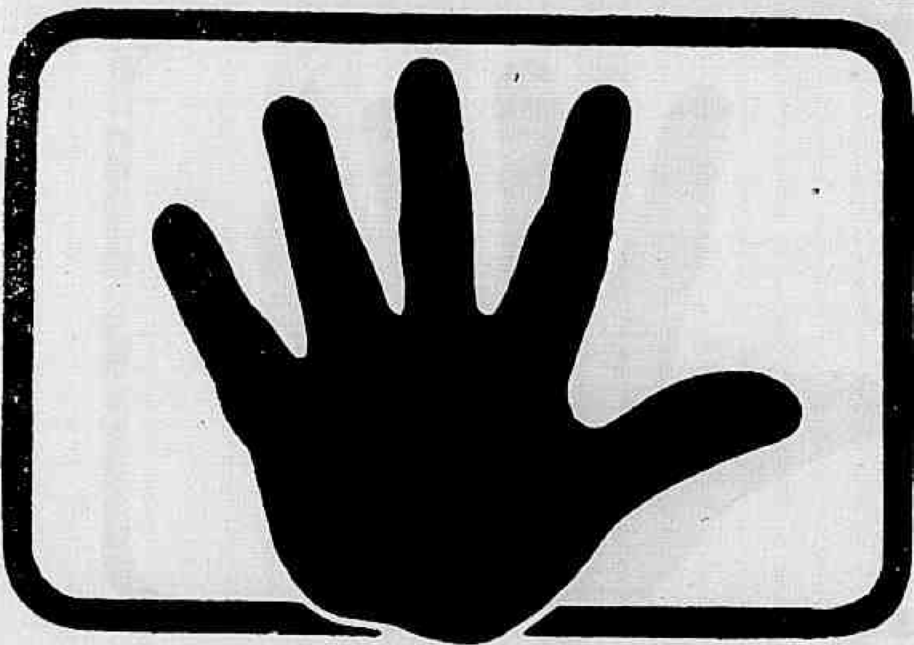
CABEÇAS MODERNAS

UM dos complementos imprescindíveis à elegância da mulher, é sem dúvida o penteado. Cabelos finos, sedosos e bem cuidados, contribuirão enormemente para realce de sua beleza. Temos nesta página, os aspectos apresentados por três lindos penteados: ao alto, Janis Paige, da W. B., com o penteado "alto" ,em tranças para cabelos castanhos; em baixo, para cabelos pretos, penteado em "boucles", desmanchados, tendo a parte posterior em "pagem"; finalmente, um penteado para cabelos louros, cabeça lisa contornada por "boucles" artisticamente desfeitos.




A nova apresentação
DOS
PÓS-DE-ARROZ
MADERAS DE ORIENTE
MYRURGIA
maderas de oriente
MYRURGIA
MADERAS
DE ORIENTE
FINOS COMO SEMPRE

·MYRURGIA·



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO



MODÊLO N.º 1
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★

MODÊLO N.º 2
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 78,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 90,00 o par

★

MODÊLO N.º 3
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 100,00 no varejo
Preço Cr$ 76,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 85,00 o par

★

MODÊLO N.º 4
Numeração de 36 a 44
Até Cr$ 200,00 no varejo
Preço Cr$ 145,00 por par
Pelo Reembôlso Postal Cr$ 180,00 o par

ATENÇÃO
SNRS. LOJISTAS

Oferecemos êstes modelos nas côres preta, marron e havana.
CONDIÇÕES — À vista com 3% de desconto ou 90 dias sem desconto. Despesas de remessa por conta do comprador.
Escrevam hoje mesmo fazendo a sua encomenda para

FABRICA DE CALÇADOS JADE LTDA.

Rua Brito Melo nº 127 — BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS)

A VELA QUE DESCOBRIA O DEFUNTO

(Continuação do número anterior)

Mestre Albino, porém, persistia no seu propósito de animar o filho para uma desforra mortal. Boatos e mexericos, profissão dos *leva-e-traz*, ainda mais agravaram a situação. Todo mundo esperava um choque sério, de dolorosas consequências entre aquelas famílias.

Uma tarde, quando Mestre Albino conversava com amigos sob a copa de velha e gasalhosa mangueira no Alto da Forca, vieram dar-lhe a mais chocante notícia: — Ermita matara o filho do Intendente, e estava prêso, recolhido à cadeia pública.

Como um louco, o músico foi à detenção. De fato, o moço estava nas grades, mas protestava inocência. Em casa do intendente lavrava enorme desespêro. A cidade inteira comentava o crime, uns condenando o delinquente, outros o defendendo.

Mestre Albino ouvira o filho. O rapaz jurava pela alma de sua mãe, que não matara o filho do intendente. E narrou, em presença das autoridades, com voz firme:

— Eu estava pescando curimã, no Pôrto da Raiz quando êle chegou para o banho. Ao pular nágua, eu senti peixe na linha e puxei; mas a linha enganchou e não cedia. Eu então, com o trinchete entre os dentes nadei até ao ponto em que presumi estar o embaraço, a fim de colhêr o peixe e cortar a linha, se fôsse preciso. Nesse momento eu vi Miguel dar um grito, mergulhar e desaparecer.

— E a faca ensanguentada?

— Era a que eu tinha para tratar os peixes.

— Que peixe, se você não chegou a pescar nenhum?

— Eu já tinha pescado um, sim senhor.

— E onde está o peixe?

— Não sei... Ao ser prêso, não cuidei mais de nada. Mas no momento em que êle deu aquêle grito, havia um menino trepado numa pitombeira, a comer pitombas e que viu tudo.

Chamaram o menino; mas êste depunha contra Miguel. Vira-o atirar-se à água com a faca entre os dentes e atacar o rival, matando-o.

O moço protestava. Era mentira do garôto. Mestre Albino acreditava na sinceridade do filho, embora estivesse satisfeito com a morte do outro. Estava vingado. Mas o jovem procurava tirar de cima de seu nome, uma imputação infamante. Êle não praticara o crime. Que mandassem examinar a faca. O sangue não era humano.

O cadáver não aparecia. A correnteza o levara para lugar ignorado. As pessoas daquelas famílias enlutadas, passaram uma noite de vigílias e sofrimentos. Mergulhadores e nadadores remexiam tudo. Nada de encontrar o corpo. Se aparecesse, a verdade resplandeceria. No exame cadavérico, confirmar-se-ia ou não, a ação criminosa do filho do músico.

No dia seguinte, o padre visitou o detento. Êste afirmou, sem dificuldade, o que declarara antes, e pediu ao vigário que tudo fizesse para livrá-lo daquela desgraça. Estava sendo vítima das circunstâncias. Não matara seu desafeto.

O padre Machado teve uma idéia: — chamar Antônio do Patia e repetir a cena da vela. Quem sabe se não seriam bem sucedidos? Momentos depois foi ter com Mestre Albino. Êste se indignou e quase rompeu com o padre. Enfim, como era para provar a inocência do filho e livrá-lo de uma sentença de 30 anos, cedeu, a resmungar.

Naquela manhã, tôda a população se movimentou para o *Pôrto da Raiz*, a fim de apreciar a estranha regata do vela que descobria corpos de afogados.

O povo se apinhou nas ribanceiras do rio, e o sussurro das vozes era mais de quem discute, do que de compaixão. A maioria era a favor do jovem prêso; mas sem provar sua inocência, o moço estava desgraçado para o resto da vida.

Trouxeram o indigitado assassino, para êle indicar o lugar exato, onde desaparecera a vítima. O padre, Mestre Albino, autoridades, parentes do morto, todos estavam na ribanceira alta. As árvores mais próximas transformaram-se em pitorescas arquibancadas. Meninos com tabuleiros de farinha de milho aproveitavam a oportunidade e faziam bom negócio. Velhas doceiras também vendiam tapioca de leite com recheio de castanha, matando a fome dos que dispunham de alguns níqueis.

Antônio do Patia, numa frágil canoa, remou para o ponto indicado pelo filho do músico e soltou a cuia com a vela acesa. O rio sofria os efeitos da vasante da maré, e as águas corriam arrastando touças de baronesas de flores roxas como a injustiça.

No *Pôrto da Raiz, o banheiro dos homens*, o rio era amplo, de margens altas, a pique. Mais em baixo, uma curva do rio destruía o terreno, cavando a erosão largo trato de terra, alargando o curso do Manguaba.

A cuia desceu sem dificuldade, enquanto Antônio do Patia ao lado, a seguia, à feição da corrente. A velinha era a mesma que servira um ano atrás, para descobrir o corpo do sobrinho do padre. Iria repetir-se o milagre? Todos o desejavam.

A cuia descia serenamente o curso das águas mansas. Dia claro, manhã quente de verão. A mais leve brisa não soprava. Até a natureza parecia atenta ao destino da vela. E a luz descia a correnteza, deslocando os grupos da margem, numa original procissão de curiosidade e fé. Mestre Albino ridicularizava a superstição, enquanto o filho, guardado por praças embaladas, ia acompanhando a massa humana, mexer-se conduzida pelo minúsculo farol de tantas esperanças.

Os acidentes da margem eram vencidos. O povo transpunha pequenos riachos tributários, troncos de árvores caídas, barrancas de massapê escorregadio e moitas de muçambê. Era uma impressionante romaria, cada vez engrossando mais com os espectadores novos atraídos pelo ruído da multidão em marcha lenta.

A vela continuava sem deter-se. O sol ia alto. Muita gente já havia ultrapassado a curva, lá em baixo; vários desistiram da caminhada acampando à margem. A cabaça prosseguia com a velinha a derreter-se. Ao passar pelo pôrto das barcaças, a cuia se deteve. Baloiçou num redemoinho e se encaminhou para debaixo de frondoso ingazeiro, cujas raízes apareciam na ribanceira como emaranhado sistema de encanamento subterrâneo.

Alguns pretos que andavam a perseguir gafanhotos vadios, se assustaram com a chegada de Antônio do Patia e voaram para árvores próximas. Só as lavandeiras joviais e mansas, ficaram a tritirar em festa, com as asas erguidas, numa alegria de crianças em recreio.

A vela parou sob a copa da árvore sombria. Antônio viu a côr do peráu e teve medo. Diziam que ali havia jacaré, vindos dos mangues lá de baixo. Mas, se a vela parasse, êle tinha que mergulhar; seu desejo era mais o de vencer o ceticismo de Mestre Albino, do que o de achar o corpo do filho do intendente. Para êle, aquilo tudo era castigo. Ninguém bolisse com Zefa Rabuge. De onde estava, ninguém podia ver a vela; mas, vencendo todos os obstáculos, grande número de curiosos veio rompendo o mato, rasgando a roupa, sangrando os pés nos espinhos, até à margem. E todos viram a vela parada, com a cânoa de Antônio do Patia ao lado, e êste a rezar, com os olhos no alto, rogando a Deus que o protegesse.

— Êle está aí, Antônio? — perguntaram.

— Parece. Não há jeito de a vela sair.

— Está com receio de mergulhar?

Antônio não respondeu. Tirou o paletó, afrouxou um pouco o cinturão e desceu à água, depois de amarrar a canoa num galho da árvore.

Grande expectativa. O caboclo antes de mergulhar, fixou os olhos no sopé da ribanceira e soltou um grito horroroso de quem se assombra:

— Está ali, minha gente! — e apontou para debaixo das raízes da ingazeira.

Rápido, desamarrou a canoa, recolheu a vela, apagou-a, benzeu-se e remou para o lugar marcado. O povo fechou sôbre o tronco do ingazeiro, e foi tal a pressão, que a barreira começou a desmoronar.

— Cuidado! A barreira está cedendo! — gritaram.

A notícia do encontro atingiu todos os ouvidos. A multidão afluiu em tumulto para ver o corpo. O filho do músico chorava de alegria, abraçado ao pai, a excla-

(Cont. na pág. 51)

A SAÚDE DO BEBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

DEJEÇÕES E EXONERAÇÃO NORMAL DO LACTENTE

AS funções intestinais da criança costumam ser observadas com extremado cuidado, sobretudo nos primeiros tempos. A coloração das fezes, o aspecto, a consistência, o olfato, o número, tudo constitui objeto dêsse cuidado, para julgar de como se desenvolvem aquelas funções.

Convém conhecer alguns dados sôbre a criança a tais respeitos.

Nos 4/5 primeiros meses, a criança evacuará 2, 3, 4 vêzes ao dia.

E ainda que os resíduos deixados pelo leite sejam relativamente parcos, provoca o alimento a secreção biliar e albuminosa para que assim aumente o volume das fezes.

Além disso, na fase dos primeiros meses, a criança possui o intestino fàcilmente excitável e — o que é muito importante — em cada mamada, o lactente ingere uma quantidade de alimento proporcionalmente muitas vêzes maior que a necessária à nutrição do adulto.

Alguns, todavia, de intestino menos excitável, exoneram apenas uma, duas vêzes por dia. Já no segundo semestre, instituido o regime misto, as dejeções passam a ser uma, duas, normalmente.

De comum, semi-fluidas, côr amarelo de gema de ôvo batida, não raro, as dejeções podem tomar uma coloração esverdinhada; êsse acontecimento traz sempre grande inquietação, mas carece de importância, sendo devido à não transformação da biliverdina em bilirubina, por causas não bem conhecidas. Não vindo acompanhadas, as fezes, de outros sinais de moléstias — a existência de grumos, mucosidades, membranas, o esguicho, o olor rancido — deve afastar qualquer sobressalto, a coloração verde das fezes.

A consistência tem, sem dúvida, uma significação diferente, pois é indice, muitas vêzes, de uma perturbação do estado nutritivo da criança, com que cumpre estar prevenido. Mas é necessário saber distinguir.

De fato, quando no decurso da alimentação artificial o bebê poderá apresentar fezes menos pastosas e menos homogêneas. Se está, por exemplo, no uso de sopas vegetais (cenoura, espinafre) é muito comum passarem às fezes fibras vegetais que resistiram à ação dos sucos digestivos, sem que isso importe em uma condenação do alimento ou ateste a incapacidade de seu aparêlho digestivo.

A dejeção, por si só, não tem a importância que se lhe atribuia outrora para julgar da digestão e tolerância da criança, mas é antes resultado do próprio regime, muita vez ótimo, e até insubstituivel, a despeito de seu aspecto.

E preciso relacioná-los com outros sinais na criança que possam expressar um desvio das funções de seu aparêlho digestivo ou da sua nutrição.

O olfato pútrido ou rancido, por si só, deve inculcar um êrro no regime alimentar da criança, e, por vêzes, uma mudança da flora microbiana normal do intestino da criança, a infecção iminente. Aliás, na época dos primeiros meses, quase nunca vêm isolados, porém, com outros sintomas gerais da nutrição alcançada.

A dureza das fezes ocasiona, por vêzes, processos congestivos das últimas porções do intestino (lesões ano-retais), que se acompanham, inclusive, de hemorragias.

Até fazer a criança 6/8 meses, fezes revestindo o caráter de dureza exigem sempre atento exame, refletindo quase sempre um regime alimentar, no mínimo defeituoso, já por excesso de albuminas ou gorduras, já pobreza de carbo-hidrato (farinha, açúcar), e até vitaminas (sucos de frutas, legumes).

Até completar a criança seu primeiro ano, a não eliminação diária das fezes, com a frequência costumeira, é, em geral, interpretada como verdadeiro estado de prisão de ventre.

No alactamento natural, isso não tem importância, se a criança prospera no pêso e as dejeções são moles, deve ser compreendido como um aproveitamento total do leite ingerido. No caso contrário, a criança estará passando, provàvelmente, fome.

No alactamento pelo leite animal, se o fato coincide com a dureza das fezes, eliminadas com esfôrço, pode-se concluir por um defeito alimentar, que deve ser corrigido.

Seja porém o que fôr, jamais se deverá combater o estado de prisão de ventre na criança, aparente ou não, com lavagem, purgativos, clister. Exigindo exame meticuloso, êsse estado demanda um tratamento diverso de um para outro caso, e no lactente às mais das vêzes pelo regime.



advogado
engenheiro
médico ou ...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

CORREIO DA REVISTA

Goiana da Gama — Ainda não lemos o "Zé Claudino".

A. C. R. (Sorocaba, S. Paulo) — Muito fraco o seu "Rotina Domingueira".

R. M. C. (Andradina) — "Insônia" não foi aprovado.

P. L. (Aracaju) — O mesmo com o seu conto "Lídia".

D. B. R. C. (Belém) — Idem com "Amor Proibido".

Vicente C. de Carvalho (Rio) — Esperamos que continui a nos mandar os seus contos. "Minha Filha" estava bom. Prossiga.

A. C. (Rio) — Muito curtinho o seu conto "Você é minha paixão", veja se é possível aumentar essa paixão.

E. de P. (Rio) — "Quando há males que vem para bem", também está pequeno.

M. D. P. S. (?) — "Aranhas Negras", naquele tipo de papel precisa vir com seis laudas, no mínimo.

J. V. F. (S. Paulo) — Muito curto o seu "Florência".

A. P. L. (Natal) — Também está pequeno o seu conto "Senhora, deixai-me ir".

R. P. (?) — Seu conto "Angústia" sofre do mesmo mal.

Eugênio Morato (Belo Horizonte) — Foi aprovado o seu trabalho "Dê-me a sua mão". Pois não!

A. L. (Rio) — Seu "Seringal" muito pequenino. Não pode estirá-lo um pouco mais?

A. G. (Volta Redonda) — "Embaixador na Lama" está muito mal escrito.

A. N. (Rio) — Está muito fraquinho o "Coração Solitário". Procure evitar tiradas líricas cheias de lugares comuns.

R. M. C. (Andradina) — Está muito fraquinho o seu conto "O Sósia".

M. A. A. M. (Rio) — E' linguagem matuta e não matura. Seu "Maria Lúcia" não foi aproveitado. Quanto ao "Flor de Cacto", vamos ler. Lembramos-lhe que Cactus deu Cacto em português e não Catus. Esse é escrito e pronunciado.

I. S. C. (Pôrto Alegre) — "Velas ao Vento" não pôde sair.

R. Q. P. (Rio) — "Cabelos Louros" não foi aproveitado. Evite coisas como estas: "E sorria, um olhar meigo onde havia qualquer coisa de pássaro".

D. V. (S. Paulo) — "Um Diário" está muito fraco.

J. K. (Votorantim, S. Paulo) — Não foi possível aprovar "A Pecadora".

C. C. (Juiz de Fora) — O mesmo quanto a "Resto de Gente".

RALPH LEVY

Seu irmão Davy Levy pede-lhe que lhe escreva com urgência para: Rizapasa Yoksu Geçit Han 6 — Istambul, Turquia.

Muito trabalho e...

(Cont. da pág. 32)

fissão, sendo a primeira causa, inegàvelmente, o fator preponderante para o caminho da derrocada moral. Sem um ordenado compatível com as exigências da vida atual, não se pode, em absoluto, viver com dignidade. Entretanto, o explorador da mulher, que tem no trabalho a razão de ser do seu próprio sustento, não quer definitivamente compreender a fase angustiosa que esta atravessa. Criaturas nas condições destas servidoras de café, são o exemplo típico da mulher sacrificada. E' possível que resistam por algum tempo a esta situação; mas se o próprio empregador lhes nega o direito de terem uma vida honesta, que lhes resta fazer, se não têm outras aptidões a não ser esta de servir café? Infelizmente, o resposta é clara e imediata. Se lutam contra a falta de dinheiro e o apoio moral sem nenhum resultado, só lhes resta o lôdo da vida. E, assim, impiedosamente vão-se formando as legiões das infelizes que se mercantilizam, para poderem desafiar os negros dias de um destino que não escolheram.

★

Enquanto dezenas de mocinhas são injuriadas pelos diversos pontos do "café em pé", e por oito horas de trabalho exaustivo, percebem a mísera quantia de quinhentos cruzeiros, as suas irmãs de profissão da Câmara dos Vereadores, ou seja, da "Gaiola de Ouro", recebem, para distribuir num ambiente de confôrto o "cafèzinho" dos "associados do govêrno", o *ínfimo* ordenado de *mil e novecentos cruzeiros*. Parece incrível, no entanto, que estas serventes de café, tenham um ordenado superior ao de uma professôra municipal, que durante tantos anos alisou os bancos dos colégios. Infelizmente, no Brasil é assim....

CONSPIRAÇÃO

(Cont. da pág. 38)

— José, quem mexeu no ferrolho da janela do meu quarto?

— Ninguém não senhor!

— Quebrou-se, sozinho?

— Vou ver, patrão. — E assim seguimos. O preto olhou, olhou e saiu abanando com a cabeça. Julguei que fôsse buscar alguma ferramenta; mas qual, o preto não voltou.

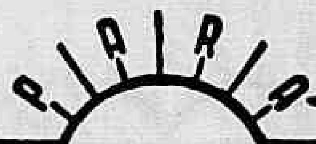
(Cont. na pág. 51)

UMA COLEÇÃO PERFUMADA

Sempre desejada

A "EQUIPE" PHEBO

Com o sempre desejado Odor de Rosas, PHEBO, que nasceu no sabonete n.º 1 do Brasil, ampliou o seu domínio, aparecendo agora através o seu perfume, que vive mais intenso ainda, no pó de arroz e talco, em lindas embalagens de madeira. Adquira para si esta preciosa coleção, e, sempre que tiver um presente a oferecer, dê uma caixa de luxo com 3 sabonetes PHEBO.



Criações PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO

PIRAJA

Marcos de uma fé

(Cont. da pág. 50)

povoador desta Capital. Faleceu o dito Affonso Rodrigues em 1561."

CONCEIÇÃO DA PRAIA

Não é a primitiva, dêsse nome, que datava de 1550, e mandada construir por Tomé de Souza. A atual, foi iniciada em 1736. E' um templo magnífico, de imponente fachada em cantaria lavrada, vinda de Lisboa. Considerado como um dos mais belos templos do país. Possui valiosas obras de arte, com especialidade a pintura da cúpola. Em seu interior oraram D. João VI e D. Pedro II. Realizam-se, anualmente, em louvor à Virgem, imponentes festividades, que têm a mesma magnificência e tradição das do Bonfim.

ORDEM 3ª DE S. FRANCISCO

Em 1702 foi lançada a primeira pedra para o levantamento da Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco. Essa igreja, em estilo barrôco, não pode deixar de ser visitada pelo que chega à Bahia, por isso que possui, dentre outras obras-primas, uma fachada maravilhosa, em pedra trabalhada a cinzel.

Eis aí estão, em pinceladas, como disséramos, focalizados alguns dos mais imponentes templos da Cidade do Salvador, cuja história é motivo de ufania para a Bahia e para o Brasil.

A CASA ONDE MOROU RUY BARBOSA

(Cont. da pág. 15)

recidos. E' que tudo ali se apresenta muito rígido, muito cheio de formalidades e o visitante parece mesmo ser recebido como um cidadão de que se precisa ver livre o mais depressa possível.

Realmente, a Casa de Rui Barbosa ainda não é o que precisa ser: uma casa aberta ao grande público, interessando a tôdas as classes, como aquilo que deve acontecer a um patrimônio, a uma demonstração de quanto representa a cultura de um povo.

Talvez, individualmente, ninguém tenha culpa disso. Mas o fato existe.

Pensamos, vendo os homens que no momento trabalham limpando as paredes exteriores do edifício, que é tempo de fazer-se outra limpeza, de tornar claro para o povo a verdadeira significação que tem aquêle patrimônio, pois nos lembramos de que Rui chegou mesmo a ser proibido nas escolas, o que realmente parece incrível mas pode ser explicado.

Conversa de barbeiro

(Cont. da pág. 11)

Quem mudou o rumo da conversa, nesse ponto, foi o freguês. Entrou direto na política.

— Você viu como pixaram a amurada da Beira-Mar? E' uma porcaria. Também sou udenista, mas, que diabo, não era preciso sujar o parapeito daquela maneira.

— E o que fizeram no Municipal? — respondeu o barbeiro. — A Prefeitura está gastando uns bons cobres com a limpeza da fachada. Tanto dinheiro que poderia ser empregado em coisas mais úteis. Comemorou-se há pouco a Semana das Crianças, estas sim é que precisam de maiores atenções! Envés disso, os políticos vivem fazendo convenções, mesas redondas, acôrdos e não sei quê mais. Tudo por causa da sucessão. Querem repartir a herança antes que haja defunto. Falam tanto em democracia, direito de escolha, voto secreto, e são êles mesmos que querem nos obrigar a votar num candidato único! Mas, então, "cadê" livre escolha, p'ra que voto secreto?

E nesse arrazoado que reflete o que pensa o homem da rua sôbre os políticos e suas artimanhas, vai passando o tempo. O barbeiro torna-se um elemento imprescindível não só pela restauração estética das cabeças masculinas,

(Cont. na pág. 51)

O DRAMA DO FREDERICO

(Cont. da pág. 52)

— Serei todo ouvidos — disse-lhe interessado.

— Eu não sou europeu, como muita gente o supõe, — iniciou pausadamente, "seu" Frederico. — Nasci em Sant-Ana do Livramento. Sou gaúcho e, portanto, brasileiro. Meu pai, de quem lhe herdo o físico e o nome alemão "Schmidt", levou-me desde muito jovem, pois nem havia completado 12 anos, para Berlim, onde me internou num dos mais famosos colégios. Lembro-me de sua apresentação ao diretor: — O pequeno tem bossa, pendor para os livros, mas é um selvagem, um indiozinho das matas brasileiras. E', não obstante, um diamante precioso que precisamos lapidar. Claro, que essa apresentação me deixou um tanto "chocado" mas, de espírito forte, jamais me abati. Pelo contrário, despertou-me, em meu íntimo, como um sexto sentido, o orgulho do país que tivera por berço. Disse para com os meus botões: — Hei de fazer sempre com que meu pai compreenda que meu país é dos mais valorosos nessa imensa carta geográfica. Estudei, portanto, com afinco. Fiz meu curso de engenharia e me especializei nas construções de pontes. Depois, quando a guerra rebentou, isso em 1914, impossibilitando-me de regressar à minha pátria, como era de meu desejo, encontrou-me, a derrota da Alemanha, pobre, descrente, vagando, por entre as filas de famintos, com o cartão de racionamento nas mãos ainda feridas por estilhaços, a fim de encontrar umas migalhas para o sustento de meu corpo surrado pelas noites de vigílias nas trincheiras. O bombardeio destruiu nossa casa, nos arredores da Capital. Nunca mais soube notícias de meu pai. Mais tarde, encontrei, na lista dos desaparecidos, seu nome. Estava só, eu que jamais conhecera o carinho de mãe. Foi então que uma senhora, conhecida de meu pai, ofereceu-me hospitalidade. Sem teto, sem dinheiro e sem carinho, aceitei a oferta, com a condição de procurar trabalho que me mantivesse e sustento. Era um átomo a integrar a massa dos sem trabalho que se movia, desesperançada, na Alemanha de após-guerra. Frau Krüger tinha uma filha belíssima. Em pouco tempo nos tornamos noivos. Falava-lhe de minhas esperanças de trazê-la à pátria querida. Seus olhos azuis iluminavam-se de alegria. Casamo-nos dois anos mais tarde, quando adquirira emprêgo numa firma de engenheiros, encarregada da construção de pontes destruídas pelos bombardeios.

Partimos para Suíça e, num hotel alpino perto de Jungfrau, cercado de encantadoras montanhas e de geleiras de conto de fadas, passamos nossa lua de mel. Não armazenara a quantia suficiente para nosso regresso ao Brasil.

Não obstante tratava de regularizar nossos passaportes, coisa demorada e maçante nos países estrangeiros. Hedwiges mostrava-se radiante com o provável regresso ao país dos seus sonhos. Onde há paz, meu amigo, a par de invejável tranquilidade de espírito, há a beleza em tôda plenitude da natureza virgem que desponta, feliz, em seu berço de amor; essa esplendente natureza do Brasil, que minha mulher ansiava por conhecer. Infelizmente, porém, jamais Hedwiges realizou seu sonho. Outro, igualmente belo, fê-la despertar feliz aos arroubos sublimes da maternidade, com ela, porém, se foi minha Edwiges, deixando-me um desdobramento de seu ser ao enlêvo de meu coração de pai. Minha linda filhinha Hedwiges, como a batizei, em homenagem à mãe que não tivera a dita de a conhecer, cresceu e se transformou numa bela mulher para encanto de meus olhos e alegria de meus dias repletos de mágoa, saudade e incertezas. Minha filha era alegre e, à semelhança de canário com seu canto sonoro, enchia-me de alegria o coração. Trabalhara muito em todos êsses anos e conseguira juntar um capital que me permitiria não só o regresso à pátria, como também, nela dedicar-me a um ramo industrial. Mas, há o acertado adágio: o homem põe e Deus dispõe. Dêste modo, um dia, alguém me encontrou para levar de meu lar e roubar-me ao afeto do coração a mais preciosa jóia da existência. Minha filha casara-se. E, daí por diante, meu jovem amigo, comecei a sorver, gole a gole, o fel de minha existência. Carl, meu genro, era um crápula! Jogador e bêbedo, bastante a maltratava. Hedwiges nada me revelara a princípio do inferno em que vivia no lar, onde até fome passara. Religiosa, procurava consôlo nas orações. Um dia, porém, disse-me que estava grávida e que sofria, demasiadamente, com os maus tratos físicos e morais que o espôso lhe infligia. Vendo-lhe nas faces a côr doentia que lhe ressaltava a magreza, temi por sua vida e do entezinho que, naquele pobre ventre, se gerava.

Procurei Carl e lhe fiz ver a gravidade da situação. Aconselhei-o como a um filho. Pediu-me emprestado uma pequena fortuna em marcos, prometendo-me regenerar-se. Êsse dinheiro — dizia-me êle — seria para pagar dívidas e encetar vida nova junto ao emprêgo que lhe prometera um amigo. Mas Carl desaparecera desde êsse dia, deixando minha filha doente em pleno abandono. O dote que havia deixado a Hedwiges para o casamento, Carl dissipara nos jogos, nos cassinos, com a bebida e com as companheiras alegres. Minha filha jamais teve um protesto de revolta! Foi uma heroína, uma santa. Um dia nasceu-lhe lindo menino. Hedwiges sorria, enlevada, chamando-me para junto de si: — Venha ver, papai, que lindo netinho você tem — dizia-me quase feliz. Era louro, sadio e corado. Aquela criança era dádiva de Deus, um prêmio ao nosso sofrimento. Pensei que minha filha se reanimasse. Estava, porém, muito doente. A conselho do médico, foi levada para um sanatório em Davos Platz. Foi-nos dolorosa a separação. Sorrindo estoicamente, por entre lágrimas, dizia-me: — Voltarei, curada, meu pai, para cuidar de meu filhinho. Deus não a ouviu nem a mim. Meses após, Hedwiges falecera. A criança ficara entregue a um médico e grande amigo meu que a trouxera ao Brasil. Permaneci em Berlim ainda por algum tempo, velando pela memória de meus entes queridos, quando o acaso me fêz esbarrar às portas do "Schauspielhaus Teater" o causador da tragédia de minha filha. Estava elegantemente vestido, alegre e de braço dado a uma loura Valquíria. Não me foi possível conter-me. Sem que me visse acompanhei-o, confundindo-me com os habitués da ópera. Fui para as torrinhas. De lá, meu amigo, o alvo não me falharia. Ocorreram-me ao pensamento as palavras de Kant: "Todos os instintos que não encontram expansão introvertem-se". Naquele trágico momento, diria eu :"Pervertem-se". O espetáculo ia em meio. A ária da Traviata, esta mesma que ouvimos, foi bruscamente interrompida por um estampido. — Às torrinhas, às torrinhas — gritava o povo em pânico e os guardas entravam em ação. Na cena, que não fôra a do palco, tomba um homem com certeiro tiro no coração. Meu genro pagou com a vida os males que nos causara. No entanto, alguém sofreu muito mais, porque, da consciência, jamais poderá escapar!

Mas, ao seu coração debilitado, profundamente atingido mais pelo sofrimento moral que o físico, foi-se-lhe imposta uma pena: o sigilo.

A um nobre coração, dr. Bertoldo Schneider, testemunha silenciosa de minha tragédia shakespereana, foi confiada a guarda de meu tesouro até ao fim de meus dias.

— Então, "seu" Frederico — perguntei-lhe perplexo — Eduardo é seu neto?

— Perfeitamente, meu caro, êle em carne e osso. Mas, não se esqueça, meu amigo, tôda essa triste história você jamais a relembrará.

— O resto é silêncio — disse-lhe, compreensivo e penalizado, ajudando-o a se levantar.

— Sim, meu filho — repetiu-me, profundamente abatido. — "The rest is silence" — e trôpego, engolfado em seus trágicos pensamentos, encaminhou-se lentamente em direção à casa.

Marcos de nossa fé...

(Cont. da pág. 5)

OS PRINCIPAIS TEMPLOS DA CIDADE

Apregôa-se que a Cidade do Salvador possui 365 igrejas. O exagêro é evidente. Talvez a referência se prenda ao Estado, pois muitas cidades há, como a da Cachoeira, onde existem 13. Todavia, segundo podemos informar, cêrca de 76 templos são os que possui a Cidade. E' sôbre alguns deles que, em rápidos traços, e sem pretensão a um estudo histórico, trataremos agora. Vale se saliente que, com relação às datas, não há, infelizmente, um critério definitivo, por isso que os que hão escrito sôbre as igrejas da Bahia nem sempre estão acordes, divergindo constantemente.

A CATEDRAL BASÍLICA

E' um templo imponente e riquíssimo em obras de arte, possuindo o teto e os altares em talha dourada e o seu interior todo em mármore branco. Pertencia êsse templo ao antigo Colégio dos Jesuítas e a sua construção data de 1570. No seu interior estão os túmulos de vários Arcebispos e o de Mem de Sá, terceiro governador do Brasil. Os restos do Padre Antônio Vieira aí repousam, assim como é conservada, cuidadosamente, a cela em que o mesmo habitou e morreu. Dentre outras obras de arte, de subido valor, existe a imagem de N. S. das Maravilhas, tôda de prata, diante da qual, diz a legenda, orando um dia sentiu Vieira o célebre "estalo", que lhe acendeu no cérebro um centalha de gênio. Há ali, também, e de igual tamanho da imagem de N. S. das Maravilhas, a de N. S. de Guadalupe, padroeira do México e das Américas. A sacristia da Catedral é de imponente beleza, existindo uma coleção de quadros de cobre, representando passagens religiosas, de alto preço.

O CONVENTO DO CARMO

Êsse convento, fundado em 1585, não só como monumento de arte colonial, mas, também, como monumento histórico, guarda preciosidades que despertam a maior admiração. Dentre outras obras de considerável valor possui: uma admirável coleção de balaustradas e grades de jacarandá; a majestosa Capela-Mór, com seu altar, sacrário, banqueta e grandes tocheiros em prata lavrada; a tribuna em que pregou frei Eusébio da Soledade, irmão do poeta satírico Gregório de Matos; a cadeira de D. João VI; as sepulturas onde estão os restos mortais de Bernardo Vieira Ravasco, irmão do Padre Antônio Vieira, e valoroso defensor de Itaparica, e a sepultura do Conde de Bagnuolo, Príncipe de Nápoles. Ao visitante também interessará por, sem dúvida, estar, por alguns momentos, na histórica sala que existe nesse convento, onde, a 30 de abril de 1625, perante D. Fradique de Tolêdo, assinaram os holandeses a sua capitulação. Foi aí que se reuniu, em 1828, a primeira Assembléia Legislativa da Bahia, sob a presidência do Visconde de Cairu.

IGREJA DA VITÓRIA

Essa igreja disputa, com a da Graça, a primazia de primeiro templo religioso erguido em terras do Brasil. Não queremos entrar nesse pormenor, deixando-o ao estudo dos pesquisadores da nossa história. Nesse templo foram batizadas duas filhas de Diogo Álvares Correia, o "Caramuru", conforme documentos existentes na Tôrre do Tombo, em Belém de Lisboa.

Também repousam em seu interior os restos mortais de Afonso Rodrigues, na lápide de cuja sepultura se lê o seguinte epitáfio: "Aqui jaz Affonso Rodrigues, natural de Óbidos, o primeiro homem que casou nesta igreja, no ano de 1534, com Madalena Álvares Correia, primeiro

(Cont. na pág. 49)

LUSTRES DE CRISTAL!

FRANCESES, DA BOÊMIA E NACIONAIS

Porcelanas, cristais franceses, ingleses e da Boêmia, para adôrno e para mesa. Serviços de jantar, chá e café de finíssimas porcelanas das melhores procedências

BAIXELAS, FAQUEIROS E PEÇAS AVULSAS
O MAIOR E MAIS FINO SORTIMENTO
DE OBJETOS DE ARTE PARA PRESENTES

PRINCESA DOS CRISTAIS

ASSEMBLÉIA, 90 — A 10 metros da Avenida

COFRES-FORTES "APOLO"

FABRICAÇÃO ESMERADA
DE
C. CABRAL & FILHO LTDA.

Av. Amaro Cavalcante n. 1827

Telefone: 29-6993 — (ENGENHO DE DENTRO)

Grande stok de todos os tipos e tamanhos.

VENDA A VISTA E A PRAZO

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo:
Rua Álvares Penteado, 180, sala 502
Telefone: 3-2649

TERREMOTO!!!
NO MERCADO DE PERFUMES!

Examinem os nossos novos preços:

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 grs. Cr$	Extratos 50 grs. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe Chine	12,00	22,00	30,00
Madeiras	12,00	22,00	30,00
Jasmim	10,00	22,00	30,00
Violeta	13,00	22,00	30,00
Rosa Natural	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs	15,00	25,00	35,00
F. Amour	15,00	25,00	35,00
Tab Blond	21,00	35,00	40,00
Narcisse N.	25,00	35.00	40,00
Mytzko	18,00	25,00	35,00
Tabu	25,00	35,00	40,00
Arp S.	20,00	35,00	40,00
Chan 5 S.	20,00	35,00	40,00
Nuit N.	25,00	35,00	40,00
Fior Maçã FB	50,00	70,00	70,00
Arabesque FB	60,00	80,00	80,00
Casino FB	60,00	80,00	80,00
Soupplesse FB	50,00	70,00	70,00
Biarritz FB	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo FB	50,00	70,00	70,00
Heno del Campo FB	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles FB	85.00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre FB	85,00	105,00	105,00
Champagne FB	60,00	80,00	80,00
Despesas de reembôlso	6,00	6,00	6,00

NOTA — Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados com as letras FB são legítimos franceses, em embalagem original.

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Avenida Marechal Floriano, 67 — Sobrado — RIO DE JANEIRO

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E CABELOS BRANCOS ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.° S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

CONSPIRAÇÃO

Estava disposto e resolvi procurá-lo; a caminho, porém, só encontrei Gertrudes e o moleque Nico; o resto desaparecera. Comecei a dar uma batida pelo quintal, e então o que me aguardava aniquilou-me. Um enorme buraco estava cavado, escondido no matagal. Era a minha cova. — Pensei.

Anoitecia, e como um sonâmbulo voltei à mansão; só restava defender-se daqueles criminosos. O calor da véspera enchera o céu de nuvens; Rex estava inquieto na sua casinhola.

★

Chegara a trágica sétima noite. Fechei a casa ainda relativamente cedo, e para completar, João agora aparecera e lá estava no seu pôsto; porém enganar-se-ia, porque eu saberia defender-me.

(Continua no próximo número)

A VELA QUE DESCOBRIA O DEFUNTO

mar: "Meu pai! Estou salvo!". O padre sorria também de contente. Não se perpetraria um êrro judiciário. O corpo fôra descoberto; agora falaria o exame pericial.

O morto estava com a cabeça fora dágua, imóvel, como se pregado às raizes. Com muita dificuldade, o retiraram da lama. As autoridades afastaram o povo. Só o intendente, o pseudo culpado, Mestre Albino, o padre, autoridades e o farmacêutico, tiveram licença de chegar junto ao cadáved, ainda prêso ao tronco que o vitimara. Tudo se explicou então. Um tronco de árvores fôra a causa daquela morte. Ao cair nágua, pulando da barreira, o rapaz tivera a infelicidade de meter os pés em traiçoeiro toro de pau que descia submerso, correnteza abaixo. A raiz formava uma armadilha, com o trançado de dois galhos. Na abertura, o jovem metera os pés, e, com o impulso, subira o tronco até ao meio das tibias, dando-lhe a impressão de um bicho que o estivesse devorando. Para livrar-se do perigo, êle mergulhou a gritar, mas foi arrastado pela correnteza e impedido de voltar à tona, pelo embaraçado do tronco assassino. Levado pelo rio, a corrente o arrojou naquela ribanceira; na vasante, sua cabeça emergiu, ereta, na rigidez dos cadáveres.

O mais minucioso exame foi feito. Seu corpo não acusava luta nem ferimentos. Só as pernas apresentavam, acima dos tornozelos, as marcas do tronco traiçoeiro, que viera com êle.

Depois de tudo explicado, foi Ermita julgado inocente. Mestre Albino resolveu mudar-se de Pôrto Calvo, não porque tivesse medo de ninguém, mas para não servir de testemunho às histórias de Zefa Rabuge. Não daria o braço a torcer.

Mas anos depois, quando seus discípulos lhe perguntavam se acreditava em manifestações sobrenaturais, o velho músico respondia com o pensamento muito longe:

— Meninos, eu não sei não... Mas há neste mundo coisas que a gente não pode compreender bem...

E lhe vinha à mente a bruxa de Pôrto Calvo, a enigmática Zefa Rabuge, a conversar com os mortos no cemitério, alta madrugada, às sextas-feiras, antes de o galo cantar...

Conversa de barbeiro

(Continuação da pág. 49)

como também porque sabe divagar e divertir os espíritos mais preocupados, com sua fala melíflua e convincente.

E' o conselheiro, é o agente melhor informado sôbre tôdas as novidades, o confidente sempre pronto a escutá-lo, a compreendê-lo, a dar-lhe razão. Recebe o freguês quase sempre de bom humor. Procura por todos os meios fazer mais agradável a rápida passagem do cliente em sua loja. Dá-lhe jornais e revistas para ler. Oferece-lhe uma cadeira para esperar. Liga o ventilador para refrescar o ambiente. Cobre-o com toalhas limpas. Alarga-lhe o colarinho e atenua o suor com talco refrigerante. Suave e delicadamente livra-o dos cabelos compridos e incômodos e da barba feia e irritante. Faz massagens no rosto. Passa álcool e colônia na pele, loção e brilhantina no cabelo. Nós homens saímos de dentro de uma barbearia em "estado de novo", após a reforma diária, semanal ou quinzenal.

Quando, sorridente, mostra o trabalho realizado, através do espêlho grande que reflete a imagem de outro, manual, que êle maneja por trás da cabeça do freguês, se êste reclama alguma coisa, responde:

— Meu amigo, deixe isso por minha conta. Eu sei qual é o corte que lhe assenta.

Se descobre que o cliente é "turfman", isto é, viciado no Jockey, dá-lhe uma "barbada" que obteve de fontes limpas, e arremata: — "Não pode falhar".

Após haver recebido a gorgeta, se esta fôr de acôrdo com as suas pretensões, ajuda-o a vestir o paletó, passa a escôva, e, vendo na rua uma bela mulher, faz côro com o freguês no gracejo ou assovio que a acompanham e ainda encontra tempo para descrever suas aventuras donjuanescas, em que "elas" são as voluntárias e infalíveis vítimas.

A maior parte dos clientes termina por habituar-se a um barbeiro e vice-versa. Então nem é preciso recomendar êste ou aquêle corte. O fígaro executa-o sempre de acôrdo com os desejos que já conhece.

Assim, os vinte minutos passados na barbearia servem para relaxar os nervos tensos pela vida agitada, para descansar do trabalho rotineiro da repartição, para esquecer as mil preocupações que nos perseguem. E, mentalmente, só podemos ficar agradecidos à bendita eloquência dêsse humilde servidor da sociedade, que é o barbeiro.

Poeira e diluvio

as águas escoem, formando verdadeiros açudes naturais. Mas... lá se vem uma chuva torrencial que alaga tudo: Os rios estão obstruidos. Fácil seria dragar os leitos para que as águas passassem? Não! E sim! Mas as barreiras naturais ajudam no verão, a época de maiores dificuldades. E para completar o martírio do colono, é comum que as enchentes venham geralmente nas épocas de estiagem, justamente quando o caboclo mais precisa das águas represadas. Portanto, o nosso homem vive das possibilidade, da bondade ou maldade da Natureza ,até que seja realizada uma obra de vulto, gigantesca: Comportas colossais; açudes com capacidade do "Orós". Centenas, milhares de "Orós", mas que não sejam exatamente como o "Orós" do momento: inconcluso.

E enquanto não se fizer tal coisa, a Maria Firmina, que poderia ser uma Barbara de Alencar, e o Pedro Raimundo, que também poderia ser um Alencar Araripe, continuarão sendo Pedro Raimundo e Maria Firmina, simplesmente porque uma nuvem negra embaça a vista dos governantes do Brasil...

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL - HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua do Carioca, 52 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00





O verdadeiro espetáculo de beleza está nos olhos das mulheres que usam Cilion. Cilion alonga, escurece e recurva os cílios e impede a formação de caspas e terçóis.



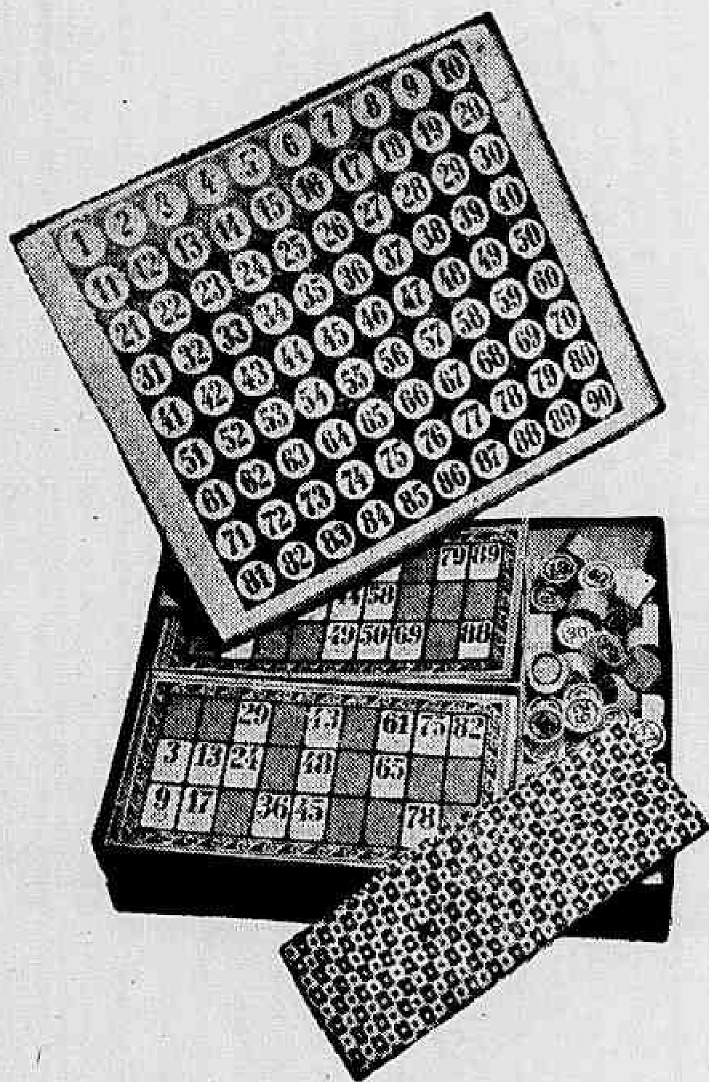
Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.

CILION

embeleza e protege os olhos



OPORTUNIDADE RARA!
UMA CAIXA COMPLETA
CR$ 80,00, APENAS!...



VISPO-BINGO!...
VALE MUITO MAIS
O novo divertimento popular, para casas de famílias, clubes, etc.
Grande sucesso em tôda parte!
A caixa contém:
72 cartões
1 quadro de marcação
90 pedras gravadas a fogo nos dois lados
1 sacola de tecido forte.
PREÇO DA CAIXA COMPLETA
Cr$ 80,00



PAGAMENTO POR CHEQUE, VALE OU REEMBÔLSO



MANDE SUAS ENCOMENDAS POR CARTA AÉREA OU TELEGRAMA À
P. S. GUIMARÃES
AV. RIO BRANCO, 277
SALA 1205 ★ RIO DE JANEIRO
ENVIAMOS O VISPO-BINGO IMEDIATAMENTE

CASPA! CABELOS BRANCOS!
use LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL.
ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.
LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

OUTRA TENTATIVA DO CINEMA NACIONAL

(Cont. da pág. 20)

cinema, Lúcio Cardoso escreveu e está dirigindo "A Mulher de Longe", para o que necessitava de um tipo feminino de rara beleza, indo buscar a heroina no teatro de revista. Segundo consta, essa artista terá que interpretar um papel dos mais dificeis, com requintes dramáticos. Chama-se ela Iracema Vitória, e, apesar de sua falta de experiência no cinema, está dando conta do recado a contento do diretor e autor.

O resto do elenco conta com Orlando Guy, o galã do malogrado "Jangada", de Roulien, e mais: Rosita Gay, Cora Ferreira, Maria Barreto Leite e outros.

O diretor de fotografia é um dos melhores do pais, Ruy Santos, que acaba de filmar "Estrêla da Manhã", filme que, segundo afirmam, apresenta a melhor fotografia até agora alcançada na indústria cinematográfica do pais.

O cenário de "A Mulher de Longe" é algo de novo em nossos argumentos, pois se passa à beira-mar, com os tipos caracteristicos do meio, escolhendo-se para "background", praias de Niterói.

Que sairá dessa nova tentativa do cinema brasileiro? Esfôrços sobre-humanos não faltam; tenacidade, heroismo, dedicação de técnicos, diretores, artistas, também nos sobram; mas, até agora, o nosso cinema de enrêdo marca passo no mesmo terreno e não há jeito de subir mais alguns degraus de sua escada de Jacó...

Somos dos que acreditam na vitória do cinema brasileiro, não somente porque o povo o prestigia, como porque é grande a reserva de lutadores da estirpe de Moacir Fenelon, Afonso Campiglia, Raul Roulien, Luis de Barros, a cujo número se vem juntar o escritor Lúcio Cardoso, com todo o seu entusiasmo de moço que não se deixará abater pelos percalços de tão grandes problemas e tudo fará no sentido de nos dar bom cinema.

E, embora dirigindo a "Mulher de Longe", deseja vencer e, por isso, quer ver isto de perto...

Opulência da Casa Real Portuguêsa

(Cont. da pág. 37)

E assim, na França, na Bélgica, na Rússia com os suntuosos côches do tsar Alexandre Michailowitsch, de 1658, os de Pedro, o Grande, os das imperatrizes Ana, Isabel, Catarina I e Catarina II, os do Grão-Duque André e ainda as numerosas carruagens de Alexandre I, existentes nos arsenais de Petrogrado e de Moscou, tôdas as demais nações que têm um passado histórico notável, exibem aos contemporâneos essas coleções que fizeram época nos séculos que se foram.

Mas, apesar da riqueza, dos deslumbramentos das decorações que outros Museus apresentam, em nenhum deles é Portugal sobrepujado em quantidade a série de carros do século XVIII pertencentes à antiga Côrte Portuguêsa.

Os carros triunfais, os côches, as berlindas, os carros nobres, os carrinhos de passeios, as seges, as carruagens do Estado Português constituem, na sua homogeneidade, a mais notável, a mais completa coleção de viaturas de gala que existe atualmente no mundo.

O DRAMA DO FREDERICO

(Cont. da pág. 22)

cujos filhos não se falavam, não se banhavam na mesma praia, mas diziam, entre si, "amabilidade de tôda espécie" às vésperas de eleições. A encantadora viúvinha Inês (Xi!, não sabem?). Deu outro escândalo! E chovia o "disse-que-disse". A do desembargador Trindade, cuja filha, a santinha da Margot, não se sabe por que arte de Cupido, fizera correr, nos cartórios e na mesma semana, proclamas de casamento, cada qual com um noivo diferente. Acabou casando-se com um terceiro, diziam as comadres. Viamos, também, o poeta Cláudio Romonovitch que de "russo" só possuia o nome e o terno, já bem surradinho.

O vigário da paróquia, Monsenhor Antônio de Aguiar, por ali andava a gozar de merecidas férias praieiras. Ah! o vigário! Imagine, Luiz, contava-me D. Candinha, eu o vejo com êstes olhos que a terra há de comer, acordar de madrugada, dizer a missa, depois, zás, mergulhar o corpo nágua salgada com um "maillot" cheio de babados, á semelhança de (Nossa Senhora que me perdôe) palhaço de circo! — Tomara que êle seja excomungado pelo bispo, diziam-me as beatas, persignando-se! — Finalmente, lá estava o viúvo, dr. Max Schneider, cirurgião de renome, cujo filho adotivo, Eduardo, é meu colega e inseparável companheiro de boêmia. Éramos ambos amigos comuns do velho Frederico de quem eu lhes pretendo falar. Nele, como traço singularissimo de sua personalidade, destacava-se-lhe a fisionomia patriarcal, cabeça, barba e sobrancelhas completamente brancas. As barbas faziam realçar, no semblante sereno, a côr rosada das faces, essa côr peculiar à do europeu recém-chegado ao Brasil. Notávamos-lhe a fisionomia radiante, como a de criança, quando assentiamos em fazer-lhe companhia para a partida de seu jôgo predileto.

Revezávamo-nos, como parceiros, Eduardo e eu. Naquela tarde, porém, preferia estar distante daquele caramanchão florido de trepadeiras. Já com "maillot" e chapelão de "tiririca" para me proteger ao sol, com meus apetrechos de pesca, dirigia-me às pedras à cata de bagres e de sardinhas, pretendendo lograr o velho na companhia, quando o vi acenar-me: — Vamos, Luiz, iniciar a partida. — aproximei-me e começamos o jôgo; em meio dêsse a "vitrola" vizinha chorava uma ária de pera: a "Traviata". "Seu" Frederico, êmulo de Tolstoi pelo fisico, pelas barbas completamente brancas, pelo porte curvado, possuia o espirito filosófico como o de um "Sócrates". Era culto e brilhante. De tudo entendendo, discorria, com versatilidade, sôbre arte, literatura, religião, abordando, com interêsse e inteligência invulgar, os mais intrincados problemas universais, politicos e sociais. Quando lhe perguntávamos de onde lhe provinha tal fonte de saber, respondia-nos, à maneira do filósofo: — "Só sei uma coisa e é que nada sei". — Dizia-o por sincera modéstia. Realmente, era um sábio. Um dia, quando soube que eu andava de mal com a vida, sem um tostão no bôlso, nervoso, soltando, numa revolta surda, blasfêmias por todos os poros, à Deusa que me negara o pão, senti suas mãos pousarem-se, brandamente, em meu ombro. — Tem paciência, meu filho. Já ouviu Beethoven? Sabia que fôra um gênio infeliz? Tão surdo que nem sequer ouvia suas magistrais composições? No entanto, sempre dizia: "A vida é bela, tão bela que vale a pena ser mil vêzes vivida". — Sentia-me envergonhado pela baixesa de meus sentimentos, agradecia-lhe a lição de fé que enriquecera de otimismo meu espirito descrente e, animado, recomeçava a luta. Jamais poderei olvidar a história narrada por "seu" Frederico naquela tarde amena, em que ambos nos entretinhamos com as pedras do tabuleiro. Êle as moveu, uma por uma, no recôndito do pensamento, extravazando a mágoa que lhe perdurava no coração, vencendo-a, airosamente, nessa partida contra o parceiro tempo. Tirou o "bonnet" de seda azul-marinho, com o qual costumava abrigar sua cabeça veneranda; depois, movendo-a lentamente, me disse: "Esta música, meu filho, êsse trecho de ária, transporta-me aos tempos de minha mocidade". — Gostaria, meu amigo, de acompanhá-lo nas recordações dessa época como a um passeio encantador, disse-lhe. — Vamos, caminharemos de braços dados, por essa alameda cheia de abrolhos.

— Mas, se desejar retroceder, meu jovem amigo?

— Irei até o fim da jornada, creia-me.

— Sim, Luiz, bem sei que é um jovem de excepcional valor. Diga-me, porém, meu filho, qual o seu melhor amigo? — O Eduardo, meu colega e companheiro leal, a quem admiro pélo nobre caráter e espirito prático com que analisa os problemas humanitários, politicos e sociais, e pelo interêsse que os mesmos lhe despertam.

— Obrigado, meu filho, desejava ouvi-lo. Sinto-me feliz, pelo que acaba de me dizer. Nós, os velhos, também temos nossos momentos de felicidade. Disse-me, profundamente emocionado.

— Estima-o, tanto? — perguntei-lhe.

— E muitas são as razões para que assim considere nosso caro Eduardo. Ouça-me, meu filho:

(Cont. na pág. 50)



TRANSPIROL

Nº 27

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM







SCARLET DESCOBRE O ESCRITORIO DE MALIGNANT... NO PORÃO, HUNKY JÁ CUMPRIU AS SUAS ORDENS.

















VIVER COM AMOR

MARGARET GORMAN NICHOLS

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no circulo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, a sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença, ali, de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquele meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhes desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive procurando influênciar no espirito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

FIM DO CAPITULO XX

Carol não pôde perceber se essa atitude que demonstrara para com Scott o tornara desapontado ou condescendente e conformado com a sorte, em face da destruição de seus planos e pensamentos em relação a ela.

De qualquer forma parecia que o rapaz estava conformado, uma vez que, naturalmente, naquele momento não estava êle decidido a casar-se com quem quer que fôsse, nem disso tinha urgente necessidade.

Hilda, sua irmã mais velha, era a dona da casa e cuidava dele com o maior carinho e até com sacrifícios que uma espôsa talvez não se sujeitasse.

Diante de seu mutismo, Carol achou mais humano falar-lhe para sondar o seu estado de espírito em face da negativa:

— Espero, Scott — começou ela — espero que você não se sinta magoado com o que lhe disse a respeito de suas pretensões. Não tive intenção de ser rude nem descortês.

No íntimo ela bem que desejava falar-lhe claramente; mas o pretendente à sua mão se mantivera numa atitude quase humilde, comovendo-lhe o coração. Carol se conservou na defensiva, esperando qualquer reação do rapaz.

— Bem, Carol... — murmurou êle — se você não gosta de mim o bastante para ser minha espôsa, para amar-me como eu a amo, está com tôda a razão para recusar minha proposta de casamento. Eu estava pensando que você também sentisse por mim o mesmo sentimento que eu sinto por você. Mas... vejo que me enganei. Esta noite eu estou muito confuso. E preciso deixá-la em paz. Você, com certeza, tem muito coisa que fazer ainda.

Ergueu-se e foi até à porta do apartamento que dava para o elevador. Carol o conduziu lá e, pegando-lhe nas mãos exclamou:

— Adeus, Scott.

— Adeus, Carol. Continuo a achá-la encantadora e faço votos que seja muito feliz. Ainda estaremos juntos, na sua volta. Escreva-me uma linha.

Ela fêz um gesto de assentimento com a cabeça.

Ficando a sós, Carol começou a meditar em sua vida. Tudo até agora não passava de palavras, sòmente palavras. Será que a todos os que lhe pedem a mão sucede o que vem sucedendo sempre? Vêm e se vão, como agora acontece a Scott...

Carol era um tanto pessimista com essa história de amor após a perda de Bill. E ela chegou a pensar com seus botões: "Com certeza Scott deverá estar-se congratulando consigo mesmo com a resposta que lhe dei e se julgando um homem feliz por não ter firmado qualquer compromisso de casamento. O que êle quer é passar tempo...

Movimentando o seu carro em direção de sua casa, Scott ia relembrando essa entrevista com Carol e, na verdade, não se mostrava muito contrariado nem triste.

Sabia que, em sua morada, uma alma boa e compreensiva o esperava. Era Hilda, sua irmã mais velha.

Ao chegar, veio ela abrir-lhe a porta. Como sempre sucedia, não conseguia dormir enquanto o irmão não chegava da rua. Êle entrou a assobiar uma canção popular e Hilda pensou: "Deve estar muito feliz, para assobiar assim... Parece tão alegre..."

CAPITULO XXI

REUNIÃO NA FLÓRIDA

Carol, embora procurasse divertir-se com tudo o que lhe podia proporcionar uma temporada na Flórida, não se sentia feliz. A lembrança de sua situação de divorciada que não pode conformar-se com a perda de tudo o que de mais belo e agradável possuia — seu espôso, sua casa, uma vida feliz — todos êstes pensamentos a torturavam muito.

E era interessante que ela não esquecia Scott. Sabia que êle, talvez, só desejasse casar-se com ela com o sentido na melhora que viesse a gozar sob o ponto de vista econômico.

No trajeto para a Flórida, Carol procurou divertir-se, jogando bridge com o capitão. Depois, passou um dia em Savannah e outro em Jacksonville.

Na manhã seguinte levantou-se cedo para apreciar a atracação do navio. Estaria seu pai a esperá-la nas docas? Êle lhe havia escrito, dizendo que iria ao cais esperá-la.

O dia estava quente. Carol vestiu-se com aprumo, trajando belíssimo vestido branco e, arrumando todos os seus volumes, deixou o camarote e foi para o "deck". Estava muito linda e o dia esplêndido de sol.

Ansiosa por ver o pai, Carol andou de um lado para outro a procura do velho. Descendo ao último "deck", ela viu pessoas que se despediam. Entre todos aquêles companheiros de viagem, avistou Carol um que não lhe era estranho. Estava de pé a um lado, sòzinho, a sorrir calmamente, sem fazer ruido, quando ela o viu e não pôde suprimir uma exclamação de surprêsa:

— Clive! Onde terá êle embarcado no navio? Que estará fazendo aqui?...

Aproximando-se do seu velho amigo e pretendente à sua mão, Clive lhe disse a sorrir:

— Vamos para fora, e eu lhe explicarei tudo isto...

Carol estava estupefata. Clive não podia adivinhar que ela viesse naquele barco particular, um iate de uso privado.

— Não se assuste com a minha misteriosa aparição, Carol. E' que eu telefonei para seu apartamento, de Nova York, e de lá sua empregada me informou que você havia viajado num iate particular para Miami e deveria chegar em determinado dia. — Clive se deteve um instante e a olhou com todo o fulgor de seus olhos azuis, de um homem apaixonado. E prosseguiu: — Assim... eu também pensei que nada melhor do que passar o Natal em Miami... na sua companhia. E só me demorarei enquanto você estiver por aqui. Logo que você se fôr, eu também darei o fora...

Carol o fitou. Aquêle guapo rapaz lhe pareceu menos pretensioso e arrogante como parecia anteriormente.

— Diga-me, Carol... diga-me que você não se contraria com êsse meu gesto...

— Oh! Estou muito contente, Clive. Mas, francamente, eu julguei que você estivesse na América do Sul.

— E isso significa que você pensou em mim! Eu muito pensei em você. Posso asseverar-lhe que não pude afastá-la de meu espírito. Nem... e agora, para onde vamos?

Nesse instante o pai de Carol chegava ao cais. Trajava uma roupa de linho branco e não parecia ser tão idoso. Apenas o seu andar já não era o de um jovem. Mas estava de boa aparência. Era esguio e tinha os cabelos grisalhos.

Ao avistar a filha apressou os passos. Os dois se abraçaram e êle lhe deu um beijo com o mais acentuado afeto paternal. Ambos se mostravam cheios de alegria com aquêle encontro.

— Como você está linda, minha filha! — exclamou êle olhando-a face a face.

Carol apresentou os dois.

— Eu não sabia que Carol viesse encontrar-se com Mr. Brandt. O senhor tem carro? Caso não tenha ofereço o meu.

— Não, não tenho carro aqui.

— Sua bagagem está separada, Carol? — perguntou Clive. — Dê-me a chave do camarote e eu providenciarei tudo.

Quando Clive foi providenciar os volumes e embrulhos, ela perguntou ao pai:

— Como está o tio Jeff?

— Êle está ótimamente. Também pretendia vir encontrá-la aqui; mas estava esperando justamente uma nova empregada e não pôde vir.

— Muito agradeço a intenção.

Referindo-se a Clive, ela comentou:

— Não sei o motivo por que Clive veio esperar-me aqui. Isso me causou enorme surprêsa. Bem... vamos para o hotel e almocemos juntos. Você vai ficar comigo o dia todo, não é, papai? De noite vamos jantar com tio Jeff, não? Chamemo-lo para o hotel.

— Bem... Se isso não vem interferir em seus planos... Você sabe... não queremos nem desejamos...

Carol percebeu as reticências do velho. Olhou-o e sorriu. Ela não tinha planos. Estava ali para gozar umas férias.

Tomaram o carro de Clive e êste os levou ao hotel.

Ao se despedirem, Clive lhe disse:

— Amanhã, pela manhã, telefonarei, sim?

Carol passou todo aquêle dia em companhia de seu pai. Não conversava muito porque o velho só respondia a perguntas diretas e, mesmo assim, era tudo em monossílabos breves e vagos. Só um assunto o interessava bastante. Era o da situação mundial. Lia todos os jornais e procurava acompanhar as notícias pelo rádio sem perder uma só.

Se bem que êle nada perguntasse à filha sôbre sua vida, ela lhe descreveu seu emprêgo no hospital, seu apartamento em Clinton, seus amigos. Como o velho desejava que ela falasse a respeito de Bill, pessoa a quem êle dedicava muita amizade, a filha apenas disse que já havia meses que não o via.

Como o pai se mostrasse surpreendido, ela explicou:

— Não há dúvida que é estranho não nos vejamos quando ambos moramos numa mesma cidade e pequena; mas é que eu estou sempre ocupada com o meu emprêgo. Não é que eu tenha problemas de dinheiro; mas gosto de estar empregando meu tempo nalguma coisa útil.

Quando tio Jeff chegou para o jantar, a palestra se avivou mais entre êles. O tio era muito mais conversador e mais vivo do que o pai de Carol. Jeff era curioso, perguntador, coisa bastante interessante para uma mulher como a sobrinha. Jeff a cobriu com perguntas sôbre Clinton, as flores, os usos e costumes de lá e procurou conhecer tudo o que se passava com ela, como era sua casa ou apartamento, o diabo.

Antes de descerem do restaurante, ficaram na varanda do hotel a ver o mar.

Quando êles se foram, após o jantar, Carol foi até à praia e o seu pensamento se inclinou para Clive. Que estaria reservado para ela depois dêsse novo encontro? Aquêle homem parecia estranho. Não sabia como compreender sua persistência. Ela também não sabia compreender-se a si mesma. Não havia dúvida, Carol se mantinha fiel a Bill e não desejava amar a mais ninguém senão a êle. Amor platônico, absurdo... mas, que fazer? Sentia que essa sua obstinação lhe trazia sérias contrariedades, e ela chegava até a odiar-se intimamente.

Depois de torturar-se com êsses pensamentos, Carol voltou ao hotel. Mas, ao chegar à varanda do edifício, lá estava Clive, de pé, sorridente...

— Eu também estou hospedado aqui, Carol. Espero que minha ausência durante todo o dia lhe tenha sido agradável. Podemos ficar para fumar um cigarro ou prefere descermos para um "drink"?

— Fiquemos aqui mesmo.

— Você sempre está com a razão, querida.

CAPITULO XXII

UM NOVO AMOR

Ambos se sentaram. Um diante do outro.

Clive começou a conversar acêrca de suas intenções, bordando poesia em tôrno de Carol.

— Diga-me, Clive, que fêz você durante êstes últimos meses?

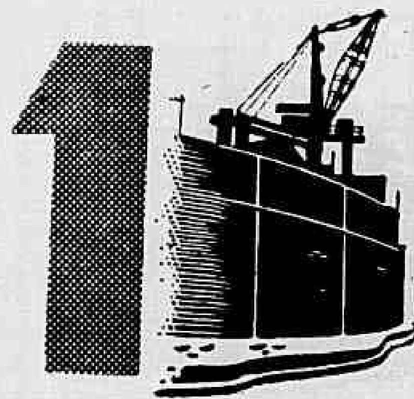
— Procurando outro emprêgo. Mas... falemos a seu respeito. Não o que você fêz, mas o que está pensando fazer. E vejo que você já não parece aquela Carol macambúsia de tempo atrás. Parece outra, mais viva, mais bela, mais atraente. Fiquei encantado quando a vi pela manhã hoje, no cais. Vamos, fale! Diga alguma coisa! — concluiu êle a rir.

— Não posso dizer nada. Estou apenas ouvindo — respondeu ela a sorrir.

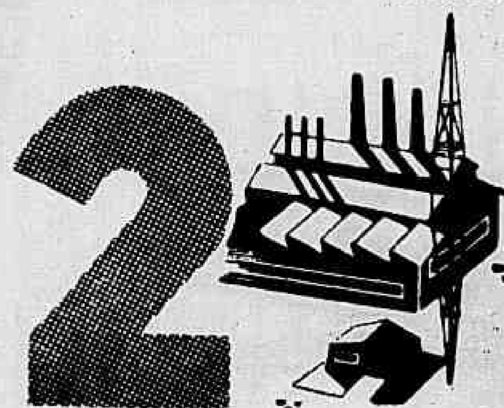
— Não pode dizer nada, com efeito. E eu não conversei nada também. Tenho estado em meios em que não posso conversar muito, nem tenho com quem. De maneira que vou tirar o atraso agora.

(Continua)

POR QUE *é preciso economizar eletricidade?*



1 A prolongada estiagem — a maior destes últimos anos — não tem permitido que as águas no reservatório de Lajes, se mantenham no nível necessário. Em 1948, o nível máximo registrado na represa foi de 421,76 metros acima do nível do mar. A 1.º de outubro de 1948 desceu para 415,88 metros e a observação feita em igual data no corrente ano, indicou 406,85 metros. Isto significa que o nível nesta última data estava 14,91 metros abaixo do nível ou 9,03 metros abaixo do verificado na mesma data, no ano passado. Para que a represa volte ao nível máximo são necessários, pelo menos, 9 meses de chuvas regulares e sem que seja retirada água para funcionamento da usina de Fontes.



2 O consumo de eletricidade no Distrito Federal aumenta continuamente em virtude do crescimento da sua população, do desenvolvimento das suas indústrias e da utilização em maior escala de aparelhos elétricos para uso doméstico. Esse aumento que se vem registrando numa progressão constante, atingiu a 14,8% em 1948, em comparação com o ano anterior, e se assim continuar tornar-se-á inevitável uma crise mais premente no fornecimento de energia elétrica em um futuro próximo.

Colabore V. também nesta campanha, economizando eletricidade para melhor combater o SACÍ — o demônio do desperdício!

A fim de atender às necessidades sempre crescentes do consumo, a LIGHT vem acelerando a marcha do seu gigantesco plano de obras, que muito elevará a capacidade de produção das suas usinas geradoras de energia elétrica. Essas obras consistem no maior armazenamento de águas, com desvios dos rios Piraí e Paraíba; na construção de usinas de recalque e na montagem de novos geradores, tanto na usina de Fontes como na de Ilha dos Pombos. Mas enquanto essas obras não terminarem e a precipitação de chuvas não fôr suficiente para repôr as águas da represa em seu nível, torna-se indispensável a cooperação de todos no sentido de economizar eletricidade, quando possível: *no lar, no escritório, na fábrica e nas oficinas.*



Sempre que sair de casa à noite, verifique antes se todas as lâmpadas estão apagadas.



Use apenas a luz necessária para a proteção da sua vista durante a leitura.



Fiscalize o uso do ferro elétrico para que o mesmo não fique ligado à toa.



Não esqueça a porta do refrigerador aberta para evitar que o motor trabalhe demais.

Com essas e muitas outras providências que o seu bom senso lhe indicar, onde quer que se encontre, V. estará cooperando eficazmente para eliminar qualquer gasto inútil de eletricidade, o que, além da economia que repres nta nas suas contas de uz no fim do mês, constituirá um precioso serviço prestado à coletividade, na atual emergência.

LIGHT

CIA. DE CARRIS, LUZ E FÔRÇA DO RIO DE JANEIRO LTDA.

Standard

PEDRAS NO NOIVO

SUCEDEU EM TAMPICO, zona petrolífera do México. O operário Juan Cresco Soto, trabalhador numa das instalações industriais daquela região do óleo, apaixonou-se por uma guapa e linda senhorita. Depois do período do namôro, pediu-a em casamento.

Os pais da jovem nenhuma objeção antepuseram às suas justas pretensões de formar um lar com a menina, e o noivado chegou ao seu têrmo, com o casamento.

Juan e ela estavam na igreja de Tampico, cercados de convidados e amigos, dos pais de ambos, e todos admiravam o belo par, antevendo uma vida feliz, modêlo de virtudes, exemplo para quantos estivessem para unir-se pelos laços do matrimônio.

O padre chegou. Ajoelhados aos pés do altar, receberam as bençãos do sacramento e os parabens de todos os presentes, e, quando iam receber também a saudação com chuva de arroz, um fato deplorável vem empanar o brilho do ato solene. Acercam-se do noivo, em algazarra, cinco garotos gritando: "Papai! Papai! Papai!"

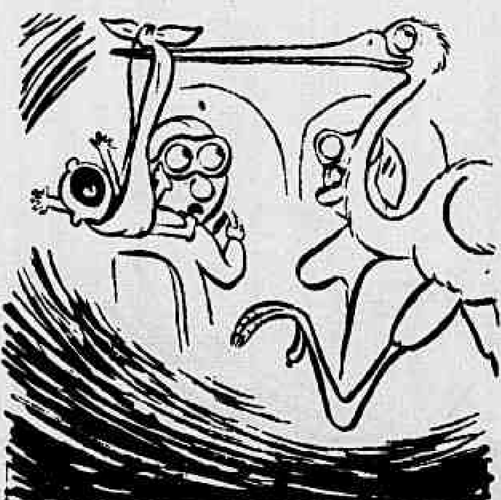
E o abraçavam, alegres, pronunciando aquela palavra trágica diante dos convidados e dos parentes atônitos com o inesperado da cena.

Não sabendo explicar o ocorrido, a noiva desmaiou. Os convidados que já estavam com as mãos cheias de arroz, largaram as felicitações para um lado e substituiram os grãozinhos por pedras, arremessando-as sôbre o noivo, como quem procura lapidar um criminoso.

O rapaz fugiu em desabalada carreira, enquanto o povo comentava a cena tragi-cômica. Não há dúvida. A moça fêz mal em escolher um Don Juan para casar...



O MENINO QUE NASCEU NO CÉU



UM "Constellation" da American Overseas Airlines partiu de Nova York com 38 passageiros, a 16 dêste mês e chegou a Shannon no dia seguinte com um viajante a mais. E' que, durante a travessa, a Sra. Darink Parker, de Nova York, esposa de um soldado norte-americano a serviço em Wiesbaden, na Alemanha, deu à luz uma criança do sexo masculino, pesando 4 libras.

Como se vê, a tal cegonha bateu o grande avião em sua carreira da América à Europa, e se meteu dentro do aparelho apesar de tôdas as precauções da tripulação contra contrabandos. Acredita-se que êste tenha sido o primeiro nascimento ocorrido num vôo transatlântico. Logo que a mamãe Parker chegou ao seu destino, foi internada com o filhinho no hospital do aeroporto e ambos estão passando muito bem.

E curioso acrescentar que o parto foi feito pelo passageiro Fred Henschel, auxiliado pela aero-moça Mary Hinckley, os quais se prestaram com muita coragem e disposição a auxiliar a parturiente em ocasião de tamanha gravidade.

A criança nasceu prematuramente, com sete meses e meio, daí o seu pequeno pêso. Após a delivrance a Srta. Hinckley comunicou o fato aos passageiros que, imediatamente abriram uma subscrição, coletando vinte e seis dólares para o garoto que nascia no céu. O parto foi normal e sem complicações, embora em lugar tão impróprio e por ser o primeiro da jovem mãe. Êste menino começa sua vida por onde muitos estão terminando. E, se êle vier a ser influenciado pelo "meio" em que nasceu, muito cedo estará disputando corridas interplanetárias, disputando o circuito nos anéis de Saturno.

CADÊ GUAVIENTO?



ONDE está Guaviento? Procurem Guaviento! E, de todos os cantos repetiam: "Guaviento! Guaviento!" Afinal de contas, quem é êsse Guaviento? E' o amável e distinto construtor Arlindo Guaviento, residente em Belo Horizonte, e com o qual sucedeu uma coisa interessante.

Num dos últimos dias, o construtor deixou sua casa dizendo à esposa: "Vou pagar os operários e já volto".

Era um dia treze. A mulher não lhe fêz nenhuma recomendação. Mas, passaram-se as horas, chegou a noite, uma hora da madrugada, amanheceu o dia e nada de Guaviento dar notícias.

Sua senhora, preocupado, não continha as lágrimas olhando os filhos menores e já fazendo mil suposições a respeito do desaparecimento do esposo.

Foi à polícia e narrou o que estava sucedendo. As autoridades da capital mineira, depois de tomadas tôdas as informações sôbre o tipo do desaparecido, saíram a campo. Detetives para diversos lugares começaram a investigar.

Os dias se foram passando, inutilmente, e nada de saber-se do paradeiro, do destino, do chefe de família.

Esgotou-se o mês e entrou-se noutro e nada de Guaviento. A família, aflitíssima, subiu às redações dos jornais. Era preciso descobrir o mistério. Não seria mais um crime tenebroso? Estaria sequestrado? E que faziam os seus raptores que não mandavam emissário com a conta do resgate? Estaria morto? Latrocínio? Crime? Vingança? Mistério...

Durante 50 dias e 50 noites a polícia, amigos e a família do desaparecido lutaram para descobrir o mistério. Mas, eis que aparece Guaviento e diz: "Para que tanto barulho? Fui ali a São Paulo e nunca pensei que eu fôsse tão importante!"

PRAGA DE PULGAS



REGISTRAM os jornais que verdadeira onda de pulgas invade a cidade em tôdas as direções, em todos os bairros, de norte a sul no centro, nos subúrbios, nos bairros elegantes.

Os habitantes do Rio estão aflitos e sofrem as consequências da invasão dos terríveis e incômodos insetos.

E' tal o vulto das reclamações recebidas pelas autoridades sanitárias que o Professor Samuel Libânio, Secretário Geral de Saúde e Assistência determinou aos "Comandos Sanitários" um "blitzkieg" contra as pulgas, por meio de dedetização dos cinemas, teatros e casas de diversão em geral.

Executando as ordens, os "Comandos" já andaram a atacar as pulgas em certos cinemas, esperando-se que as providências consigam atenuar a calamidade.

Mas, é evidente, não basta que sejam atacadas as pulgas em seus "habitats" preferidos, isto é, as casas de espetáculos. Todos sabemos o elevadíssimo grau de proliferação dêsses dípteros. Basta um casalzinho perdido aí pelas frestas de qualquer pavimento, para organizar uma colônia de saltadores de cós capaz de meter em desespêro uma população inteira.

Desta forma, é inócua a providência da dedetização de salas de espetáculos, uma vez que não basta atacar o efeito, sem destruir a causa.

O que deviam fazer as autoridades era proibir a criação de gatos e cães, ao mesmo tempo em que deviam atacar a profilaxia de ratos, os mais perigosos e eficientes propagadores de pulgas.

Cães, somente os de luxo, os aristocratas, com banhos diários e tratamento especializado. Os vira-latas, os cães sem dono, ou com donos sem eira nem beira, acabar com êles. E assim era impossível invasão de pulgas.

GENTILEZA DE CRIMINOSO



NAO sabemos se o leitor conhece a Penitenciária de Neves, município vizinho ao da capital mineira. Êsse estabelecimento penal é um dos mais modernos do país. Na organização científica e humana dessa Penitenciária, os detentos encontram ambiente para regenerar-se, não somente pelo trabalho industrial e agrícola, como pelo tratamento cordial e amigo de funcionários e administradores.

Mas, como não podia deixar de suceder, apesar de tôdas as regalias que desfrutam certos detentos, também lá em Neves êsses privilegiados mantêm no espírito o desejo incoercível de liberdade completa.

Não há um presidiário, por maiores favores que receba de seus superiores, que não esconda no mais profundo do seu espírito a vontade de dar o fora na primeira oportunidade. Se muitos não agem assim é porque a covardia é sempre maior do que suas ânsias de libertação.

Foi por êsse motivo que o sentenciado Sebastião Ferreira acaba de dar dor de cabeça à polícia de Minas Gerais.

Segundo divulgam os jornais do Rio, o fato se passou assim:

Burlando a vigilância dos guardas da Penitenciária de Neves, o sentenciado Sebastião Ferreira, que, por suas habilidades e bom comportamento, ali exercia as funções de chefe da Seção de Carpintaria, fugiu de maneira inesperada.

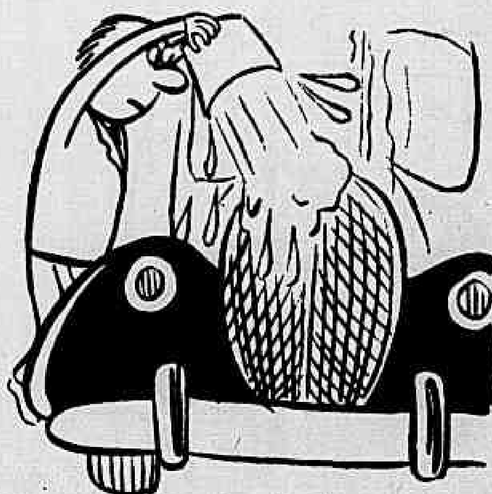
Dado o alarma, mobilizou-se a polícia do Presídio, mas, do "Ferreirinha", como era conhecido, nem sombras...

Depois de transcorridas quarenta e oito horas da fuga, um dos guardas da Penitenciária, de nome Geraldo Marinho, recebeu o seguinte telegrama "urgente": "Estou em Ponte Nova. Sigo Ubá. Não se preocupe". Assinado: Sebastião Ferreira".

Um gentleman...

Aconteceu

LEITE CONTRA INCENDIO



O caso se passou em Buenos Aires, conforme narra um dos últimos números da "Revista de Seguros" daquela capital. Ao viajar pelos arredores da cidade, um micro-onibus que serve a uma das linhas dos subúrbios, se viu prêsa das chamas. Não dispondo de extintores, nem havendo água nas proximidades, nem tampouco sendo possivel chamar os bombeiros em face da urgência do caso, o chofer e passageiros lançaram mão de um elemento que até agora não havia sido lembrado para apagar fogo: o leite.

E' que, naquele momento passava pelo local do sinistro uma dessas conhecidas carrocinhas de leite, e os que precisavam de dar combate às chamas se serviram do carregamento de todo aquêle leite de vaca que ia ser despachado na estação ferroviária próxima.

Despejaram alguns baldes de leite nos focos de incêndio conseguindo apagá-lo em minutos prosseguindo a camionete o seu destino e compensado o leiteiro providencial.

Não sabemos se o leite que nos vendem aqui no Rio daria o mesmo resultado; mas, com certeza, faria até mais rápido serviço de apagar o fogo.

Não queremos dizer que o leite de nossas vacas seja mais anti-ignição; mas, como todos sabemos, êsse produto possui sensível percentagem de água, elemento que até agora é considerado o melhor veículo para apagar incêndio. Ficam os leitores sabendo que o leite em Buenos Aires pode não ter o mesmo elevado teor de H2O de que é "beneficiado" o nosso aqui na Capital Federal; mas que, indiscutivelmente, tambem se apresenta com muito parentesco com água, isso é incontestável.

AS MULHERES ENGANAM



OS habitantes da cidade de Nova Orleans que patrocinaram o Concurso de Beleza para eleição de "Miss Nova Orleans", estão agora decepcionados e perplexos. O motivo de suas preocupações é a acusação feita por uma das concorrentes derrotadas no pleito Miss Belle Wayne, a qual afirmou que mais da metade das concorrentes, inclusive a vencedora, aumentaram seus dotes físicos com almofadas no busto. Além disso, acrescentou Miss Wayne, três das concorrentes eram casadas e outras duas, inclusive também a vencedora, eram mães!

Continuando sua denúncia que causou escândalo na cidade, declarou Miss Wayne que, mais de cinquenta por cento das concorrentes vieram para as provas com almofadas na bolsa. Em seguida foram para lugares escuros ou salas fechadas, a fim de vestir o "maillot" e, quando saíram, era visível que seu físico se havia desenvolvido como por encanto, em apenas dois ou três minutos.

Algumas das concorrentes admitiram que eram casadas e tinham filhos, porém nenhuma confirmou que houvesse usado almofadas para reforçar o busto.

A vencedora chegou mesmo a declarar que havia mostrado a algumas das concorrentes provas convincentes de que não precisava de almofadas. Os juízes, no entanto, estão agora embaraçados, e não sabem o que fazer diante dessa disputa entre lindas mulheres.

Não é justo que nós, daqui de tão longe, vamos dar palpites aos senhores juízes de New Orleans para tirá-los do embaraço em que estão; mas, como tôda verdade só se prova pela experiência, seria o caso de pôr em prática aquêle processo de Friné, a bela grega defendida por Hipérides diante do Areópago.

INCRIVEL RECLAMAÇÃO

UM jovem de nome Leandro Garcia, natural do Estado de São Paulo e residente nesta capital, num dos subúrbios da Leopoldina, matou-se durante uma destas últimas madrugadas.

Trabalhava êle em obras de construção urbana, morando nos fundos do edifício que se erguia e do qual ia recebendo o recurso necessário ao sustento de sua vida.

Mas Leandro Garcia ocultava no fundo do peito uma paixão. Alguém que se chama Ester era o motivo de sua melancolia, de sua desgraça de viver sem poder alcançar a realização de seus sonhos de moço.

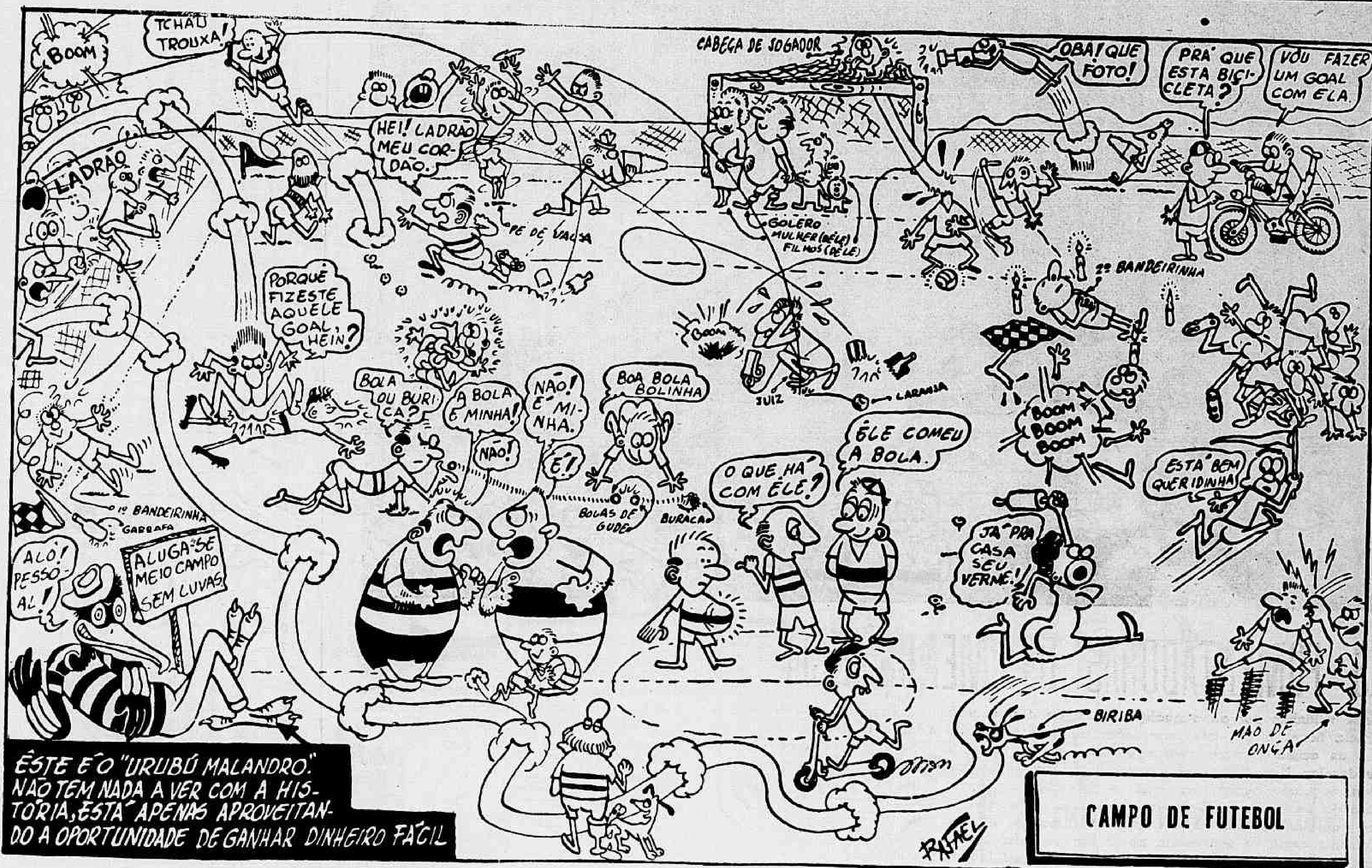
. Naquela manhã o comissário Carlos Leão Mendes, do 2.º Distrito Policial foi chamado ao local em que trabalhava o inditoso Garcia para tomar as providências cabíveis no caso, diante do suicídio do moço.

A autoridade apurou que Leandro se despedira do trabalho no último domingo e que andava muito acabrunhado, desgostoso de levar esta vida até o fim natural.

Os seus amigos, conhecidos e colegas de luta pela conquista do pão notavam a tristeza do rapaz; entretanto, como o coração é terra que somente o próprio dono pode penetrar, iam deixando a situação prosseguir normalmente, sem ligar maior importância.

E Leandro Garcia ingeriu violento tóxico, morrendo. Deixou, porém, um bilhete que encerra uma reclamação espantosa e inédita: "Tentei, há dois dias, contra a vida, mas o tóxico que ingeri e me foi vendido em uma farmácia do Catete estava falsificado e não fêz nenhum efeito" contra uma falsificação benemérita.

E' a primeira vez que se reclama contra uma falsificação benemérita.



CAMPO DE FUTEBOL



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Marcos de nossa fé e monumentos de nossa história (Antônio Loureiro de Souza) ... 4/5
Conversa de Barbeiros (Sabino Canalini) ... 8/11
A casa onde morou Ruy Barbosa (Milton Pedrosa) ... 12/15
Poeira e dilúvio (Vinícius Lima) ... 23/26
Muito trabalho e pouco dinheiro ... 28/32

ATUALIDADES

Quem não tem competência... 3
Quando teremos a televisão? 16/18
Opulência da Casa Real Portuguêsa ... 35/37

LITERATURA

O drama do Frederico (Yolanda Lorenzato) ... 22
Conspiração (Hilton Faria) ... 38
Viver com amor (Margaret G. Nichols) ... 54

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista ... 6
Puxe pelo cérebro ... 7
Música (Roberto Lyra Filho) .. 41
Tudo isto aconteceu ... 56/57

CURIOSIDADE

Você pode se tornar um grande mágico ... 33

CINEMA

Outra tentativa do cinema nacional ... 20/21

HUMORISMO

Enriquecer depressa (Nicodemus) ... 27
A semana (Théo) ... 19
Bom humor ... 34
"Charge" de Rafael ... 57

PARA A MULHER

O divórcio em Hollywood (O.B.) 39
Para os seus quinze anos .. 40
À hora do cocktail ... 41
O branco em tôdas as horas 42
Chapéus de palha ... 43
Dias cinzentos ... 44
Week-end ... 45
Cabeças modernas ... 45
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 46

AVENTURAS

Scarlet ... 53

ILUSTRAÇÃO

Orlando Matos

FOTOGRAFIAS

Arnaldo Vieira
Vinícius Lima

NA CAPA

YVONE DE CARLO
(Foto Universal-International)

Respostas do Teste da página 7

1 — Dejecções de aves marinhas.
2 — O sol. Os outros astros citados não são estrêlas
3 — Saturno
4 — Grécia
5 — Metalóide gasoso simples
6 — O ferro
7 — Óxido de hidrogênio
8 — Do nascimento de Cristo
9 — Cinco anos
10 — 45 dias antes da Páscoa
11 — Hematosina
12 — Oito
13 — 22 de setembro de 1792
14 — Da Guerra dos Cem Anos
15 — Soberano da ilha
16 — Saint-Clair Daville
17 — Londres
18 — Magnética
19 — Os mares
20 — Bornéo.

AS FOMENTADORAS DA MENDICANCIA

O leitor costuma andar pelas ruas mais centrais da cidade, no coração comercial das casas de modas, chá, elegância, como sejam as do Ouvidor e Gonçalves Dias? Se já andou, não se demore e vá dar umas voltinhas por ali a qualquer hora do dia, exceção, é claro, aos sábados depois do meio dia e aos domingos. De sua experiência ficará a seguinte impressão: ainda somos uma cidade de hábitos sertanejos. Ruas estreitas e movimentadíssimas como são as acima citadas, apesar de não ser permitido o tráfego de veículos, elas não oferecem aos pedestres o espaço que seria de desejar. Uma pessoa que tiver pressa em entrar na rua do Ouvidor lá pelo largo de S. Francisco e descer por ela até a Avenida, seguindo sempre em frente e desembocar na rua Primeiro de Março, só conseguirá chegar ao seu destino depois de uma hora de paciência... O motivo é simples: grupos de senhoras e senhoritas, com crianças ou sem elas, ficam paradas, em blocos, nos passeios a olhar vitrinas, a discutir modas, a fazer críticas justas ou injustas, a elogiar ou a botar defeitos, a conversar calmamente como se estivessem no jardim ou quintal de suas casas, impedindo o trânsito, aborrecendo os que precisam andar. E não fica apenas nisso. As senhoras de tôdas as idades já despertaram a atenção de mendigos, de ordinário aleijados e pseudo-inválidos, os quais afluem para aquela elegante artéria de nossa capital, sabendo de antemão que vão encontrar em todo o seu percurso as almas piedosas das senhoras para dar-lhes esmolas. E' por isso ainda que há na rua do Ouvidor a maior aglomeração de vendedores de bilhetes de loteria. Desta forma, além de interromper o trânsito, as mulheres estão a nutrir o vício de esmolar, quase sempre praticado por pessoas que podem exercer algum emprêgo. Sôbre o assunto a REVISTA DA SEMANA publicará na próxima semana curiosa e movimentadíssima reportagem ilustrada.

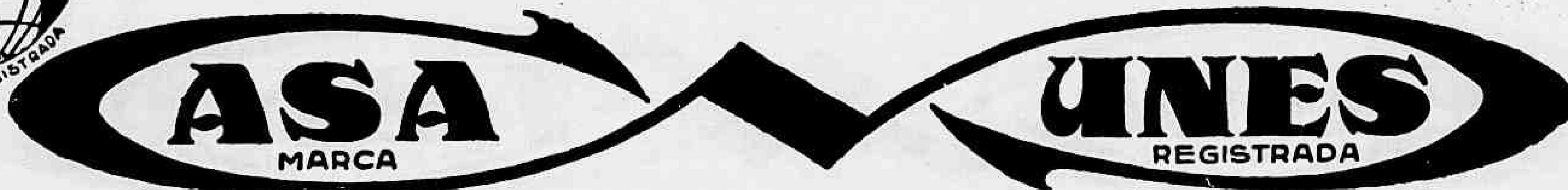


CAPACHOS INDIANOS
TAPETES de PELÚCIA
TAPETES e PASSADEIRAS
com **flores** (novos desenhos)
recebidos da INGLATERRA

Mobiliários
e
Decorações

orçamentos e sugestões executados por
técnicos decoradores





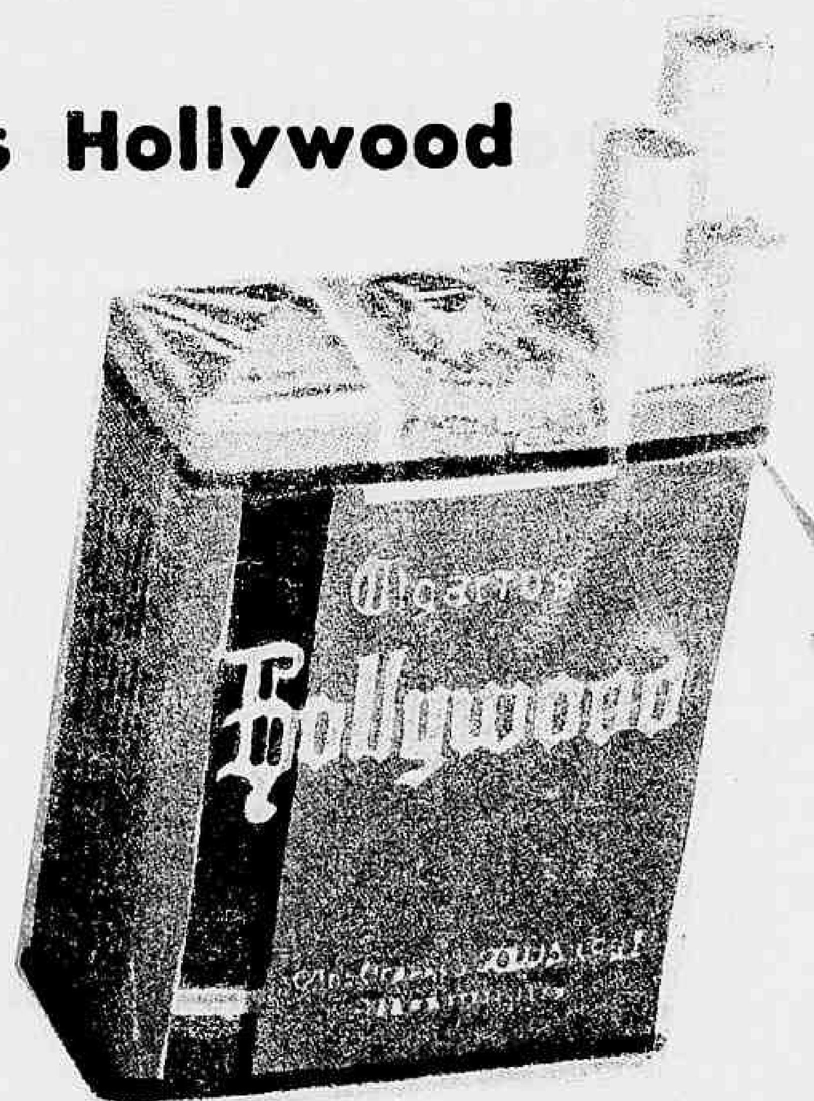
65 RUA DA CARIOCA 67 -- RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

No aristocrático Gávea Golf Club, no Rio de Janeiro, fumar Hollywood já é uma tradição. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Cia. de Cigarros **SOUZA CRUZ**